

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**A ERA DA COMUNIDADE EDUCATIVA
TER VOZ NA ESCOLA PARTICIPADA**

**Contributo para uma análise da participação dos diferentes
actores na administração da escola secundária (no contexto
do DL 172/91), segundo a óptica da metáfora política**

Volume Anexo

CORPUS DA INVESTIGAÇÃO

Domingos Alberto Macedo da Silva Bento

Dissertação apresentada ao

**Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, para
obtenção do grau de Mestre em Educação, Área de Administração Escolar,
sob a orientação do Prof. Doutor Natércio Augusto Garção Afonso**

Évora 1999

101 020

ÍNDICE

Introdução

Cap. I - ENTREVISTAS (1 - 156)

Cap. II - OBSERVAÇÃO DIRECTA (1 - 56)

Cap III - ANÁLISE DOCUMENTAL

INTRODUÇÃO

O *corpus* deste estudo de caso reparte-se em três partes distintas, que decorrem de outras tantas técnicas de investigação nela utilizada.

A recolha de dados foi organizada em três volumes distintos: vol. I - **Entrevistas**; vol. II - **Observação Directa** e vol. III - **Análise Documental**.

Reunimos neste volume único “CORPUS” as três partes acima referidas, mantendo a divisão inicial e a paginação por volume, a fim de garantir coerência absoluta com as citações ao longo da dissertação.

No capítulo das *Entrevistas* deparamos com um duplo problema. Em primeiro lugar o texto contém gralhas decorrentes do processo de transcrição das entrevistas do registo audio para o suporte escrito. A necessidade de avançar com a análise e tratamento de dados impediu uma demorada revisão do texto destinada a expurgá-lo de tais lapsos. Quando extractos das entrevistas foram utilizados no texto, obviamente que foram cuidadosamente revistos.

Outro ponto fraco das mesmas decorre do absoluto respeito pelas palavras proferidas pelos entrevistados. A linguagem oral nem sempre é transponível, sem aperfeiçoamento, para a forma escrita. Como pretendemos ser asolutamente fiéis ao que recolhemos em suporte

audio, por vezes os parágrafos não têm uma estrutura coerente, pois decorrem da natural forma de se expressar oralmente dos diversos actores da Comunidade Educativa que foram entrevistados.

No que concerne às transcrições decorrentes da *Observação Directa* as mesmas foram devidamente revistas, tendo existido a preocupação de conterem pormenores que foram por nós observados. Tais registos encontram-se transcritos na íntegra no capítulo respectivo.

Pela extensão excessiva, que ultrapassava as quinhentas páginas, não se apresentam neste volume do Corpus todos os documentos que foram objecto de *Análise Documental*. Estes foram minuciosamente lidos e categorizados na fase de tratamento de dados, mas apenas se apresenta um índice remissivo para o dossier com tais documentos.

DOMINGOS ALBERTO BENTO

A ERA DA
COMUNIDADE EDUCATIVA
TER VOZ
NA ESCOLA PARTICIPADA

VOLUME I

ENTREVISTAS

ÉVORA -1998

ENTREVISTA nº 1

Presidente do CE

Gil-PrCE

ES - 97/01/27 - 13:30 - duração 58 min

Em primeiro lugar queria pedir ao PrCE que fizesse alguns comentários sobre o funcionamento da escola, pontos fortes e fracos, que queira referir, nomeadamente, sobre o clima de escola.

A escola é uma escola relativamente nova. E digo relativamente porque foi criada na altura em que este edifício era do Colégio das Irmãs Doroteias e foi vendido ao ME creio que em 72 ou 73; a escola é criada como escola pública nas imediações do 25 de Abril e foi negociado o edifício com a condição do pessoal ser absorvido pelo ME. Por causa disso houve uma func. que não tinha a instrução primária. Isto até foi objecto de uma história muito engraçada com um inspector (...)

(o Pr CE contou uma história engraçada...porém que nada tinha a ver com o contexto desta investigação)

A escola passou já por 2 nomes (...) este último patrono não era o nome que a escola queria(...) (não relatei para manter o sigilo sobre a escola da amostra). Mas aí entraram influências estranhas à escola, nomeadamente, a própria Câmara, e acabou por ficar (...) que foi o homem da reforma agrária do século XVII. Era um fisioterapeuta que defendia o valor da terra sobre o valor do mercado de pessoas.

A escola sempre funcionou razoavelmente bem. Quando acabei o estágio (Fiz em Almada e vim para aqui) vim parar aqui sem querer, porque a 1ª escola que eu tinha posto no boletim de concurso tinha sido a AG. Fiquei aqui e no ano seguinte fui-me efectivar a Reguengos e regressei já por opção, porque gostei do funcionamento da escola.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Tem um corpo docente relativamente novo ... neste momento em termos de idade, se não sou o mais velho, sou um dos mais velhos e de facto do que eu gostei foi do ambiente da escola entre professores, alunos , etc.

A escola neste momento cresceu (já foi maior) é a maior escola da cidade em frequência diurna e também parece-me que é a escola com maior ecletismo, tirando os cursos técnicos da GP.

Os pontos altos da escola: em parte o edifício que é de pedra e cal, construído de raiz. A área circuncizante da escola. Temos uma zona de protecção bastante boa, com arborização, com espaços livres etc. Ponto alto da escola também o próprio corpo docente que tirando 2 ou 3 casos pontuais, é um corpo docente bastante estável e novo e bastante comprometido com a escola

Há também pontos negros, tem sempre de haver falhas e excepções. Tem tido nos últimos anos uma gestão muito empenhada. Não só neste modelo de gestão, mas também nos anteriores CD. Eram altamente empenhados no funcionamento e organização da escola. É uma escola organizada. Os diferentes intervenientes estão consciencializados e estão interessados que as coisas funcionem.

Pontos negativos temos por um lado a falta de instalações para o ensino da disciplina de ginástica , de educação física. Está há muito anos prometido o pavilhão gimno-desportivo, também pensávamos que nos arranjassem uma sala polivalente que servisse para isso , mas não há . Entrou-se num jogo de ping-pong , em que a escola era a bola, entre o ME e a autarquia. Ninguém se entendeu e a única prejudicada foi a escola que continua sem esse espaço. Fez-se um campo polivalente de basquete, futebol de 5 e andebol, mesmo em cima da horta.

A horta neste momento também não tem ... a escola tinha condições para desenvolver a área das agropecuárias, e que sempre existiu nesta escola, mas com a tendência para centralizar tudo nas escolas profissionais esta área foi desaparecendo, e neste momento não tem o peso que tinha, nem nada que se pareça. Está apenas 2 ou 3 turmas que naquela componente de oferta da escola e não

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

propriamente curricular. Temos técnicos competentes para isso no corpo docente da escola e essa área foi-se perdendo e é pena, porque era isso que nos distinguiu das outras escolas da cidade.

Também não fazia falta uma horta tão grande e parte foi sacrificada para esse campo polivalemnte e o hortalão que existia reformou-se e o ME não nos concede nenhuma pessoa para esse serviço específico e a horta praticamente desactivou-se e se não há alguma atenção para isso, vai-se transformar num matagal, porque não há forma de a cultivar. Porque uma coisa são as aulas e o que os professores fazem, outra coisa é a assistência diária continuada que qualquer exploração agrária, por mais pequena que seja, necessita. Precisa de alguém que olhe e veja ... agora tenho que regar.

Outro ponto negativo será (nos últimos 3 anos) um certo desencanto com todos aqueles pontos que nós com o NMG apontávamos como sendo necessários reflectir e alterar e não se fez nada e isso trouxe um certo desencanto das pessoas para o NMG.

Gostaria de resumir alguns desses pontos resumidamente?

Alguns desses pontos, nomeadamente a falta de definição séria das funções do CE relativamente ao DEX. Porque é muito fácil que haja tendência do DEX de querer entrar no CE (e vice versa) e ao princípio vimos que houve decisões que se tomaram no CE que estavam na área do DEX , só que estávamos em tempo de aprendizagem e era inevitável que isso acontecesse. Houve decisões que se tomaram em matéria de segurança, etc que pertencia ao DEX tomar. O CE devia ter dito: é necessário que se faça isto; agora o como fazer ... Foram aqui tomadas decisões que não pertencia ao CE.

Outro facto que sempre se tem dito é que om Pr o CE não basta (no caso das escolas secundárias) ser o coordenador do órgão colegial. O DEX sendo um órgão unipessoal necessita de ter, em determinadas situações, alguém a que possa recorrer que não seja

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

meramente um opinião pessoal, mas seja um opinião institucional. É necessario isso. O Pr do CE tem de ser uma figura com estatuto definido, com algumas funções bem definidas.

Por outro lado, também o facto do Pr CE ter mandato anual, vem prejudicar o funcionamento do CE. Sabemos que há o perigo das pessoas se agarrarem ao "tacho", mas também há outro perigo que é a mudança contínua que não beneficia ninguém. Quer dizer quando se estabeleceu entre o Pr e o CE uma determinada relação de empatia que faz com que as coisa funcionem, muda-se, e ao mudar a pessoa que vem ... pode dizer-se que pertence ao mesmo órgão, mas as pessoas que mudam. Não, porque cada pessoa tem a sua maneira pessoal de fazer as coisas e não há possibilidades das coisas serem iguais. E isso também dificulta. Nós aqui fizémos sempre as eleições para o Pr do CE e o Conselho achou que era de continuar sempre o mesmo presidente, mas vemos perfeiramente (até porque falamos com colegas de outras escolas) as dificuldades que isso traz. E naturalmente, há sempre hipótese do CE dizer ao Pr: amigo, isto não está a funcionar bem, ou alinhadas, ou mudas. Porque aí o CE é soberano.

Por outro lado, há decisões do CE que precisa de determinadas maiorias e outras que não precisa. Há um bocado de confusão com isso. Há coisas que a maioria simples chega, mas há outras em que não. Ao definir-se melhor as funções do órgão, também havia que as regulamentar melhor...É certo que o CE pode, através do regimento interno, especificar certos pontos do seu funcionamento. Não existe a figura do Vice Presidente mas devia existir, assim como um secretário; isto de dizer que é o mais novo que faz as actas ou que as actas são rotativas, não dá. Tem que ser alguém que com uma certa permanência faça as actas para ser o mais possível fiel ao espírito. e à linha do Conselho.

Nós criámos a figura do Secretário, também com mandato anual como o presidente e definiu-se para além da função de secretariar as reuniões a função de substituir o presidente nas suas impossibilidades de presença. Exactamente para que o trabalho do

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

secretário que tem alguma ligação ao pres. dar uma certa sequência ao trabalho.

A representação da escola tem de ser minimamente definida por lei, não pode cada escola resolver o problema como entender ... tem de haver uma linha comum a todas as escolas que estiverem neste modelo. Senão ninguém se entende.

Sempre achei que a representação da escola se tinha de fazer por níveis. Há situações que a representação da escola pertence à Direcção e aí não há dúvida nenhuma que é o Pr. do DE que tem que ir. Há situações que a representação da escola pertence ao DEX (nos assuntos executivos) e até há situações que pertence ao Pr do CP.

Agora não se deve deixar ao critério da escola optar. Até há casos em que vão os três. Agora dizer (como diz o desp 128) a representação da escola pertence ao Pr do CE como presidente do órgão directivo, não está correcto, porque não foi criada a figura própria com estatuto próprio. Primeiro tinha de se fazer isso. Porque o Pr do CE não tem quaisquer funções executivas, nem o CE, e aliás, nesta escola, as pessoas que aderiram ao CE foi (para além de outras razões) não terem funções executivas, mas apenas meramente directivas. E não tendo funções executivas, não se compreende como se atribui a representação oficial da escola, em situações claramente executivas... não poder ser .Está errado.

Tudo isto são pontos que têm de ser vistos e revistos . E aparecem no próprio relatório do CAA. Vamos esperar. Não há dúvida nenhuma, porque o ano passado toda a gente dizia que a única solução era prorrogar os mandatos por mais um ano ... e entretanto resolver-se o problema. Sem quaisquer alterações.

Mas vir alteraras regras de funcionamento a meio do jogo não pode ser e assistiu-se a uma certa desestabilização da escola no final do passado ano lectivo, porque o DEX demitiu-se. O CE aceitou a demissão do DEX. O CE entendeu que não era a altura de se demitir naquele momento, ninguém tinha sido ofendido, pelo aquele despacho. Reservou a sua tomada de atitude para a altura que julgasse oportuna ... e ficou isso em acta.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

O CP demitiu-se nessa altura. Foi sempre princípio deste órgão CE não se imiscuir no funcionamentos dos outros órgãos. Exigir o seu funcionamento, mas não dizer como funcionar .. isso faz parte deles. E portanto, não se comentou minimamente a decisão do CP e isso deu uma complicação muito grande.

Até por que abriu-se o concurso para DEX, o que é que aconteceu...há uma única pessoa a querer concorrer mas que não é concorrente por várias razões. 1ª razão : não estava minimamente enquadrado nas exigências gerais. A pessoa nem sequer é professora, (foi professor ocasionalmente). Estava a terminar uma licenciatura em gestão na Universidade. Mas não tinha qualquer condição ... não era professora efectiva da escola, nem por um ano , quanto mais com 5, como a lei exige. Mas o mais grave ainda, é que não cumpre as exigências que são feitas no aviso de abertura. Porque o aviso de abertura diz que devem concorrer fazendo o requerimento ao Pr. do CE para ser admitida ao concurso e a pessoa escreve uma carta ao Pr de CD (figura que nem sequer existe na escola) e a dizer que está disponível para...

Apesar de todas as irregularidades que têm entendido-se (o Pr do CE e a Comissão de Seriação) que aquilo não era nada ... simplesmente a jurista da DRE entendeu que era uma concorrente, devendo o processo ser levado até ao fim, porque a pessoa podia recorrer. Mas recorrer de quê? Se não faz sequer o requerimento? Isso deu uma guerra entre o CE e a DRE nomeadamente entre, através do serviço de pessoal e da jurista ... o que fez com que o DEX fosse nomeado no fim de Agosto e acabou por ser nomeado já com o ano a decorrer .

Mas é o mesmo DEX?

Sim é o mesmo DEX que foi nomeado por um ano. Se o Sr DRE não tem nomeado essa pessoa iria criar um problema muito grande na escola, porque nem o CE aceitava uma pessoa de fora da escola nem o resto do corpo docente.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Mas o pior é isto. É que dentro do corpo docente da escola, não há ninguém que esteja em condições da portaria para isso. Porque não há ninguém que tenha aprovação em CESE de Adm. Esc., nem há ninguém que tenha 8 anos como Pr do CD, a não ser o DEX(actual) .

Portanto para cumprir a lei o sr DRE só podia ir buscar uma pessoa de fora ou nomear o actual DEX que tinha pedido a demissão. Ou então (não podendo cumprir a lei) nomeava alguém do corpo docente da escola (a escola aceitava isso) não aceitava era alguém de fora da escola. Isso foi tudo comunicado ao Sr DRE e este garantiu que nunca iria criar um conflito numa escola onde as coisas estavam a funcionar. Só que estas deficiências por parte do gabinete jurídico da DRE, vieram complicar tudo e vieram fazer demorar porque estávamos em risco que os horários tiveram de ser atribuídos ao DEXe Adj. (e não iriam ser ocupados por eles) e poderia aqui surgir qualquer pessoa sem o mínimo de qualificação para isso .

Felizmente não aconteceu, mas criou condições para isso.

Às tantas foram atribuídas culpas ao CE, que as regeitou liminarmente, porque não as sentia... e tudo isso resultado de as coisa não estarem clarificadas como deviam ser (e houve tempo para as clarificar), e por outro lado, por terem sido tomadas decisões absolutamente extemporaneas e irrealistas, como sejam em que os mandatos são prorrogados administrativamente, os órgão não são escolhidos por vontade democrática da escola, serem alteradas as regras do funcionamento.

Já que fala nisso, esta questão desta prorrogação de mandato que, salvo erro, estão volvidos 8 meses após esta prorrogação, o CE não está preocupado quando vê esse tempo a passar?

O CE está muito preocupado por ver esse tempo a passar e aquilo que aconteceu no ano passado , tomar consciência do que era para a escola a demissão de todo o CE, criando toda uma

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

instabilidade (que estava criada pelo próprio despacho), mas convocar-se eleições, nas férias no princípio do ano lectivo e depois apareciam listas ou não apareciam listas. Toda esta instabilidade foi a única razão que fez com o CE não se tivessem demitido. Porque senão ter-se-ia demitido em bloco na altura. O CE está preocupado e afirma ... o ano passado aguentou a situação mas não volta a aguentar nas mesmas circunstâncias ... cai! O poder cai.

Uma das coisas é o CE ser um representante da Com.Edu. Na sua opinião pensa que o DEX representa essa comunidade ou muitas vezes representa mais a administração?

Ora bem isso é um bocado complicado por uma razão muito simples. Suponhamos que uma decisão do CE estava em contradição com uma regra da Administração Central, qual é que ele cumpre? Se cumpre a da AC entra em guerra com o CE arrisca-se. Se cumpre a decisão do CE tem a AC à perna. Não se sabe qual é mais penosa. Mas a coisa é complicada. Ora bem ... eu penso que o actual DEX tem tido uma coisa que aqui na escola tem funcionado : que é o *bom-senso*. E que é tentar conciliar as decisões da AC com as do CE. E tentar que o CE também não tome decisões que vão afrontar directamente a AC.

Houve uma que o CE afrontou directamente, mas que não tinha complicação nenhuma para o DEX que foi rejeitar linearmente o nº 1.5 do desp 128 que atribui a representação da escola ao Pr de CE.

O CE tomou a decisão e de não a cumprir e isso foi comunicado à Sr^a DR que não iria cumprir e não veio mal ao CE e não virá porque senão as coisas tornam-se mais graves ainda. Foi a única decisão em que o CE afrontou directamente a AC. Directa e conscientemente do que estava a fazer.... de resto procura-se sempre a articulação.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

A actuação do DeX, mesmo em certas decisões muito polémicas que seja obrigado a tomar por imposição da AC, procura sempre, antes disso dar conhecimento ao CE e até, solicita ao CE ,como actuar naquelas circunstâncias?

Ele tem sido o representate da Com..Escolar e ao mesmo tempo o da AC o que não é fácil! O que não é nada fácil ...

Um ponto muito concreto: o orç. da escola. Continua-se a fazer nos mesmos moldes como para todas as escolas. Chega o orç. na 2^aquinzena de Jan. para estar pronto até ao dia 31. Numa escola normal isso é perfeitamente fácil. O CA reúne determina, reúne e andou. Numa escola no NMG isso já não é assim, porque o Proj. de Orç. feito pelo CA tem de vir ao CE e pode passar sem mais nada, pode passar com indicações de rectificações ou pode ser pura e simplesmente chumbado e tem de ser feito de novo. E isso não é possível fazê-lo até 31 de Jan. e depois quem sofre? É a Escola.

Há coisa em que nunca se mexeu ... mas esta escola desde o 1º ano em quo Proj. de Orç. teve de ser aprovado no CE que sempre seguiu uma nota que dizia qíue não pode ser nas escolas do NMG por isto e isto e isto ... Da parte do ME nada se fez para modificar isto. Conciente ou inconscientemente nada se fez. E isso são situações que complicam. Nós vamos ter na próxima 4^a feira o CE para definir o orç. (Era dia 27 /1) e só ao fim da tarde da véspera ou no próprio dia de manhã é que temos as minutas para poder estudar. E isso não é suficiente...

Um pequeno aspecto paralelo. Será que nesta escola existem conflitos ou desacordos? Se existem quais as origem? Há grupos de pressão que se reflectem no próprio CE?

Haver desacordos tem que haver ... e felizmente que há ... porque carneirada não serve para nada. Agora há um grupo, ou um grupinho minoritário de pessoas que não estão de acordo com coisa nenhuma. Isso é nítido que há. Que me parece inclusivamente que se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

situa num nível de conflito pessoal e não institucional.

Sabe-se perfeitamente quem são as pessoas ... mas não chega a ser grupo de pressão, porque não tem força para ser pressão. Tem uma atitude mais maquiavélica que é de picar e minar.

Relativamente ao CE não se sente essa influência cá, porque as coisas estão arrumadas. Onde se sente mais é na "chateação" relativamente ao DEX (aí é que se nota bem). Eles aproveitam todas as oportunidades para levantar uma questãozinha... e mais uma questãozinha.

Um desses elementos fez parte do CE e nessa altura notava-se a oposição entre esse elemento e o DEX. De facto alguns conflitos que houve no princípio (não violentos) deveram-se a esse antagonismo. E foi um conflito que foi preciso gerir ...

É certo que isso ajudou a progredir. Senão há conflitos não se progride. Os conflitos podem ser é mais ou menos bem intencionados. Mais ou menos violentos. Nessa altura foi difícil gerir a situação, porque o Pr. no CE não tem de tomar atitude, nem por A, nem por B, porque não é juiz de ninguém. E houve a tendência que o PrCD fosse juiz e julgasse o DEX e o PrCE não é a pessoa mais prudente da escola, mas tem um rabo muito pelado ... e achou que não devia entrar. Quando acabava as reuniões recolhia os estilhassos todos que por aí ficavam ... mas não entrou. E isso fez com os conflitos se fossem esbatendo. A pessoa pediu a demissão do CE, saiu e foi fazer a guerra para outro lado.

Porque desacordos e conflitos de opinião têm que surgir e são enriquecedores. Eu conheço uma família que tinha muito interesse em África, e qualquer negócio não se fazia se todos estivessem de acordo. Se todos estão de acordo o negócio não se faz. Tinha de haver alguém que estivesse contra para se verem os poderes.

Isso tem-se conseguido... só que ganhou o CE, em funcionalidade, porque não se perdeu tempo com questeunculas...

Na última reunião do CE tratou de 2 assuntos um bocado delicados. Um deles foi exactamente o problema da horta e dos espaços envolventes porque precisa-se de alguém. Então fez-se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

pressão para a DRE para que colocasse alguém.

Outra foi a história de um muro feito lá ao fundo da escola. Foi arrancada a vedação da escola e foi feito um muro em cima do muro de suporte da vedação metálica. O que equivale a dizer que aquele quintal ficom com mais 10 cm num espaço de 5 ou 6 m à custa do terreno da escola. E isso foi autorizado ... não se sabe por quem ! O CE tomou a decisão de pedir as informações que julgou conveniente ao DEX,; como a situação não se eram suficiente para esclarecer o CE ... então o CE decidiu oficiar ao DRE para que informasse o CE do que é que estava a passar e quem é que tinha autorizado. Até hoje não houve resposta e o muro parou como estava ... e o CE está atento porque no dia em que houver qualquer sinal lá, naturalmente volta a carga. Com este CE a funcionar aquele muro não ficará cá! E isto é uma decisão que não compete ao DEX, mas ao CE de não o deixar fazer ... porque já não é uma decisão executiva.

Quando no ano passado surgiu a possibilidade do próprio CE se demitir colocaram-se aqui várias hipóteses.

Uma delas foi o CE demite-se convocam-se eleições que vão cair em cima das férias, então não é exequível. Colocou-se outra hipótese que seria alguém à margem da escola vir a concorrer por uma lista; ou há outras pessoas a concorrer ou não há. Se há a escola que se manifeste quem é que prefere e nós aceitamos. Ou não há mais ninguém a concorrer esse individuo pode é não ter votoção suficiente para uma eleição á 1ª e então terá que se sujeitar a ser eleito com os seus próprio votos. Ou então não aparece nada, nem ninguém, temos de nos manters em exercício até ao final.

Pensa-se que há 50% de hipóteses no caso deste CE desaparecer desse grupo concorrer ou de não concorrer. Há hipotese de concorrer para se manifesta (tem todo o direito) ou de não querer concorrer porque não se quer sujeitar e nesse caso perde toda a legitimidade para dizer seja o que for.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Dessa maneira o CE assume-se como uma arena de debate e não como um órgão passivo?

Sim, sim . E houve pelo menos uma altura em que serviu para solucionar um conflito entre o Pr da AE e o próprio DEX. Foi na altura das guerras das provas globais... a AE fechou a escola a cadeado . O DEX disse que não forçava a entrada (e acho muitíssimo bem) ...

O CE reuniu de emergência fora da escola e foi dito à AE que no dia seguinte o CE havia de voltar a reunir , mas que iria reunir dentro do seu próprio espaço. E era a eles que deviam providenciar para que isso acontecessem e... abriram os portões. A questão foi sanada. Eles acabaram por fazer uma espécie de referendo sobre quem queria e quem não queria fazer as provas globais ... e verificou-se que era uma minoria que não queria. Nomeadamente uma turma que estava ligada a professores desse grupo a que falávamos há bocado. Naturalmente esses alunos não fizeram as provas e acabaram por ser prejudicados na própria situação. Foi um tiro que lhes saiu pela colatra. Foi o CE que contribuiu grandemente para solucionar a questão sem violências de lado nenhum.

Achámos que quem fechou que abra.

A relação entre a escola e a comunidade exterior foram determinadas pelo CE. As relações entre órgão. Não se fixaram regras... (não foi um regulamento), mas determinaram-se princípios de relacionamento entre órgãos.

O PE foi à frente com o patrocínio do CE. Pertenceu ao CP elaborá-lo... dentro de algumas orientações dadas pelo CE. E até teve um certo acompanhamento do CE. O grupo de trabalho que estava a fazer o PE, teve o acompanhamento de um membro do CE.

Não é um órgão meramente passivo ... embora haja que pense o contrário. Não foi um órgão passivo, foi um órgão interveniente cada vez mais no seu campo de acção e cada vez menos fora dele (isto também se vai aprendendo porque eu não tinha exp^a nenhuma disto). Mas um órgão meramente passivo sempre se recusou a ser!

Um ponto ligeiramente diferente mas correlacionado com o que acabea de dizer. a relação da escola com a família. O envolvimento dos pais, A comunicação escola Pais. Que formas de participação têm os pais nesta escola? Notou-se alguma diferença com o novo modelo?

Talvez tenha havido um bocadinho de mais consciência da parte da APEE ... ou melhor, da parte AP não , mas da parte de alguns pais de que podem ter alguma influência na organização da escola através da sua presença neste órgão.

A comunicação entre as escolas e os pais sempre foi feita de uma maneira privilegiada através dos DT que é a estrutura normal para isso e procurou-se neste NMG dar-lhe cada vez mais força na sua função. A presença da APEE no CE (nunca se conseguiu a presença dos 2 representantes dos pais, mas 1 esteve sempre presente) fez com de facto parece haver da parte da APEE uma ligeira diferença de encarar a escola.

Para a maioria dos pais, a escola é um parque de estacionamento óptimo para os filhos durante 10 horas. E não é mais do que isso. Enquanto o filho está na escola o papá está descansadinho, daí se sempre que falta um professor, ou há greve dos professores aqui dél rei que é uma carga de trabalhos, porque as pessoas têm de ficar os meninos em casa e ninguém sabe o que lhes dar que fazer. Falta-lhes o parque de estacionamento.

O problemas das faltas para a maioria dos pais não a falta da aula, mas é o menino não ficar entregue...isso é que os preocupa. De qualquer maneira penso que, com o contacto que tive com alguns pais, que há uma maior consciência maior que a escola não é este corpo estranho que está aqui, mas existe para lhes dar a mão a eles e para trabalhar em colaboração com eles ... não se pode exigir à escola que faça aquilo que o pai não faz.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

E em relação à escola e outros elementos da comunidade. Já se falou de alunos e por exemplo is autarcas?

Em relação à escola e ao relacionamento da com. eu tomo como ponto de referência isto: a Câmara Municipal, já há muitos anos para cá, faz no princípio todos os anos lectivos a recepção aos professores. E eu lembro-me num ano o Vereador da Cultura nessa altura e era o representante da Câmara neste CE, quando falou no momento da recepção referiu-se ao NMG, referiu-se a esta escola e aos orgão que lá estavam representados e dizer que já que mais não fosse este NMG tinha uma vantagem muito grande que era encarar a escola de uma maneira completamente diferente . A escola e os professores eram encarados de uma maneira diferente. Tem havido das entidades exógenas à escola uma diferença na atitude em relação à escola. A escola tinha já uma tradição bastante grande de colaboração com outras entidade, nomeadamente, com a CM, e com as entidades que agora estão representantes no CE, enfim já havia colaboração.

Mas agora a presença desses elementos como direcção da escola é nova e nós notamos que a presença dessas entidades no CE é muito rica por vários motivos: 1-faz com que a escola seja vista por essas entidades não como a coisa a quem vão dar a mão para colaborarem, mas uma coisa com a qual estão comprometidos. A sua actuação foi sempre em crescendo...não de volume, mas de qualidade. Habitualmente eu ligava sempre a todas as entidades estranhas à escola, no último CE não liguei a ninguém e todas essas entidades estiveram presentes... isto denota o interesse que têm, senão diziam que não tínhamos dito nada, se calhar não vale a pena lá ir.

A própria Câmara. Nós não queremos que a CM nos dê mais (nem menos) coisas do que dá às outras escolas; agora queremos é que a CM tenha um empenhamento diferente com esta escola do que em relação às outras. Faz parte da direcção da escola. E isso em

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

relação às pessoas que têm estado (tem havido continuidade), porque isso de as pessoas estarem sempre a mudar também não ajuda nada nem ninguém.

A escola tem sido encarada por estas entidades de uma maneira diferente. Isso tenho consciência que se tem ganho alguma coisa nesse aspecto (se calhar pouquinho) .. mas se ganhasse muito ...

A nível da competências de direcção até que ponto a direcção (o CE) influencia a gestão da escola (DEX)? Nota alguma diferença nos tempos de CD para o DEX? O CE de alguma forma tem influência sobre as decisões da gestão?

Depende. Há decisões que o DEX não tem necessidade nenhuma de estar a consultar ninguém. Há outras que : por ex. em relação ao orçamento, vários têm sido alterados por proposta do CE e acontece até uma outra situação: O ano passado fizeram-se aqui algumas alterações no CE e depois de Lisboa, deram mais dinheiro até do que se tinha pedido (parece uma anedota, mas não é, raramente acontece ... mas aconteceu!). Há decisões que o DEX toma, mas que pede parecer ao CE e que como Pr do CD não tinha necessidade de pedir a ninguém. Como DEX , embora aos olhos de quem está de fora, possa parecer que tem mais poder que o Pr do CD, não tem; enquanto o DEX tem de responder a duas entidades, o Pr o CD apenas tem uma que é à administração central.

No fundo a escola tem alguma coisa a dizer...

No fundo a escola tem alguma coisa a dizer em relação à actuação do DEX , enquanto em relação ao CD, só tem a dizer no acto das eleições, mais nada.

Mesmo o próprio CP foi acusado neste modelo de ser esvaziado do seu poder. Mas esvazia CP se o CP deixar . Se o CP

Transcrição de entrevistas --- Domingos Bento --- UE

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

não actuar é evidente que o CE, tem de tomar a escola nas mãos, não pode deixar cair a escola no chão; mas se o CP actuar o CE não tem nada que se estar a meter na área dele. Tem é que exigir que funcione... agora como? Ah, isso não tem nada que ver! Porque isto é um órgão de direcção e o CP é um corpo técnico... o CE tem de verificar se ele está actuar com as regras existentes, quer a legislação, quer com as suas orientações, mais nada.

E foi sempre preocupação deste CE dar o máximo de respeito ao CP... e logo no princípio, ainda de estar a funcionar com a constituição do novo modelo (no 1º ano funcionou à antiga ainda). Sairam duas recomendações ao CP para que funcionasse, não como funcionasse.

Pusesse o PAE em ordem, etc.etc

Penso que em relação ao DEX, pois há situações em que tem de dizer os princípios são estes e tem de actuar dentro deles, mas na maior parte da vezes o DEX sabe como deve fazer. Ele é que sabe se deve fechar aquele portão das tantas às tantas, ou não. Há diferenças e há influências da opinião do CE sobre a gestão.

Há uma coisa que se pode por, é se de facto o CE está ou não em contacto com o resto da escola, para trazer aqui a opinião da escola (ou não), mas isso depende sempre dos próprios conselheiros. O CE como tal não tem condições para criar estruturas para isso . Agora cada professor aqui representado, cada funcionário, cada aluno, é que tem obrigação de quando vem aqui, saber auscultar as pessoas que estão no campo. Através dos grupos, dos departamento, ... claro que isso depende sempre do contacto que as pessoas tiverem... não se pode estar a criar mais uma estrutura de consulta **Não acabou -->B**

Uma opinião genérica sobre esta exp^a que está a decorrer quer no domínio das competências da direcção, quer no da gestão, quer na participação e da autonomia. Balanço desta exp^a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

O balanço que eu faço desta exp^o é apesar de tudo positivo, não digo que seja 100% positivo, nem para lá caminha, mas é positivo.

Já que mais não houvesse houve pelo menos uma consciencialização da própria escola para as dificuldades que um modelo destes tem sem autonomia criada. Também a autonomia não pode ser só criada, mas tem de ser conquistada. Só queo terreno onde se pode conquistar, neste momento, é muito pequenino e enquanto não houver uma autonomia financeira e administrativa tudo o resto da autonomia é ilusório. Porque se disser à escola que tem X para gastar, gastas como quiseres, depois tens de me dar contas de como gastaste ... com determinadas exp^a pedagógicas na escola as verbas estão em certas rubricas e não se pode mexer.

No entanto houve uma consciencialização da escola e verificou-se uma grande unidade da escola quando é a investigação que está em jogo e apesar de haver muitos críticos e de vermos que há deficiências , vemos que coisas que foram objectivamente positivo.

Hoje nesta escola não há praticamente ninguém por menos conhecimento que tenha sobre o funcionamento do NMG que não tenha consciência que a escola estará tanto melhor quanto mais envolvidos estivermos nela.

Foi uma consciência que se foi fortalecendo.

Eu não sei se este modelo vai continuar ou não. Cheira-me que não! E que nós estamos mais ou menos constituídos como comissão liquidatária do modelo ... mas de qualquer maneira a escola actual, venha aquilo que vier a seguir, já não é a escola que era antes do NMG.

Há dificuldades de comunicação. A comunicação torna-se mais pesada.. mas o facto de termos arranjado esquemas que ultrapassem os problemas de circulação da informação, também foi positivo. Obriga a um envolvimento maior dos vários intervenientes nesta situação.

Depois é positivo que os pais e as pessoas que pertencem a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

determinados orgão não pertençam a outros. Não haja acumulação de funções.

Também não fazia sentido que os membros do CE fossem simultaneamente membros do CP. Porquê ? Porque o CP é o orgão de apoio da Direcção, as pessoas estarem a decidir sobre coisas que tinham decidido noutra. E ao mesmo tempo sendo os mesmos de um lado e de outro, também se está a limitar o leque de opiniões. Não fazia sentido. É outro aspecto que acho positivo.

Mesmo em relação à informação, eu próprio não estou presente no CP, eu nunca deixei de estar informado. A minha preocupação foi sempre: 1º leio os papéis todos que estão afixados em todo o lado. 2º se houve uma reunião em que eu não pude estar presente, a 1ª coisa que faço é procurar ao responsável dessa reunião e perguntar o que aconteceu nessa reunião.

A informação também chega ou não chega, consoante o interesse que o destinatário tem em recebê-la. Se o destinatário não tem interesse em receber a informação, não há processo de a fazer chegar. Porque mesmo que lhe estejam a dizer na cara, ele não ouve.

Torna pesada a estrutura, mas também isso é possível de se resolver se houver vontade dos intervenientes. Quando se está sentado na cadeira à espera que lhe caia tudo em cima ... bom aí não há nada a fazer?

No fundo este modelo procura um incremento da participação activa e nesse contexto havendo mais gente a participar , as estruturas tornam-se mais complexas e mais pesadas. Diria que valeu a pena este aumento de participação da Com.Edu. ?

Eu acho que valeu a pena, mesmo que o modelo termine e venha o que vier a seguir, vai colher frutos desta exp^a. O DEX vai fazer 5 anos como DEX e a sua futura actuação se ele continuar na administração, será completamente diferente do que seria se ele

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

tivesse continuado estes anos todos como Pr do CD. Ele poderá responder por ele próprio ... mas eu tenho esta opinião .

Mesmo no meu caso, como Pr do CE, nunca mais terei funções executiva, mas a minha actuação na escola não vai ser a mesma depois de ter passado por aqui. E a vida da escola não vai ser mais igual do que seria se não tivesse havido este órgão. Isto para o bem e para o mal . Mas penso que apesar de tudo os aspectos positivos foram superiores.

Faz parte da nossa natureza humana essas situações, a actuação e vida da escola é importante e o próprio DEX a preocupação que tem em dar conhecimento ao órgão de direcção da escola (ou pelo menos ao Pr do CE) isso obriga-o (a ele próprio) a reflectir mais do que uma vez sobre a própria decisão que vai tomar. E por outra lado também lhe dá a uma certa segurança em certas decisões polémicas que ele vai tomar ... que é diferente saber que há um órgão que soube que ia tomar aquela decisão e não se opõe ... protege a decisão internamente; protege o próprio DEX.

Depreendo daí que a própria escola sai reforçada perante a administração. Fica mais autónoma.

Sim sim. Eu pergunto o que é que seria no caso do desp 128 em que num assunto igual o Pr do CD caia-lhe logo um processo disciplinar em cima... e nesta escola (não se cumpriu o despacho) e não houve nenhum processo disciplinar. Respeitou-se a autonomia da escola. Não se cumpre porque estava o problema resolvido e não há necessidade de estar a mexer. Não é não se cumprir por não se cumprir. Não há necessidade de mexer, então não se mexe. A representatividade fazia-se a vários níveis e continua a fazer-se da mesma maneira. Isto, diga-se o que se disser, existe e é verdade e o DEX, já que mais não seja, pergunta ao Pr do CE, " o que é que tu pensas sobre isto?". Olha eu sobre isto penso assim , assim.

É diferente a própria força que o DEX tem .

Por ex. :dia de greve dos funcionários auxiliares. Nem todos

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

fazem greve. O DEX pode reflectir ... Se todos estão a fazer greve não há hipótese da escola funcionar. Mas se há uns que estão outros não estão; pode pedir-me uma opinião sobre isso. Eu penso que não reunia o CE por isso, mas pos lá fora um aviso em que mencionava que tiinha oconsultado o Pr do CE, decidi assim e assim ... é diferente de dizer " eu faço o que quero" ele sente-se protegido.

ENTREVISTA nº 2

----- - Professora do CE

Maria - Prof CE

ES - 97/01/27 - 14:38 - duração 48 min

Sobre a organização da escola e o seu funcionamento, com mais incidência no CE, pontos fortes, pontos fracos. Qual o clima de escola que se vive aqui no CE?

Ora portanto sobre o CE eu tenho uma opinião positiva, no geral , porque o grupo que se constituiu, salvo uma pequena excepção que foi ultrapassada, todos têm dado o seu melhor, o seu máximo, e temos conseguido sempre consensos e criou-se um clima e confiança e de abertura e eu considero isso muito importante.

Agora reconheço que comparando o CE, com os outros orgão, que embora o relacionamento seja bom, no entanto (não há conflitos nem desconfianças) creio que não temos ainda conseguido aquela articulação, aquele trabalhar em conjunto que seria desejável.

Porque isto dos modelos (não há modelos perfeitos, nem à partida acabados) serão melhores ou piores se conseguirmos dinamizá-los e pô-los ao serviço de uma situação concreta; e hoje em dia, parece-me que as pessoas, ou porque estão desencantadas, porque os estímulos são poucos, é dado pouco e pedido muito ... de forma que, a nível do ideal do professor, a nível do perfil do professor, às vezes fica assim... continua a dar as suas aulas, não

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

tem problemas com os alunos, pode ser uma pessoa cientificamente preparada, mas não há aquele empenhamento que seria necessário; empenhamento de cada um, como elemento do CE, ou do CP, ou no DEX... e então o que acontece ?.. Ss coisas funcionam ... vão funcionando, mas sem haver aquela operacionalidade desejável.

Muitas vezes queimam-se etapas, os estádios não são cumpridos. Em vez de avançarmos para um modelo logo em marcha. Não somos capazes de convertermos os problemas em oportunidades. Vamos a reboque, vamos fazendo qualquer coisa ... mas eu vejo, aqui, muitas vezes até uma certa ineficácia, mais das pessoas ,do que do sistema.

Embora para mim também seja uma surpresa, que há menos contacto com as pessoas, a pessoa não contacta com todos (com tanta frequência) para mim foi, assim, algo que eu não esperava.

Quer dizer, uma gestão participada, uma escola cada vez mais de acordo com a educação actual, tem de ser uma escola onde a relação é cada vez mais privilegiada. E a relação é aprofundada e diversificada quanto possível.

Ou será do modelo ou de nós ainda estarmos a experimentá-lo ... e o ME por vezes atrira as coisas sem saber muito bem o que é que quer; as coisas não estão definidas. Também concordo com as autonomias, nem tudo tem de estar definido. Quando digo estar definido, não quero dizer que as coisas têm de ser feitas de qualquer maneira. Quero dizer que na cabeça dos técnicos do ME, os objectivos estivessem definidos e sabermos onde queremos chegar.

Os princípios fossem determinados, embora deixando à escola margens de autonomia.

Exactamente ... um bocadinho, cada um tem a sua identidade própria, mas aqueles que propunham as alterações (o NMG) saberem o que é que queriam. Muitas vezes nós interrogamo-nos se eles sabiam o que é que queriam. E nós aqui em Portugal, temos o gosto de introduzir coisas "made in" estrangeiro, sem muitas vezes ver se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

se adapta à nossa realidade e sem fazer as necessárias alterações. As coisas são sempre feitas em cima do joelho, não se trabalha em equipa ... e as equipas que se formam ... às vezes há dificuldades ... eu não digo que seja defeito das pessoas... é a nossa cultura. Talvez no nosso nível cultural não exercitámos ainda isto ... e estas coisas também se aprendem.

Não há uma cultura participativa?

Exactamente. E depois as pessoas serem capazes até de perder para ganhar... a tal negociação criativa. Até quando uma pessoa pega naqueles princípios da autonomia da nova relação pedagógica, que se pretendeu com a introdução da Reforma do Sistema Educativo, não é? A maior parte daqueles pontos, daqueles princípios, não são concretizados.

Fala-se de autonomia, mas é uma palavra que cada um dá-lhe o conteúdo que entende. Também andei aí na implementação da Reforma (até estive na escola de Ponte de Sor, com os programas de Geografia) e realmente verifico que muitas vezes essas situações se verificam.

Não houve uma preparação das pessoas que iriam ser responsáveis pela introdução da Reforma e pela sua aplicabilidade. Mesmo até nas palavras ... cada um faz a sua leitura. Não há um quadro de referências. Devia haver a introdução de novas didácticas e até de novas estratégias. É que realmente isso permite às pessoas descodificar a mensagem da maneira correcta. Cada pessoa descodifica à sua maneira e dá-lhe depois interpretações muito diferentes.

Sendo o CE um órgão representando a Com.Edu, onde todas as partes têm lugar, pensa que o DEX (a gestão da escola) é influenciada por este órgão, ou no fundo quem influencia mais este órgão (DEX) continua a ser o ME ?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Penso que sim que ainda é o ME. Não digo nalguns aspectos pontuais, mas no geral. Porque nós chegamos à conclusão que a apregoada autonomia fica mais nas palavras. Poderá dizer em situações concretas, por ex. quando foi da demissão do DEX, na sequência do desp sobre quem representava a escola, se era o Pr do CE se o DEX. Nós discordamos da legislação, depois o DRE disse que era dentro da autonomia da escola. Temos alguns exemplos de alguma autonomia, mas no geral, a tal descentralização não tem ainda condições para ser posta em prática. Basta ver a situação económica.

É um problema do próprio sistema e da própria Reforma. Houve alterações programáticas, mas o SE em si, não foi suficientemente transformado e renovado para permitir que os novos currícula e novas gestões pudessem funcionar bem. É como nós queremos alargar o espaço de participação do NMG, mas num sala muito pequenina, com uma legislação muito apertada, o que depois dificulta imenso que essa teoria seja aplicada na prática ... e o que eu vejo é que há pessoas que têm falta de preparação para isso.

E depois a nível da participação alargada... os pais não têm dispensa nos empregos ... A Pr da AP é uma Sr^a doméstica e tem disponibilidade. O anterior Presidente muitas vezes não podia vir às reuniões porque, muitas vezes, o emprego não lhe dava essa possibilidade. Não basta permitir aqui a participação dos pais, como até valorize essa disponibilidade e essa participação.

Oa alunos também, muitas vezes, nem sempre têm disponibilidade para estar nas reuniões... há muitas ausências e quando não há ausências físicas há ausência de participação.

Quer dizer que a participação poderá ser passiva?

Exactamente, eu como sou uma pessoa que gosto de apreciar no global, considero que é melhor do que nada. Considero que realmente de uma maneira geral da Com. já se recebe alguns

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

contributos. Mas poder-se-ia receber muito mais além ... acho as coisas muito devagarinho, muito lentas e já poderíamos estar muito mais além do ponto em que nos encontramos, se estivessem criadas as condições necessárias. É como lubrificar uma máquina... se a máquina estivesse lubrificada era muito melhor.

Que condições (para enriquecer esta reflexão) é que pensa que seriam essas para os pais?

Por ex. a nível da legislação laboral que estivesse previsto... e até o apreço. Quer dizer, valorizar estas participações civis. Fala-se muito da nova cidadania ... mas realmente, ou uma pessoa está muito consciente que a cidadania é desejável e pratica, ou se funciona de acordo com o que é possível, ou com o que é mais fácil, não é um cidadão participativo e interveniente, porque para o ser as dificuldades aumentam e os estímulos diminuem...

Na sociedade actual, as coisas estão a mudar tanto, que nós nesta passividade, nesta falta de dinâmica, temos dificuldade em avançar. Muitas vezes vamos até perdendo coisas que tínhamos (aqui neste escola) por ex. a nível do relacionamento humano, mais próximo, entre as pessoas.

A gestão deve ser funcionar em termos mais formais, de estar para além do relacionamento entre as pessoas muita gente está aqui envolvida e não podemos fazer perigar os resultados pelo facto das pessoas serem amigas ou não... isso é desejável mas isso tem de funcionar para além disso.

A nível das relações pessoais havia uma amizade entre professores (e alunos) e ainda temos, ainda existe um clima humano, nesta escola que já não existe noutras, mas a tendência é para ir perdendo, porque queremos introduzir as novas formas de relacionamento que depois não funcionam tão bem como seria desejável, e vamos perdendo as antigas, o contacto pessoal. Se calhar até não havia tanto material, mas as pessoas ajudavam-se para fazer face à falta de material ..

E em relação a outros membros como a autarquia e outros. Qual o contributo para a escola?

Considero realmente que algum contributo foi dado, mas nós achamos que ainda é pouco ... temos manifestado no CE (directamente) a esses representantes que esse contributo ainda é com muitas dificuldades. Por ex. a Câmara ... até a nível de visita de estudos, até materiais tipo fotocópias etc. Porque dinheiro as Câmaras estão sempre aflitas, mas pronto, não é só com dinheiro que as coisas avança. Às vezes um suporte documental, ou meios de transporte por ex., pode ser mais útil que o dinheiro.

De qualquer modo algum contributo tem havido ... mas depois por causa da política querem agradar a todos, e as solicitações são muitas. CM privilegia o Concelho (...) A CM privilegia o 1º ciclo(...)

Toda a gente, agora, tem plano de actividades, desenvolve as act. e nós compreendemos, não é que muitas vezes gostaríamos que o seu contributo fosse maior ... mas compreendemos, pronto.

Uma outra situação que também se verificou porque ao fim e ao cabo está aqui no CE é a geminação com uma escola sec da ilha de moçambique e então a CM reuniu comas várias escolas e nós achávamos que devia privilegiar a nossa (a geminação... não funcionou)

(Nota: a forma confusa de se expressar não permite por vezes captar a plenitude da informação)

A relação é boa e temos recebido algumas ajudas, não satisfaz totalmente, mas alguma coisa a gente tem ficado e sempre tivémos um relacionamento muito bom, o que é que necessitaríamos mais... mas concordamos que não existe só esta escola, também existem as outras, temos de pensar nos outros e ser solidários.

A nível do representante dos interesses económicos, estávamos à espera de mais e era até para os nossos alunos terem saídas profissionais e que também pudessem apoiar mais a nossa escola: quer em relação à aposta em cursos profissinais, quer em

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

relação a estágios que pudessem ser feitos, pronto também achamos que talvez tenhamos um contacto mais assíduo com essa estrutura, mas em termos concretos e de resultados palpáveis, ainda deixa um bocadinho a desejar.

Voltava agora ao problemas do conflitos entre pessoas, o CE analisa os problemas? Há grupos de pressão na escola?

Eu realmente houve aquela excepção de um colega que fazia parte do CE e depois quis sair. Foi essa a única situação. De qualquer modo que eu saiba (...) como não tenho tempo para mexericos e fofocas (como diriam os brasileiros) ... penso que não há grupos de pressão. Há pessoas que ... pronto! Mas a grande maioria concorda com a direcção executiva, concorda com a forma de ser do nosso DEX, também é uma pessoa com muita exp^a, temos essa vantagem. Ninguém é perfeito, faz parte do ser humano, mas com exp^a e muitas capacidade e muitas qualidades, quer em termos profissionais, quer em termos humanos. De qualquer modo sei que há aí um grupinho (de oposição) que não tem expressão, estão isolados, são pessoas que estão sempre com o pé atrás e o que propoem não é bem aceite.

Aquele professor que referi pertence a esse grupinho. Mas depois saiu e pronto ... havia ali um conflito, e depois pronto saiu e essa situação de conflito, às vezes manifestava-se, mas existia sempre latente... parece que está sanado.

De qualquer forma o CE é sempre uma arena de debate e de concertação. Assume-se como tal ou é um órgão passivo. Ouve o que o DEX propõe e aprova ou não aprova?

Penso que sim . Que todos os assuntos são livremente debatidos e tenho apreciado a franqueza que existe entre as

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

peças. Existe liberdade de intervenção... as pessoas podem dialogar. Aprecio muito realmente o nosso Pr do CE que tem muita sabedoria de vida e tem aqueles princípios de ser capaz de perder para ganhar, ser capaz de uma atitude de humildade... Tem uma formação humana muito rica capaz de criar um clima possibilitador da partilha e de cada um se poder ali expressar livremente, sem tem receio do que os outros vão pensar ou dizer. Os assuntos são todos batidos, mas reconheço que por vezes o nosso espaço de manobra também é limitado

Tem a ver com o enquadramento legal?

Exactamente. E até às vezes... até fizemos uma reflexão. Quando foi a demissão do DEX e quem representava a escola... a amizade entre as pessoas e o bom entendimento sempre resolveu o assunto de forma informal. Representam os dois dependendo do assunto (da matéria).

Em muita coisa tem de ser o DEX, porque está mais por dentro do que se passa na escola. Nós reunimos de vez em quando e procuramos estar informado e toda a gente dá o seu contributo, mas depois há as dificuldades do dia a dia, situações novas ...

É a tal diferença entre a direcção e a gestão.

Eu não vejo aí passividade é uma maneira diferente de actuar, em domínios diferentes.

Por vezes há certos documentos que exigiriam mais tempo. Agora está na ordem do dia o projecto de orçamento ... por vezes não há tempo?

Sim, e até a avaliação. Para mim a grande preocupação da escola neste momento é a avaliação... acho que muitas coisa não estão bem. Não só dos alunos a todos os níveis. O próprio DEX está consciente disso, até quando tem apresentado relatórios. É um pro-forma, mas é um relatório crítico, uma avaliação. Por isso para além

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

da descrição das coisas que se fazem, devia haver a avaliação do que foi ou não conseguido. Não se avalia. Na linha das abordagens sistémicas, do feed-back etc. na teoria a maioria das pessoas está de acordo em utilizar esta metodologia, mas a realidade, sobretudo no que dia respeita a esta avaliação. Eu preocupo-me muito com os alunos. Eu não queria ser aluno hoje. Preferia ter sido no meu tempo apesar dos livros serem a preto e branco e menos atractivos porque vejo que ficam confusos... é preciso formação em avaliação (...) tem de haver uma avaliação mais objectiva.

Essa situação (quase ausência de avaliação) verifica-se no funcionamento das escolas . Temos dificuldade em ver se vamos continuar por este caminho ou se vamos por outro.

Por ex. quando surge uma situação dessas ... imagine como conselheira do CE podia levar esse assunto ao CE?

Sim sim... até temos temos feito no interior do CE uma reflexão, debates sobre situações concretas, sobre o NMG ... e até apresentámos as conclusões à DRE e ao CAA, até aqui na escola se realizou uma tarde de partilha dessas . Há uma boa relação entre o CP, o DEX e o CE. Realmente as coisas funcionam bem ...há é coisas emperradas...

É mais uma inércia do sistema...

Exactamente do sistema , da dignificação do professor, do conceito de pessoa humana, do civismo, do conceito que os alunos têm do professor(...)

A família está em crise. Os alunos têm muita dificuldade. Não podem estar a estudar a dinâmica da atmosfera... quando lá em casa os problemas são tão difíceis. Há alunos que não põem o nome do pai ou da mãe, como se os não tivessem . Basta isto para ver ...

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

A escola é um microcosmo de uma sociedade, todos os seus problemas se reflectem na escola. A escola tem de estar mais habilitada para criar espaços, não é verdade....Se calhar estou a fugir ao assunto?

(...) Diálogo informal para reentrar no tema...

**Uma opinião genérica sobre esta exp^a do NMG.
Como a classifica globalmente?**

Considero-a no geral positiva. Porque eu aprofundo as coisas e gosto de ver as coisas numa perspectiva tão global quanto possível. Quando as pessoas se sentam em torno de uma mesa para reflectir em conjunto, isso para mim é muito positivo, não é, e prefiro que tenha existido esta exp^a (embora não seja perfeita) do que não tenha existido.

Antigamente não se punham estes problemas, porque os problemas eram outros e as pessoas se empenhavam em transformar as situações.

A mudança ainda não se verificou como desejaríamos(...) é preferível, que se tenha feito alguma coisa ... do que não ter feito nada.

Não se atingiu o máximo, não valeu a pena, dirão alguns. Já se fez alguma coisa, já valeu a pena, a escola está mais aberta.

Eu não sou apologista que estamos numa sociedade sem valores. Estamos antes numa sociedade onde há muito valores agora estão todos postos no mesmo saco. Há uns que são falsos valores.... por ex. os jovens escolhem o valor efémero e não o valor perene e então ... Considero que é positiva. Agora, quero dizer, as pessoas às tantas gostaria de ter avançado mais. Parece que estamos a perder tempo. Isto parece "brincar" com a vida dos alunos eles vão ... pronto, estamos todos a fazer um esforço muito grande e os resultados são negativo. Esta é a situação que mais me preocupa. (...) Todos andamos sempre muito atarefados, com muito trabalho, com muito investimento que é feito.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Os alunos têm uma carga horária excessiva, passam o dia inteiro na escola. E depois os programas são vastos ... e temos de debitar ali a matéria e estão desarticulados (foi para mim uma situação que eu não esperava da reforma). Não encontro articulação vertical e horizontal.(...)

Já é tempo de operacionalizarmos as coisas... estamos bastante longe. Passarmos da teoria à prática ... a nível da teoria estamos mais ou menos, mas a nível prático estamos bastante longe e com tendência a piorar.

Essa diferenciação entre direcção e gestão e o correspondente aumento de participação e de autonomia, acha que foi conseguida na escola com este modelo?

Quer dizer participações cada vez mais alargada, logo nesse sentido tem de haver grupos distintos. Reconheço que o equilíbrio nem sempre é fácil de conseguir ,ou as pessoas se demitem da sua missão e no CE, demitem-se da sua acção e deixam que seja o DEX a prevalecer, ou então há uma certa falta de aprendizagem em trabalhar em equipa, em parcerias; outra vezes talvez dificuldades que levam a certos receios que dificultam que as pessoas possam dar o seu máximo de actuação.

No fundo sente que ainda há uma longa caminhada no proceso para uma participação mais activa?

Exactamente. Nós introduzimos modelos que são desejáveis. À partida a democraticidade é desejável, mas nós não estamos preparados e não há quem se preocupe com essas preparação... basta até ver a DPS. Quando ouvi dizer que toda a resposta era a DPS, essa área de formação, (...) todas estas coisas têm sido contrárias a toda a filosofia de base desta transformação.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Por fim sobre expectativas quanto à evolução do modelo. Conhece alguma coisa? Fala-se não num modelo, mas de uma lei quadro. Quais são as suas expectativas sobre este modelo?

O que é que será agora (por ex. essa lei quadro, não estou ainda a par) mas confrontando se é de continuar neste modelo ou voltar ao CD: Apesar de tudo, parece-me que estes modelo está mais de acordo com aquela mudança que pretendemos para as escola. Agora que o modelo deva ser aplicado como está hoje ou deva sofrer alterações? Penso que sim que deve sofrer alterações, passar de um modelo teórico, adaptado à realidade concreta e ... com a autonomia até pode haver diferenças.

Estou-me a lembrar daqueles colégios Ingleses em que cada um tem os a sua identidade própria, os seus objectivos próprios.. Não um modelo do estado, mas um modelo dinâmico e sobretudo, quer dizer, este modelo se criassem condições para que o modelo pudesse atingir a sua plenitude. Não digo que fosse igual para todos ... mas isso só se pode atingir quando as pessoas tiverem uma cultura de participação, nós aqui ... o aspecto relacional não é devidamente valorizado.

A educação para a comunicação (...) A escola agora até já está ligada à Internet ... mas creio que isto por vezes são fugas ... o importante era uma comunicação mais íntima. Quer dizer: o enriquecimento das escolas, tem de ser o enriquecimentos das pessoas, cada um por cá para fora o que tem e juntar as pessoas.

Criar espaços, criar condições para as pessoas . O simples facto que a sala de professores... vamos tirar partido (transformar um problema em potencialidade)

Investir na pessoas; até a formação é para ter créditos. Até concordo com aquela formação, não apenas contínua, mas recorrente, as pessoas é que dizem o que é preciso para a sua actualização. A escola tem que apostar nos alunos e nas pessoas, de

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

forma a que cada um se possa desenvolver ao máximo, para depois criar-se condições para que cada um dê o seu contributo com pessoas envolvidas ... por o modelo a funcionar em pleno ; as coisas avançam, mas não há aquele desabrochar, as coisa não avançam com a velocidade que era possível.

Precisamos de um modelo é para que haja uma mudança substancial, uma mudança significativa, passando do menos bom para o melhor... depois não há alegria na escola, não há atracção.

ENTREVISTA nº 3

... - Rep . pessoal não docente no CE

RUI - Rep . PÑDoc no CE

ES - 97/01/27 - 16:22 - duração 31 min

Pontos forte e fracos da participação dos vários elementos da Com. no CE?

Em relação ao CE ... penso que em termos de organização, de início houve determinado tipo de expectativa (não só de PÑDoc, mas de toda a comunidade escolar); a minha análise em relação ao PÑDoc. ficou um bocado na expectativa... em parte, porque as pessoas estavam um bocado desligadas das funções de direcção de escola (CE e DEX), as pessoas cada vez mais vêm à escola e funcionam, como se costuma dizer: "se precisasse de trabalhar, não tinha vindo para o estado".

Não há ligação à escola, não se interessam pela escola. Fiz parte, como rep. do PÑDoc (estou nestas funções há 10 ou 12 anos), já no tempo dos CD, depois para o CE, sempre por eleições e sempre com mais de um candidato nas eleições, e eu fui sempre vencedor. As expectativas que eu tenho em relação ao CE era que funcionasse um pouco diferente de como funcionava o CD.

Já no tempo do CD, sob a presidência do actual DEX, todas as pessoas têm uma vivência e uma participação muito activa da vida da

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

escola. Sei que noutras escolas o CD ou DEX funciona praticamente só com o corpo docente e os funcionários funcionam só para receber ordens e executar. Aqui na escola as coisas funcionam (e sempre funcionaram) de uma maneira diferente. Toda a gente participa e dá as suas opiniões e, portanto, faz um bocado de parte da direcção.

Por isso o CE quando foi proposto, eles pensavam que (e eu pensava também nessa perspectiva), que a escola ia ter mais autonomia, que iríamos ter hipótese de decidir em áreas que nos eram vedadas... e depois a pouco e pouco, com a vivência dos primeiros CE, em que houve muita discussão à volta de muitos temas que depois se via que eram mais ... ou que pareciam mais um CD alargado do que um CE, em que se debatiam questões que eram mais do âmbito do DEX do que no CE, a pouco e pouco essa perspectiva ficou um bocado abalada.

Posso-lhe dizer que faço parte do CE, mas estou totalmente desmotivado, não tenho motivação para fazer parte do CE. E uma das coisas que já disse é que não pretendo continuar.

As alterações que houve em relação ao PÑDoc. ninguém é capaz de dizer que alterações é que houve. Porque as vivências continuaram a ser as mesmas que eram com os CD, a maneira de estar manteve-se a mesma, não houve alterações, nem no órgão de direcção, nem no órgão de gestão, por isso eu penso que não houve grandes alterações em relação ao CE.

Penso que se continuar este modelo, será difícil arranjar alguém(PÑDoc.) que queira concorrer a um órgão como o CE. Agente nesta parte, quando os professores começaram a ter uma redução de uma hora... e os outros elementos que fazem parte do CE... eu por ex. sou funcionário do SASE, estou a manhã inteira, ou todo o dia e depois tenho de ir fazer o meu trabalho. Penso que era justo atribuir-se alguma coisa ao PÑDoc.

Penso que o corpo docente no CE tem um peso de tal maneira grande que os outros elementos, tanto da escola, como fora da escola, ficam um bocado diluídos no CE, porque os outros não querem dar opiniões contra o corpo docente e isto também funciona

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

com a falta de autonomia que a escola têm, não haver poder de decisão, e penso que isso também ...

A princípio entrei com muita vontade mas a pouco e pouco penso que é um bocadinho frustrante e ninguém liga grande coisa CE.

No CE estão representados todas as valências da Com. Edu. , mas pensa que o DEX representa esta comunidade ou representa a administração. Até que pouco a comunidade interfere nas decisões do DEX?

Penso que muito pouco ou quase nada. Se nós decidimos uma coisa a nível do CE ... se vai contra o que é definido pela administração (AC), o CE não tem poderes para dar ao DEX orientações que ele possa executar se essas orientações vão contra aquilo que é emanado da AC. O DEX ,continuará a ser como era o PrCE, não vejo que tenha mais poderes, do que tinha antigamente; por isso eu acho que não vejo grandes diferenças ... Porque o CE, quando quis fazer algumas coisas na escola a adm. não permitia que se fizessem ...porque não havia da parte da AC a abertura e a autonomia que permitisse executá-las

Por isso penso que enquanto não houver mais autonomia na escola o DEX não poderá ter mais autonomia dada pelo CE para poder executar...

Trata-se de cada vez mais dar autonomia à escola para a direcção da escola (CE) ter mais poder na escola? Sem autonomia o papel do CE está limitado.

Exacto, é isso que eu penso. E numa reunião em Lx em que estiveram reunidos os representantes não doc. dos CEs das escolas experimentadoras do modelo, a sensação que temos é essa: enquanto não houver mais autonomia, os rep. que não são do corpo doc., porque estes já tiveram uma participação mais activa na escola,

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

já passaram por CP e têm outra vivência que as pessoas que não são do corpo docente.

Se este CE não tiver um determinado tipo de autonomia dificilmente conseguem motivar as pessoas. Tenho reparado, ainda no último CE que os rep. não doc. não vêm, quem vem é a Câmara, aquilo que é proposto é aprovar o orç. da escola. Quando são assuntos, como por ex., a localização do campo da bola para os alunos, o CE dá opinião, mas essa opinião não tem valor. É a opinião da adm.é que prevalece.

Mudando um pouco de tema. Ao CE chegam lá conflitos dentro da escola? Há grupos de pressão que procuram influenciar a V. decisão ou não?

É um bocado complicado. Penso que quando o CE foi eleito (pelo que me apercebi), havia os vários interesses da escola na composição do CE e a pouco e pouco foi-se notando nas reuniões que nós tivémos que havia problemas, entre os vários tendências que existiam no CE.

Havia esses tais grupos de pressão, que acredito que existam na escola e que stavam representados por um ou dois elementos no CE...as reuniões na altura eram conflituosas, chegou-se a ponto das coisas se tornarem quase no pessoal, em vez de serem pelo institucional, e houve uma altura em que os CE eran complicados, aborrecidos.

Muitas vezes tentava-se arranjar problemnas onde muitas vezes não existiam devido a esses conflitos. Neste momento com a demissão de um membro que representava (e continua a representar) esse grupo que existe na escola e que penso que é mais um grupo contra o Director Executivo da escola, do para tentar resolver determinado tipo de problemas. Era um grupo de pressão contra o órgão Director da escola.

Neste momento as coisas modificaram, já se consegue discutir os problemas (não quero dizer que se resolvam...mas consegue-se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

discutir dentro de outro tipo de abertura) penso que neste momento já não há aquele tipo de pressões que havia antigamente, os CE são ... não digo democráticos porque sempre foram, mas mais participativos, porque as pessoas já não têm problemas em dar a sua opinião, sem terem receio de serem conotados com qualquer coisa, são muito mais abertos e participativos, discutimos as coisas e as pessoas saem dos CE sem virem aborrecidos com determinadas questões que se colocavam.

O CE é uma arena de debate e concertação. Nota que é um órgão activo ou é um órgão passivo? Só aprova ou dá opiniões?

Eu penso que o CE tem funcionado a dar opiniões, a discutir os assuntos e a querer saber o porquê, fazem-se grupos de trabalho para estudar os assuntos.

O que encontramos no fim das discussões, procedemos a alterações disto e daquilo, mas depois se essas alterações não são aceites, o CE não pode fazer nada.

Muitas das vezes não é consensual, mas as pessoas discutem, dão as suas opiniões, sem problemas, seja o representante do PNDoc, ou o aluno, ou do corpo doc., todas as pessoas dão a sua opinião e não há problemas.

Uma das virtualidades deste novo modelo, nomeadamente no CE, era conceder maior participação, por ex. para os pais. Pensa que este CE veio aumentar a participação dos pais?

Penso que não (resposta pronta). Não noto diferença. Também sou pai e tenho um filho aqui a estudar e não vejo diferenças. A APEE tem uma presidente que é uma pessoa muito activa e muito participativa, mas penso que não consegue criar dinâmicas próprias nos pais, para que tenha uma participação mais activa dos pais.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Muitas vezes os horários também não lhes permitem que eles participem nos CE, mas penso que não alterou em relação ao que existia anteriormente!

Será um problema do modelo ou terá a ver com uma falta de cultura participativa da sociedade?

Penso que é mais isso, essa falta de cultura participativa. Penso que as pessoas não estão habituadas; os pais funcionam bem até ao ciclo preparatório e os filhos estão encaminhados na escola e a escola que trate dos filhos. A partir do 7º ano, os pais não participam na escola. Só quando há qualquer problema é que as pessoas vêm à escola.

Possivelmente porque no clube do bairro também não participam; também faço parte de um clube (como treinador) e vou às reuniões e vejo que também não há ninguém (um clube com 2000 associados e aparecem 20/30), não estão interessados em participar...

E em relação alunos. Eles têm também o direito de participar e acha que eles aproveitam, vão pelo menos lá? Quando lá vão participam activamente?

Penso que os alunos, tal como o PNDoc, foram para lá de início sem saber muito bem o que era o CE. Hoje as questões que colocam ao CE deviam colocá-las mais ao DEX e não ao próprio CE. Já falei com um dos elementos da AE, somos conhecidos e falámos e ele disse-me não haver um mesa de ping pong no bar...questões deste tipo (que dizem respeito ao DEX) é que são colocadas ao CE. Possivelmente por não saberem o que é o CE!

Agora falou especificamente dos func., as pessoas também estão frustradas em relação à participação?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Penso que sim. Tudo gira à volta da autonomia... possivelmente por isso estão um bocado frustradas. Queriam ser mais participativas nos poderes de decisão da escola. Gostavam de participar, mas que a voz delas fosse mudar, operar, modificar.

Como é que hei-de dizer: as pessoas ficaram um bocado frustradas nesse aspecto e continuam a não ter uma ligação (também se calhar não são obrigadas) participativa na escola. Nem toda a gente vê a escola não só como um meio de trabalho, mas também para dar opiniões, modificar, tentar ser mais participativo. Eles estão aqui para entrar às 9 e sair ao meio dia e entrar às 2 e sair às 5. Penso que também terá que passar por aí, ser mais atractivo o emprego deles, ser melhor remunerado, se calhar os AAE funcionarem mesmo como AAE e não como empregados de limpeza. Se calhar depois serão melhores funcionários, gostarão mais daquilo que fazem, serão mais intervenientes no processo de gestão da escola, serão mais interessados, também passa um bocado por aí, as pessoas estão mal remuneradas, mal pagas, vêm à escola, mas não têm uma ligação afectiva com a escola.

O CE não tem influência sobre o que cada um aufere. Mas por ex. formação o Sr. podia ter um papel... imagine que os func queriam ter formação. O CE preocupa-se com a formação dos func.?

O ano passado, nós a nível do CE foi pedida formação para os AAE para os FAdm (já houve um func. que entrou para formação, as vagas são poucas). Foi pedida acções de formação com a psicóloga da escola. São feitas 1 ou 2 acções por ano no projecto vida, primeiros socorros. Queríamos uma acção sobre os direitos e deveres dos FAAE. Também é difícil fora do tempo lectivo as pessoas virem cá, as pessoas não aceitam sair às 5 horas e ficar na escola mais uma hora para ter formação, só se for no seu tempo de serviço... aí tudo bem, as pessoas participam, fora as pessoas nunca arranjam tempo para essa formação. Mas é uma das preocupações do CE.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Na sua opinião, e de uma forma global, acha que a exp^a é positiva, nomeadamente, esta distinção entre a direcção e gestão?

Eu penso que foi positiva. Penso que era de continuar este modelo de gestão, com alguns aperfeiçoamentos. Como a clarificação entre as funções do CE e do DEX, quais as funções do CE, que estão definidas mas que é necessário clarificar algumas coisas. Nós temos resolvido as coisas internamente, mas penso que o último despacho sobre a representação de escola que gerou aquela polémica, em que as pessoas pediram a demissão (e acho correcto). No geral acho que é positivo. Este modelo de gestão com mais algumas alterações mais incentivos à participação, com mais autonomia... penso que é um bom modelo... tirando aquelas reuniões iniciais do CE, mais críticas à direcção do DEX, penso que foi positivo.

De qualquer forma os func. têm um papel activo na direcção. Os func influenciar a gestão e podem defender os seus interesses neste órgão?

Eu aí ... houve um colega meu doutra escola (na reunião de Lx) que defendia que no CE o representante do PÑDoc não tem voz... está lá, mas não tem voz activa. Penso que era por estar no CE e não estar directamente relacionado com o DEX. Antigamente ele (fazia parte do CD) e estava directamente ligado a direcção, e ele conseguia ter voz e que as coisas se realizassem... e agora não tem voz junto do DEX. No CE há competências que não são faladas no CE pelo que não consegue influenciar a gestão. Eu não posso pronunciar sobre isso.

O CSAE ou o EP podem colocar essas questões de gestão corrente ao DEX?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Pois era isso que eu ía a dizer... eu aqui não posso dizer isso, porque sendo membro do CE, trabalho quase... colaboro muito com a direcção da escola. Eu não posso dar esa opinião porque continuo a funcionar muito directamente com Director da escola, nessa função que disse agora, dos horários, com o CSAE, com o EO, com o Pessoal Operário, ... passa muito por mim, como representante do pessoal não docente junto do DEX e não como membro do CE.

Quer dizer que isso depende muito do estilo do DEX?

Exactamente, trabalhamos antes da reunião, quando no CE as questões de pessoal são discutidas, são discutidas grosso modo.

Quais as suas expectativas (e dos func. que representa) quanto à evolução do modelo?

Penso que deviam ser 2 elementos no CE representando o PÑDoc um do PAdm. e outro FAAE. Os problemas por vezes são diferentes e poderemos não defender os interesses do pessoal auxiliar (o rep. é téc. do SASE).

Outro ponto que poderíamos melhorar é haver mais autonomia para que as reuniões do CE para que houvesse maior participação. Deviam ser reuniões em que a vida da escola passasse mesmo por ali e que se sentisse (noCE) que se podia moldar a vida da escola e não ser como é agora que é mais para aprovar o PE, oPAE, o RIE ou o Proj. de Orç. sem ter hipótese ...

Essa autonomia que me fala passaria também pela capacidade de contratação de pessoal?

Sim sim. Se a escola sentisse necessidade ... como por ex. agora que precisa de arranjar um jardineiro... por ex. temos pessoas no bar (temos por ex. uma pessoa a mais na cozinha e não podemos

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

transferir a sr^a para o Bar). Temos autonomia para transferir pessoas...

ENTREVISTAS-nº 4

- Presidente da AE

Nuno-PrAE

ES: - 97/01/28 - 15:48 - duração 39 min

Sofre o funcionamento do CE; pontos fortes e fracos. Como é o ambiente do CE?

O CE tem uma grande vantagem, sobretudo para os alunos... o CE e este NMG, porque põe em pé de igualdade todos os intervenientes na acção educativa: professores, funcionários, alunos, autarcas... e isso para os alunos é bastante positivo, porque podem marcar uma posição e podem expressar os problemas que sentem, porque enfim, os alunos são o objecto da educação e é precisamente a vantagem deste NMG, sobretudo no funcionamento do CE e do CP... que é dar voz aos alunos e dar a capacidade de conhecer os problemas do funcionamento da escola e as vantagens.

Como sabe no CE estão lá representados todos os elementos da Com.Edu. Pensa que o DEX representa essa comunidade ou antes representa o ME?

Lá está, no meu ponto de vista, o DEX faz precisamente a ponte que é necessária entre o ME e a ComEDu, ou mais precisamente entre o ME e a escola, porque é membro da Com. Escolar(a nível so da escola), está no cargo e passa pelas mãos dele todo o funcionamento da escola e ao mesmo tempo consegue ... é nele que vão coexistir as indicações do ME e do funcionamento da escola...é precisamente o elo de ligação.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Em termos de autonomia da escola pensa que o CE contribui para que a escola seja mais autónoma?

Quer dizer em parte sim. Ao CE é dada uma certa autonomia, embora não a desejada.. talvez fosse necessária um pouco mais de autonomia...

Concretamente no ponto de vista dos alunos, em que áreas é que sentem essa falta de autonomia?

Enquanto aluno, a falta de autonomia da escola não é a nível dos programas educativos... é precisamente no outro factor complementar da vida educativa que é a actividade extra-escolar na escola. É precisamente nessa complementariedade das matérias escolares, com um pouco da vida social de cada um, que a escola devia ter um pouco mais de autonomia, para poder gerir essas mesmas capacidades dos alunos, sem estar tão dependente do ME, sem estar tão dependente da tutela.

Quandos há conflitos, e os alunos não concordam com determinada coisa, vocês têm algum peso no CE? O CE ouve as vossas posições?

Sim, tudo o que passa no CE é bastante discutido e tenta-se sempre encontrar pontos em comum e acho que sobretudo há um mérito que o funcionamento deste CE tem (que é o que eu conheço) que é precisamente que os nossos pontos de vista são tidos em conta.

Como o CE é esse espaço de debate e de concertação, existe debate, ou é um órgão passivo e ninguém abre a boca...apenas estão lá?

Este CE é bastante construtivo e discutem-se aqui todos os

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

pontos de vista abrangendo todos os pontos de vista possíveis e há uma coisa que é comum e que qualquer elemento do CE procura que é o interesse da escola! Procuramos sempre optar pelas decisões que mais favoreçam a escola e é precisamente aqui que há uma crítica construtiva, não é de modo algum um órgão passivo!

Lembra-se assim concretamente qualquer coisa que os alunos tenham proposto e que o CE tenha aprovado? Vocês levam propostas?

Sim levamos propostas ao CE, nomeadamente, propostas de coisas que funcionam na escola e precisam ser melhoradas, por ex. casas de banho, limpezas de salas, instalações, é bastante importante e são basicamente estas propostas que trazemos aqui ao CE.

Por ex. uma discussão que foi aqui feita no CE que foi quando o DEX se demitiu, foi uma discussão em que toda a gente deu o seu parecer e em que nós, tal e qual como os outros intervenientes, fomos ouvidos.

Desse modo acha que os alunos têm uma voz activa na escola que não tinha?

Sim, não tínhamos antes do NMG. Acho que é o grande benefício deste modelo. Coloca todos os intervenientes, nomeadamente os alunos, em pé de igualdade.

Falando agora dos pais, pensa que têm um grande envolvimento com a escola? Participam na vida da escola?

Eu acho que não (resposta pronta). Acho que cada vez mais os pais estão a perder mais aquela... preocupação que deveriam ter com o desenvolvimento dos educandos. Talvez a nível dos 7º e 8º

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

anos, quando os alunos vêm cá, talvez haja uma preocupação maior com alunos e a ambientação e seu desenvolvimento na escola.

Mas acho que a partir daí, começa a haver um pouco mais de “desleixo” por parte dos pais. Talvez os filhos apresentem mais uma certa mentalidade e não precisem de ser tanto vigiados, mas os pais poderiam ter um pouco mais de relação com a escola.

Hoje é um dia até especial , é o dia D, que faz lembrar problemas graves que há na nossa sociedade. Acham que na adolescência é ainda preciso o acompanhamento dos pais embora diferente?

Pois eu acho que todas as actividades dos alunos devem ser colocadas aos pais; deviam ser eles a mostrar o interesse e a perguntar o que é que se passa? Precisas de ajuda nalguma coisa?

O importante é dialogar porque é através das divergências que se avança. Mas acho que os pais precisam de se preocupar mais. Agora a nível pessoal, os meus pais perguntam como é que vai a vida da AE e tal, mas nunca houve muita preocupação.

Às vezes alguns pais são contra a participação dos filhos na AE, porque pode retirar algum tempo de estudo. Pensa que a vida da AE é enriquecedora para o alunos?

Eu acho que é, porque acima de tudo incute nos alunos (nos jovens) um maior sentido de responsabilidade. Nesse ponto de vista é bastante enriquecedora.

Outra vertente da relação da escola com a comunidade, por ex com os prof., com a CM, com os outros organismos representantes dos interesse presentes no CE. Essas entidades colaboram com a AE?

Sim eu acho que todas elas, sobretudo a representante dos

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

interesses culturais, colabora e eu acho bastante importante, porque é talvez aqui no ES, é talvez o momento ideal para o desenvolvimento de capacidade culturais que os alunos queiram desenvolver, porque ainda é a altura da vida em que se consegue conciliar interesse, com uma certa disponibilidade (não aquela que seria desejável).

Acho que o apoio das organizações exteriores à escola, pode ser bastante positiva.

Mesmo a CM?

Sim, mesmo a CM. Talvez a nossa preocupação quando tentamos por em prática algumas ideias dos alunos, por ex. criar um grupo de teatro, fotografia, música, etc. é bastante importante a colaboração com a CM, quer a nível de espaços, quer a nível de materiais, de informações sobre a gestão desses espaços, de apoios que não sejam materiais.

De uma forma geral esta exp^a de autonomia e do NMG, como é que a avalia? Qual é a sua opinião sobre elas?

Acho que é positiva, bastante positiva, porque consegue-se descentralizar um bocado as decisões. Consegue-se, acima de tudo, criar um espaço em que há discussão, que não tem só o ponto de vista ideal. Aqui confronta-se o ideal, com a realidade e daí ser bastante positivo.

Uma das características deste NMG é a distinção entre a direcção e a gestão, isto é, o CE é a direcção e o DEX é a gestão. O CE estabelece as grandes linhas da política educativa da escola e o DEX executa, quer as deliberações do CE, quer as da administração. Essa diferença acha que é importante?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Eu acho que é precisamente esse o aspecto positivo, da confrontação entre as indicações e das políticas do ME, com a realidade da escola, porque depois é no CE que vão opinar os intervenientes e os objectos dessas política educativa.

No seu ponto de vista houve um incremento na participação destas várias partes na vida da escola?

Quer dizer a participação a nível da escola é um bocado virada apenas para a educação e para as matérias. Acho que é o grande problema desta escola, é não haver espaços e condições para as actividades dos alunos, extra-curriculares.

É claro que toda a gente participa a nível da escola , mas é a nível das disciplinas, a nível dos programas, e é um bocado condicionado por essa vertente simplesmente escolar.

É curioso um estudo recente do Dr. Daniel Sampaio que diz que os alunos vão à escola, mas não participam em mais nada.

Exacto é isso... é só para ter aulas. Eu acho que seria criar um espaço dentro das próprias aulas, a fim de incentivar os alunos e criar um melhor ambiente de trabalho; um espaço em cada disciplina para fazer um bocado de educação cívica e social.

Discutirem-se problemas que são necessários discutir todo o ano e a toda a hora, o caso da sida, da hepatite-B, o caso da droga, etc...são problemas que deviam ser discutidos, não só para fornecer aos alunos uma melhor imformação, mas também para criar aos alunos um certo espírito crítico e das pessoas tomarem posição em relação às matérias.

Há pessoas que afirmam que os melhores alunos só se dedicam à parte curricular porque tudo o resto não é

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

valorizado. Pensa que também essas actividades não curriculares deviam ser valorizadas?

Quer dizer, eu não coloco as coisas nesses termos, porque para mim é, gratificante pertencer à AE. Porque é o que eu faço, e tem o objectivo de eu me sentir bem. Não estou preocupado com o meu estatuto na escola ou o melhoramento curricular. Quando entrei para a AE, era porque realmente estava interessado em fazer parte da AE e tentar representar os alunos da melhor maneira nos seus órgãos competentes. Mas acho que essas outras vertentes da educação, se fossem mais valorizadas, era capaz de estimular uma maior participação por parte dos alunos.

Embora esta escola tenha uma tradição de alguma participação ainda há um caminho a percorrer, não acha?

Sim e é precisamente isso que falta um bocabo que é mais culpa das mentalidades de cada um e da falta de consciencialização. Não é só a vida das aulas, das notas, só isso é que é importante por parte dos alunos. O problema que se coloca aqui é que nós a nível da AE, agora vamos tentar criar o clube das artes, de fotografia, o jornal, sei lá?! Tudo aquilo que os alunos se propuserem fazer, só que falta incentivos e nós próprios alunos, não sabemos como incentivar os estudantes a aderir.... Nós no meio dos estudantes devíamos saber, mas nem nós sabemos, ou se está interessado nas coisas, ou é um bocado difícil.

A vossa posição no CE dá uma voz activa aos estudantes?

Sim falamos no CE e no CP, até porque pode mesmo suscitar o apoio voluntário (mesmo sem nós pedirmos); pode suscitar o interesse de professores ou de outros membros da comunidade escolar interessados em colaborar. É fundamental essa indicação

Quais são as expectativas dos alunos quanto à evolução do modelo?

Eu acho que este modelo deveria ser mantido, enquanto ... um polo aglutinador de todos os intervenientes na vida escolar. É bastante importante, e é algo que se consegue agrupar e chegar a conclusões produtivas... tendo a participação dos alunos, professores, funcionários... Para mim, é o grande benefício deste NMG é essa capacidade de concentrar as diversas partes.

Depois das eleições que contacto têm com os alunos? Como e que os alunos fazem chegar até vós propostas?

Aí critico bastantes os alunos desta escola porque nós em 975 alunos (acho eu que é o nº de alunos desta escola), nas eleições votaram cinquenta e poucos e isso não nos dá uma representatividade significativa e só por aí se vê o interesse que os alunos têm na vida activa dos estudantes.

Nem sequer para eleger os seus representantes, eles se dão o trabalho de votar. E tudo aquilo que os preocupa, e isto é triste para um dirigente associativo, verificarmos que as únicas solicitações que temos por parte dos alunos, é para organizar torneios de futebol, torneios de basquete e eventos desportivos... que já vão sendo rotina. É importante promover o desporto, mas...

Devia haver maior preocupação com outras actividades culturais. Nós AE, com este interesse em criar um jornal, vamos tentar arranjar mais um meio, onde os alunos possam expor as suas opiniões e talvez a partir daí chegar a conclusões mais objectivas, sobre o que é que os alunos querem.

Este jornal vai ter a participação aberta a todos os alunos que queiram escrever e...talvez seja falta de interesse... talvez seja uma forma de os alunos tentarem expor os seus pontos de vista não só a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

nível da escola. Cada um faz o que quer, cada um fala dos assuntos que quer e não há restrições.

Mas fazendo um pouco de advogado do diabo, argumentando de outra forma: imagine-se que eu não concordava com este modelo, podia dizer que os alunos, principais actores duma escola que se dirige aos alunos e eles não estão interessados em participar, o melhor é tirarem os alunos do CE ou acabarem com as AE! Não acha que isso pode ser um perigo potencial, o facto de não haver essa adesão à participação?

Pois é...e é um bocado o erro dos estudantes, é não se interessarem pelas coisas antes delas serem feitas. Por ex., se for perguntar aí aos alunos, poucos sabem que há um CE, ou por que é que há um C P ou qual é que é o NMG em que estamos incluídos e nunca ninguém me perguntou, e já é o 2º ano que estou na Associação, o que é que vocês fazem no CE, porque não se interessam.

Agora, quando foi o dia D, há outra escola (GP) que resolveu fazer muitas actividades e debates e toda uma série de iniciativas e que a nossa escola não fez, e só agora é que alunos perguntam: o que é que a AE está a fazer, porque ninguém se preocupa com as coisas... Ninguém disse façam isto, ou deu sugestões, só tomam posições quando é para criticar porque é que não se fez...

Não será um pouco o espírito do nosso País, que as pessoas dizem mal?

Mas é que ninguém apresenta uma critica construtiva, ninguém apresenta soluções, ficam pelo criticar, pelo dizer mal e ninguém mais se interessa em realmente fazer as coisas, em tentar corrigir alguma mentalidade.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Sentem que com este modelo e pertencendo ao CE, que têm uma posição formal, que podem ter alguma pressão sobre o DEx? Imagine-se que um DEx (o que não é o caso), não queria realizar actividades desportivas. Imagine-se que havia uma grande procura, e pensam que o facto de estarem no CE, de haver este modelo participativo, que vocês têm vantagem em terem um modelo de gestão deste género?

Eu acho que sim, que temos uma grande vantagem porque este modelo de gestão permite aos alunos, precisamente um espaço alargado não só aos alunos e ao DEX, porque com o Presidente do CD ,não havia um órgão intermédio, em que se pudesse discutir com alguma seriedade, os pontos de vista dos alunos, porque não é o caso da nossa escola felizmente, mas de outras escolas em que o DEx se opusesse a tudo a que os alunos faziam não havia um meio de denunciar essa tomadade posição de força por parte do DEx. Aqui, é precisamente o espaço de manobra, onde nós podemos fazer ver às pessoas a importância deste tipo de actividades.

O que é que faltará então para as pessoas aderirem, na perspectiva dos alunos, se as condições estão criadas?

Na minha opinião muito pessoal, há um problema de mentalidades e um problema de interesses, que não são inculcados nos alunos, deviam-se criar um tipo de expectativas nos alunos, que os levasse a tentar desenvolver outro tipo de actividade extra-curricular, e depois talvez se reflectisse no aproveitamento curricular, porque os alunos a nível do Ensino Secundário estão preocupados em estar na escola, em acabar a escola, para tirarem um curso ou empregarem-se logo e não há a preocupação em aproveitarem o tempo (o resto do tempo que têm e que é pouco mas ainda vão tendo

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

algum) para participarem na própria vida educativa.

A escola é simplesmente o sitio onde se vêm ter aulas!

ENTREVISTA nº 5

Presidente do CP

ANA - PrCP

ES. - 97/02/03 - 11:30 - duração 30 min

O primeiro comentário que eu lhe pedia era em relação à organização e funcionamento da escola, pontos fortes e pontos fracos. Como é o clima desta organização?

Este NMG acho que está muito estruturado em relação aos diversos órgãos. O DEX por um lado, o CP por outro e o CE por outro, simplesmente nesta escola o CP trabalha em sintonia absoluta com o DEX, portanto essa clivagem não se faz.

Em relação ao CE tenho a dizer que acho que é um órgão que, é a direcção da escola, mas de qualquer maneira é um órgão que no pulsar da escola, no dia a dia da escola, tem pouca força. Podia além de estabelecer as linhas orientadoras do PE, limita-se quase que a fiscalizar se o CP cumpre essas linhas quando traça o PAE e o apresenta ao CE e outros documentos que passam pelo CP. Portanto embora haja um bom clima entre o CE, o CP e o DEX, para mim, sinto que a grande empatia se faz entre o DEX e o CP.

Até porque o DEX faz parte do CP e tem direito a vota, ali toda a gente faz parte do CP, aqui no CE nem o DEX, nem o Pres. do CP tem direito a voto.

Mas não há conflitos?

Não conflitos não. Nunca houve, mesmo entre o DEX e o Pres. do CE, embora o problema da representatividade da escola tenha sido realmente problema nesta escola, porque para o DEX a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

representatividade da escola pertence-lhe a ele, e pela lei pertence ao Pres. do CE. Houve no ano passado uma tomada de posição do CP de apoio ao DEX nesse aspecto. O DEX pediu a demissão quando saiu essa legislação e nós pedimos também demissão solidariamente com ele, porque concordamos que o DEX, embora não sendo órgão de direcção, ele é que faz a gestão da escola toda... a gestão de tudo.

O DEX representa a Com.Edu. representadas no CE ou é um representante do ME? Como vê esta dialéctica entre o DEX representar a com. ou a admi?

(sorriso irónico) Ele tem de ser um garante da administração, tem de ser um garante do ME, mas de qualquer maneira, simultaneamente, ele pode fazer isso e ser um representante da ComEdu, acho que não há incompatibilidade.

Depende da personalidade da pessoa e estamos a analisar este caso concreto. Já me disse que no CE não há grande conflitos. Existirão na escola e no CE alguns grupos de pressão que contestam as decisões?

Nãoop(peremptório). Aqui nesta escola não há grupos de pressão, para contestar, nem o grupo de professores, nem o rep. do PÑDoc., nem a autarquia, nem os rep. das actividades económicas ou culturais. Ninguém exerce grupo de pressão... aliás eles lá fizeram uma autoavaliação e toda a gente colaborou nisso, até mesmo a CM, a APEE, e alguns professores, todos colaboraram num trabalho de grupo que fizeram sem exercer qualquer pressão.

O CE é entendido como uma arena de debate, de concertação, a inexistência desses conflitos estará ligada a uma passividade do CE, ou não há conflitos porque as pessoas se dão efectivamente bem?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

(Sorrindo) eu acho que nesta escola as pessoas se dão bem.

A rep da APEE como faz parte no CP também, há mais participação no CP, que no CE, porque no CP é que se debatem os problemas relacionados com os alunos, justificação de faltas, acções que se levam a efeito, logo ela pode exercer maior pressão no CP do que no CE.

Pensa que há um bom envolvimento dos Pais?

Não, penso que não há, embora tenhamos uma APEE e a representante da Associação (que é a própria presidente) seja muito dinâmica, a AP é apenas um pequeno grupo de pais dos alunos desta escola, não é representativas dos pais destes alunos da escola.

Em relação à estrutura Direcção de Turma que muitas vezes estabelece a relação com o pais, também há muito pouca participação dos pais, mesmo os que não pertencem à AP.

Pensa que apesar deste ponto fraco, poderia haver um incremento da participação de pais, quer no domínio da DT, quer noutros patamares de participação?

Eu penso que pode ser embora, embora a esperança não seja muito grande, porque a AP quando há reuniões de DT com os pais (no início de cada período), a AE pede para que esteja um representante seu nas reuniões para angariar sócios e solicita a colaboração dos DT para enviar cartas aos pais, para que eles se associem... e as respostas têm sido muito fracas! Eles não captam muitos sócios. Porque as pessoas que são da APEE ou são geralmente pessoas que já estudaram e são pessoas que estão em sintonia com a escola, ou então se nunca frequentaram o ensino secundário eles não estão motivados para se associarem nem para vir à escola.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Pensa que a participação é um mito? Ou pensa que poderemos fazer alguma coisa para aumentar a participação?

Eu não quero ser muito pessimista e dizer que é um mito, acho que pode ser... devemos tentar sempre chamar mais os pais à escola. Em relação à AP acho que a presidente é bastante dinâmica e tenta por todos os meios angariar novos sócios... esperemos novos dias. Não se pode dizer que é um a utopia.

Não há uma tradição de eleger um delegado de pais por turma?

Não, não há, porque nem há gente suficiente para eleger um pai por turma (...) seria muito bom só que os pais que vêm em grande nº às reuniões são os pais do 7º ano. A partir daí, a cada reunião que se faz no início do período, só vêm 4 ou 5 pais em média.

Será que os pais pensam que já são maiores? Mas da sua exp^a docente pensa que os alunos têm outros problemas que mereceriam o acompanhamento dos pais?

Eu acho que sim, devia haver uma maior interacção dos pais e a escola. Os pais demitem-se muito da educação dos filhos. Muitas vezes a escola é para os pais um depósito, onde os pais vêm por os filhos e pronto demitem-se de os acompanhar.

Em relação à Com. também há outros elementos. Pox ex. os alunos, têm a AE, elegem o seu delegado por turma, como vê essa participação? Mais ampla?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Ainda é muito incipiente. Eles têm a AE, são representantes no CP e no CE, são convocados para as reuniões e muitas vezes não vêm (tanto do CP como do CE). Olhe o último caso que se passou foi isto: O dia D, nós queríamos programar qualquer coisa com os alunos (embora aquilo tivesse sido muito à última da hora), fizemos uma reunião do CP, convocámos os alunos, eles assinaram a convocatória... isto era do interesse deles e nenhum veio à reunião do CE.

A AE este ano ... eles ainda não se entenderam uns com os outros. Eles não sabem estruturar as funções de cada um, eles precisam de ser ajudados, não sabem qual a representatividade que cada um deve ter em cada órgão.

E as outras partes, os func.?

Em relação ao func. que é o rep. do PÑDoc. eu só tenho a dizer bem dele. É um homem muito eficiente, é o encarregado do refeitório, exerce uma boa influência em todos os funcionários, tem gosto naquilo que está a fazer.

Hoje veio-me chamar para eu ir ver uns cortinados novos que pôs no refeitório, umas toalhas novas que pôs sobre as mesas...ele é muito empenhado.

E a nível da autarquia?

A nível da autarquia vêm duas pessoas, vem uma sempre, mas revesam-se. É um nível não muito elevado. A autarquia diz mesmo que têm muito maior autoridade e dá maior ajuda as escola primárias. Aqui a nível do secundário, vêm às reuniões, dão a sua opinião sobre muitos aspectos, mas não se sente muito a acção da CM.

A participação dessas várias vertentes exteriores à escola é mais passiva. Vêm, votam...

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Sim, sim, votam, mas contributos poucos. Até ficámos muito porque pensávamos que por eles serem representantes no CE eles pudessem dar mais ênfase a esta escola, mas não, dizem que é o mesmo que as outras escolas secundárias da cidade.

Em termos da sua opinião sobre o NMG, globalmente como vê a exp^a, com estes altos e baixos?

Eu ... o NMG tem sido muito contestado, penso que tem havido problemas nalgumas escolas. Nesta não tem havido por causa das pessoas que estão nos órgãos, porque eu acho que este modelo exige muito que as relações interpessoais sejam muito bem definidas... porque se começa a haver problemas, entre as pessoas, gera-se um mau ambiente na escola.

Eu acho que neste aspecto sim. Agora em relação à circulação de informação este modelo tem sido muito contestado. Porque antigamente o CP era muito maior, tinha os Delegados de Grupo (DG), agora são só os Chefes de Departamento (ChDe) e portanto sabe-se mais tardiamente da informação, porque tem de passar por mais graus e, embora a circulação se faça, ela é mais demorada do que no anterior sistema... noutro aspecto em relação à representação de serem só o ChDe, e o Conselho ter reduzido em nº de pessoas, eu acho que há maior eficácia do que o anterior, onde havia muita gente que não fazia nada, agora toda a gente dá a sua opinião, faz propostas, são analisadas e acho que é muito dinâmico o CP com menos pessoas.

O problema é mais no circuito de comunicação, porque também é suposto que haja informação dos professores para os seus ChDe?

Sim os ChDe são sempre portadores de propostas que vêm dos grupos.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Como vê a dialéctica entre o CE e o DEX? Como vê a facto de existir uma direcção na escola? Foi um contributo para o debate de ideias ou CE é um órgão passivo?

Eu... não sei. O CE é um pouco passivo, porque também não tem esfera de actividade. Eu acho (isto parece uma heresia) que sem DEX e sem CP a escola não funciona... mas sem CE a escola funciona!

Quer dizer que é um órgão que só em teoria é que tem algum o interesse? O modelo precisará de mais tempo de aprendizagem?

Sim na prática... mas três anos de aprendizagem chega de aprendizagem (sorriu). Acho que é o modelo que não é de seguir... não sei .

Os membros da Com. Edu (através do CE) exercem alguma influência nas decisões que o Dex toma ou limitam-se a ouvir?

Claro que o DEX tem sempre que auscultar o pulsar da escola, mas não há grupos de pressão sobre ele.

O DEX toma as suas decisões, com base no CP, que tem todos os representantes dos vários grupos (cada CfDe representa vários grupos) .

Acho que há uma sintonia e que não há grupos de pressão.

Quando é preciso tomar atitudes de administração escolar, toma-as!

Pensa que a ausência desses grupos é uma característica desta escola porque as pessoas se dão bem? Ou pensa até que para a escola funcionar bem

**A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
nunca deveriam existir?**

Não. Eu disse grupos de pressão no sentido negativo. Agora grupos de pressão no sentido construtivo isso há.

Há várias propostas que chegam ao CP, que são analisadas e que são debatidas, e que muitas vezes podíamos não estar a pensar daquela forma, mas depois de analisarmos as propostas dos vários grupos chegaremos a uma conclusão diferente e o DEX também.

**É frequente haver decisões que não são consensuais
no CP?**

No CP há.. e até são mais frequentes que no CE... porque aqui (CE) as coisas até já vêm feitas para o CE e geralmente o CE não contesta o que aqui chega.

O PAE chega aqui e é sempre aprovado no CE... (nunca aconteceu que não tivesse sido aprovado) e outros documentos que elaboramos, quando vêm ao CE, nunca deixam de ser aprovados.

Por vezes recebem contributos... ainda agora quando foi o último CP, para ver o que pretendíamos do dia D porque chegou em cima da hora, pedimos a colaboração do Pres, do CE e de alguns elementos do CE para irem ao CP e em conjunto debatermos e até foi a proposta do Pres. do CE que foi aceite!

**Na sua opinião quais as expectativas que tem em
relação à evolução deste modelo? Tudo vai voltar a ser
como dantes?**

Não, tudo voltar a ser como dantes, acho que não. Mas uma das coisas que devia ser bem definido era a legalidade (sublinhado) da representatividade da escola ser dada concretamente a X ou a Y, e não haver estas meias tintas que só não geram conflitos, porque as pessoas se dão bem.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

A representatividade da escola devia ser atribuída a X ou a Y, mas devia ser concretamente atribuída.

Já reflectimos muito, temos 4 ChDe, e pelo menos um deles tem imensas disciplinas desde (...) e às vezes é difícil dar conta de todos os grupos...

ENTREVISTA nº 6

... - Professora do CE

Sara - Prof CE

ES: ... - 97/02/03 - 15:40 - duração 35 min

Sobre a organização da escola, seus pontos fortes e fracos, como sente o clima de escola?

Bastante favorável. Eventualmente pode ter existido num passado recente algum (eventual) mal estar, por parte um grupo muito específico com uma certa má vontade em relação ao DEX e ao CE. Sente-se mais agora no passado recente do que há uns tempos atrás. No CE é um clima favorável.

Ao nível das diferentes estruturas hierárquicas, professores, funcionários, alunos, geneneralizando até aí, penso que caracterizaria globalmente como existindo um bom clima.

O DEX representa a Com. Edu presente no CE ou representará mais o ME?

Depende um bocado da pessoa do DEX, parece-me que haverá uma maior (no caso particular desta escola) reflecte mais o interior do que o exterior (a Com.) Mas como disse, isso depende um bocado do DEX, do seu passado e do envolvimento que teve (ou não) com a Com., mas penso que como DEX tem que estar bem posicionado na escola.

(Para a profª com. é exclusivamente a com. exógena)

Neste novo modelo a hierarquia do ME pressiona menos a gestão?...

(não deixa acabar a questão e responde sobrepondo-se...)

Pois, estava-me a esquecer desse nível, estava-me a esquecer da DRE... mas também não noto muita diferença. Pontualmente aqui ou ali pode ser abanada um bocado a bandeira da autonomia, mas não vejo grande diferença entre o anterior modelo e este, no que respeita à interferência da DRE.

Parecia-me a mim que este NMG permitiria uma maior liberdade ou autonomia (ou uma coisa assim) da escola, (o modelo exigia isso), mas não vejo na prática que isso aconteça.

Apesar de ter dito que não há conflitos, opiniões diferentes, com que frequência acontecem no CE? Os pais têm opiniões diferentes sobre os professores ou há consenso?(não deixa acabar as questões)

Várias vezes, ou frequentemente, existem propostas e tomadas de posição por consenso aqui (CE). Quando não há consenso, nem sequer sinto que são as entidade exteriores que estão em desacordo. Noto mais que são os professores que entram em desacordo entre si... apesar de, mesmo neste conselho, todos virem da mesma lista. (...)

Se os docentes do CE tivessem proveniência de diversas listas, acho que poderia agravar esses conflitos entre os docentes . E não vejo como é pode um CE funcionar assim, apesar de não conhecer outras exp^a (...).

Não sente que no CE haja grupos de pressão junto do DEX, com tomadas de posição sobre determinado assunto?

Particularizando, não é? Até eventualmente em termos de grupos disciplinares (por questões às vezes até muito pessoais, ou assim) poder-se-á criar um certo atrito, ou na pessoa do DEX, ou do presidente do CE... e depois entre o ambiente da escola e o pessoal docente, até por uma questão muito pontual acabará por se reflectir um pouco, talvez.

Penso que será um bocado específico desta escola que não têm? Levantaram diferentes posições e depois não se lidou muito bem com essas posições. Dá-me ideia que a situação foi um pouco nestes diferentes âmbitos.

Na sua opinião o CE, enquanto órgão de debate de ideias e de concertação é um órgão que debate as propostas que lá chegam ou limita-se a ter uma posição bastante passiva?

Com outra composição, eventualmente, isso poderá acontecer, com a actual composição este conselho é muito passivo.

Mas dá-me ideia que dificilmente será de outra maneira. Porquê mandar?? São oriundas do CP e o CP é um órgão que reúne com mais regularidade, que tem mais espírito de trabalho, os diferentes grupos estão representados e... e, pelo menos o que eu sinto, é uma certa dificuldade, em encontrar argumento em relação às propostas que aqui chegam e muitas das vezes sinto-me até um bocado... quer dizer, as propostas chegam aqui e sinto poucos argumentos para debater aquilo.

A Pres. apresenta aquilo como um resultado de um trabalho de um conselho, dos professores, dos alunos...e depois eu considero que o CE tem dificuldade... porque qual é a alternativa? Não aprovando pode haver (entre os dois órgãos) algum mal estar e eu reconheço que aquilo já é fruto de uma discussão, de um trabalho,etc e eu não me sinto à vontade para pôr em causa.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Esses documentos chegam antes ou em cima da hora?

Uns recebem-se em cima da hora outras vezes não... recebem-se com 8 dias, é um bocado variável...

Essa falta de tempo de reflexão não pode ela própria ser um factor de passividade?

Também pode, mas não acho que seja a razão principal, mas acho que também pode ...

Como caracteriza o envolvimento dos pais na escola e no CE em particular?

A escola, comparativamente com outras do meio, até tem sido privilegiada. Tem sido privilegiada na medida que o Pres. da APEE (não só esta senhora como o anterior), temos tido a sorte de termos pessoas com disponibilidade e com sentido o certo do que é ser pres. da APEE da escola... e como tal, dá-me a ideia, que têm tido uma atitude construtiva... coisas que ouço outros colegas referir que talvez isso não aconteça tanto. Aqui na escola, não só a Assoc. actual, mas também nas anteriores ... Estou aqui há 12 anos e todos os EE que por aqui passaram têm tido uma atitude de construir e fazem um trabalho positivo.

Portanto há uma boa comunicação entre a escola e os pais?

Há, porque quem depois havia de ter atenção à comunicação era a própria APEE . (vamos lá ver se eu me consigo fazer explicar) Eu até acho que a AP funciona, onde eu noto mais certas dificuldade, é depois na relação da AP com os seus associados que não tem e devia ter .

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Na hora normal de atendimento aos DT os pais vêm pouco à escola, e apesar disso ser um trabalho que cabe à escola fazer e dinamizar a vinda dos pais também depende muito da AP... e acho que aí não atingiram ainda. Apesar de existir uma diferença em relação o passado.

Tem havido um incremento de participação?

Não ainda o suficiente, porque este NMG exigiria muito mais a participação dos pais. E não é suficiente essa participação.

Aqui na escola não é vulgar os DT elegerem um delegado da turma de pais?

Sim, sim, é. É, este ano não sei se houve... mas noutros anos (eu fui DT e havia) havia um pai que representava os pais da turma... (uma série de anos consecutivos isso aconteceu), normalmente, era chamado para as questões disciplinares... mais vale essa do que nenhuma!

E esses pais, depois eles próprios têm alguma ligação à APEE.?

Não sei se têm, porque normalmente o problema põe-se porque a direcção não têm capacidade física suficiente para responder e dá-me ideia que pressionem um bocado esses pais para os substituir nos CT disc. Depois o que eu penso é que o êxito da participação dos pais, ou não, depende muito da disponibilidade da pessoa que está à frente da AP. Nós felizmente temos tido, mas porque não trabalham ou porque estão em actividade mais maleáveis.

Ultimamente as 2 presidentes da AP não trabalhavam.

A nível da participação dos alunos?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Fisicamente até participam em termos de assiduidade, mas.. poderia esperar mais... às vezes até trazem ideias, mas ficam muito aquém do que é participar. São ali um bocado postos... pronto isto é para vocês... não vejo muita espontaneidade... tenta cumprir.

Como é a dinâmica da AE?

Tem sido variada. Depende das direcções, porque depende das ideias. Parece-me (tenho pensado um bocado nisso) que tenho assistido à eleição de direcções que não são necessariamente os alunos mais velhos. Às vezes, não quer dizer que ganhem, candidatam-se miúdos muito jovens, com ideias brincalhonas, e não sei se isso se poderá traduzir nalguma coisa de especial. Miúdos pequenos parecem mais empenhados do que os finalistas... Os pequenos têm ideia se forem para lá poderão fazer melhor, porque os que lá estão fazem muito pouco... o futebol, o basquete...

Outras vertentes da Com., os func., ou a CM, como sente a sua participação?

No que diz respeito aos funcionários às vezes até esforçados, mas mal preparados em relação aos que vêm encontrar. Há func. que estão mal preparados... houve uma altura que vinham da agricultura...

A representação, não digo que a expressão oral seja muito interveniente, mas quando solicitado em termos de trabalho a desenvolver, mas acho (não quero estar aqui a avaliar) que traduz bem o que se passa no espaço dele.

Propostas fora do seu foro, dá-me ideia que tem mais dificuldade em questionar, opinar, mas considero que é um pessoa quando solicitada sobre casos concretos: quantos funcionários, o que temos neste serviço ou naquele, dá sempre respostas satisfatórias.

A autarquia, como entidade exterior à escola, parece ser a que têm levado a exp^a mais a sério. Tem havido disponibilidade, mas tem

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

a ver, na minha opinião com quem está à frente da Câmara. Tem altos e baixos, depende de quem era. Vêm, são assíduos, quando há uma falta é justificada e só faltam pontualmente, é a instituição, fora do pessoal docente, que menos falta... e sempre com ... não são recados, mas há sempre alguma coisa que a Câmara tem de comunicar ao CE, informação que estava na Câmara e esta acha que diz respeito...

Funciona como uma forma de comunicação

Mesmo que não seja uma pessoa com muita facilidade de intervir, traz uma ideia, há que falar sobre isto ou aquilo.

Dos outros tenho notado uma certa falta de acção...

O caso concreto do rep. dos interesses culturais muito, muito passivo se fossemos fazer um balanço, traduzia-se um bocado em muito pouco, quer dizer: Para além de trazer alguma ideia, no que diz respeito ao órgão representado... muito pouco.

Estava a falar de qual? Enganei-me eu estava a falar do rep dos interesses económicos.

O representante dos int. culturais vem, tem ideias, questiona e tal... o problema é a assiduidade. Esta entidade tem pecado muito por falta de comparência, pelo menos ultimamente...

Poderão haver várias razões?

Pois, eu não estou a fazer... Não estou a fazer juízos de valor. Estou a constatar uma realidade. Eles não vêm é porque há um desajuste entre o funcionamento, o horário, etc... penso que é isso que acontece.

E em relação a um balanço geral da experiência, como conselheira da direcção da escola, como é que a poderia caracterizar, pensa que valeu a pena?

É difícil, olhe... se calhar até diria que foi uma coisa inofensiva. Não considero que seja o modelo a implementar, de maneira

nenhuma. Nesta exp^a concreta também acho que houve grandes prejuízos... o principal prejuízo (para além de outros) é a dificuldade na informação e de tempo nessa circulação de informação.

E depois temos coisas mais a ver com a orgânica do próprio modelo, com a autonomia de escola... olhando para estes anos todos, o que me parece, é que não trouxe melhorias qualitativas.

O que discorda mais frontalmente?

É difícil dar-lhe... aquela coisa de dizer que o DEX pode desempenhar o cargo com autoridade, como tenho dificuldade em aceitar essa crítica (não sei, por aqui na escola estarmos longe disso) e também dificuldade em aceitar o estatuto do CP, se eu estivesse no CP acho que tem que ter, mais capacidade de decisão do que efectivamente tem... e o que tenho achado aqui (são sei se é defeito do próprio CE) é uma certa ineficácia, devia tender a ser (o CE) um órgão de facto orientador, animador, acho que não tem esse papel e acho que dificilmente terá.

As acções... a autonomia... a gestão do dia a dia... fica muito pouco espaço para o CE e as linhas orientadoras, como genéricas que são, por vezes traduzem-se em nada. Não tenho ideias precisas.

Esta distinção entre haver um órgão de direcção e um de gestão; é isto que considera inadequado ou pensa que terá potencialidades esta distinção?

Eu até acho que pode haver um órgão de gestão, com alguma especialização, tem o seu foro muito próprio, eu acho que colide (não tenho ideias precisas), mas acho que colide demais o CP com CE do que qualquer deste como DEX.

Sinceramente, não consigo ter ideias definitivas sobre isso, acho que como está CE, CP há aqui uma falta de discriminação das tarefas de cada um e das funções de um lado e do outro . Ou há sobreposição de órgãos...

Como o CE é um órgão que representa a Com. Edu. pensa que há uma influência diária neste órgão na prática do DEX... ou não?

Não acho. Já no modelo anterior (tenho de comparar com o modelo anterior, não é estar-me a posicionar...) a APEE, no CP, era uma entidade bastante participante, e mesmo já havia um representante das ent. culturais... Não acho que agora essas entidade no CE façam muito mais... porquê? Também não sei, mas, portanto, acho que não fazem muito mais.

Por ex., a entidade económica aqui representada não tem ido muito além do que a presença física e acho que não é isso que o modelo pretende...

Por isso tem ficado no mesmo nível daquilo que se exigia anteriormente a essas entidades.

Poderá haver uma deficiência na participação mais activa de todas as partes da Com.? (não me deixou acabar)

Também acho que a comunidade não tem condição de o fazer na conjuntura que temos é capaz de ser despropositado os objectivos que se pretendem para este NMG.

A sociedade não tem capacidade para responder a essas exigências. Talvez... (eu conheço muito pouco de outros sistemas educativos... já tenho ouvido comparações), não vejo nenhuma das entidades...(enumera-as), portanto a sociedade não está em condições... o papel da CM tem sido mais activo, porque em termos legislativos, tem de responder de outra maneira

Sinceramente acho que não...os meios que se dispõem no momento...

Quem olha para o modelo em termos teóricos (modelo puro), é dificilmente criticável... em teoria, (falta uma coisa ou outra... não sei),

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

mas na prática não funciona.. nomeadamente, a aproximação da escola ao meio... já havia alguma proximidade.

ENTREVISTA nº 7

CE - Represent dos Interesses Culturais no CE
Miguel - IntCul

Teatro ... - 97/02/03 - 17:17 - duração 38 min

No âmbito da própria organização da escola, onde se processa a investigação, em relação ao seu funcionamento, pontos fortes e fracos existentes na escola? Como é o clima e o ambiente de trabalho na escola?

Bem, gostaria de começar por lhe dizer uma coisa que é o facto, enfim, este modelo trazendo coisas novas, embora sem conhecer em pormenor os modelos anteriores, porque nunca participei em estrutura nenhuma de gestão da escola, fomos convidados aqui para participar neste órgão CE e, naturalmente, decidimos aceitar, até porque nos sentíamos co-responsáveis neste processo; e porque a nossa actividade, tem muito a ver com este público que é o público das escolas, não só os alunos e os professores, mas também toda esta máquina que gira à volta das escolas e temos uma actividade que é cultural e, naturalmente, precisa e vive também para este público.

Desde sempre nesta casa (...) tivémos o cuidado de procurar mesmo a nível de produção do nosso trabalho, estabelecer uma relação o mais aprofundada possível e o mais sistemática possível.

Estas coisas são sempre o que é possível, e nunca aquilo que a gente deseja, mas pronto, são processos que se vão desenvolvendo.

Há momentos em que as coisas têm uma maior dimensão, outros momentos em que há pequenas dinâmicas, que são

favoráveis a que as coisas corram assim.

Quando recebemos esta proposta, aceitámo-la, mas tenho que lhe dizer, sinceramente, que a nossa disponibilidade, por via da nossa própria actividade, é que nos ocupa muito tempo ao longo dos dias, não é grande, é pequena, não é?

E faz com que a minha participação, porque sou a pessoa representando os interesses culturais, que estou a participar no CE, não tenha sido permanente, porque por questões que se prendem com a minha actividade aqui, tenho acompanhado na medida do possível. Já participei em várias reuniões, não sei em quantas, muitas mesmo, mas também há algumas que não fui.

Isto é um depoimento que gostaria de deixar ficar, porque me parece que certas questões têm alguma importância para a exp^a, que tem talvez 2 ou 3 anos.

O facto de não podermos estar permanentemente nas reuniões, e este CE se ter reunido com alguma frequência, ainda agora por ex. estou convocado à qual não vou poder ir, porque a reunião é numa altura em que estou muito próximo de uma estreia aqui no teatro, não vai ser possível participar, mas de qualquer maneira, para lhe dizer que não tenho acompanhado completamente todo o processo...

E em relação à questão que me coloca o que lhe posso dizer é que no princípio deste processo, senti que havia de facto uma grande disponibilidade e uma grande vontade, quer das instituições exteriores à escola que não participavam nos CD, quer das pessoas da escola, nomeadamente, professores, pais e funcionários, havia de facto uma dinâmica, uma vontade que sentia muito grande para valorizar este projecto.

Ao longo do tempo, tenho ideia que, essa disposição e esta vontade, foi um pouco esmorecendo; as razões objectivas, se calhar não as conheço todas, não as sei descortinar bem, dá-me a ideia que houve em alguns momentos conflitos, entre o CE, digamos o que é a responsabilidade do CE, e qual a responsabilidade do DEX; isso tanto quanto me apercebi, era matéria que não estava

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

suficientemente clarificada, nas próprias normas, ou na própria lei que define esse quadro e fez com que eu me tivesse sentido, ainda que com algum distanciamento, porque eu nunca estive suficientemente envolvido nas coisas para poder perceber em pormenor e para poder ter uma opinião sobre isso, mas tenho ideia que este quadro, é o quadro que se foi esmorendo pouco a pouco e que houve alguns momentos em que as coisas... por ausência de clarificação, completamente transparentes, e que houve aqui e ali momentos em que as coisas não funcionaram a um ritmo muito produtivo, em termos de resultados,.

Ainda que me pareça que em termos de função do CE, houve a princípio a ideia de criar alguns núcleos, algumas comissões, que pudessem acompanhar especificamente, algumas áreas específicas da própria gestão da escola, o que também não foi possível, pelo que também não foi possível avançar com isso.

Depois ainda se juntou outro problema, que era o facto da capacidade que haveria de responder a um funcionamento mais sistemático, mais permanente, aí chocava com esta ideia que é a nossa limitação de participar em estruturas deste tipo, conseqüentemente, as reuniões começavam a multiplicar-se e de repente a nossa capacidade de resposta a isso, era diminuta e não tinha condições para podermos assumir um quadro mais eficaz, mais interveniente, de colaboração, e de apoio na própria gestão da escola.

Em termos genéricos penso que, por um lado senti, que no princípio as coisas poderiam ter caminhado de certa forma, e que tinha vontade para isso, e disponibilidade, mas por outro lado também, pelo andar da carruagem, as coisas foram esmorecendo um pouco, embora me pareça que, em termos gerais, das reuniões onde participei, a ideia com que fiquei, foi que este foi um órgão que discutiu e equacionou várias matérias e que terá, concerteza, tido um contributo significativo para o processo de gestão do DEX.

Na sua opinião, enquanto conselheiro do CE, pensa que o DEX representa a Com.Edu, ou representa mais a própria administração, isto é, até que ponto com este novo modelo o Dex representa a Com. ou continua a depender da hierarquia do ME? Nota-se alguma diferença?

Não, isso não me parece que se tivesse notado diferença.
(interrupção)

Os conflitos que algumas vezes acontecem, conflitos se calhar não é a melhor palavra, algumas questões menos claras, sobre a representatividade: quem é que representa a escola? (lembro-me disso ter sido aflorado algumas vezes).

De repente havia sempre a dúvida... Ou era o Pres. do CE que era o representante da escola? Ou era o DEX? ... Isso foi uma situação que nunca esteve completamente esclarecida e houve essa confusão; eu sentia que algumas vezes o Pres. do CE fazia questão, ou força, para que o Pres. do próprio também estivesse em certas cerimónias, a nível do ME ou da discussão do próprio modelo, o Pres. do CE também ia, quer dizer, a figura do DEX, embora tivesse uma função de direcção, parece ser mais claro, quer dizer essa direcção dentro da própria gestão da escola, embora houvesse momentos em que ele era o representante da escola ou necessitava de estar, porque era a pessoa que dominava um conjunto de matérias, e que por essa razão devia também estar, como representante da escola.

Mas essa questão nunca ficou muito clara, embora não senti também da parte do DEX, essa ideia de ser a pessoa que carreava para a escola as orientações do ME, embora sentisse que por parte do DEX, existia um conhecimento muito profundo das matérias que tinham a ver com o ME, mas poderia dizer o mesmo em relação ao Pres. do CE.

Senti sempre o DEX como o interlocutor da própria escola, portanto o indivíduo que sustenta e defende as questões e os problemas da própria escola, no que na outra vertente.

No fundo numa lógica inerente a este modelo que é uma lógica de descentralização, de conceder autonomia à escola, era suposto que o DEX também representasse a própria Com., isto é, que não dependesse apenas do estado, mas que representasse os pontos de vista da Com. O CE ia dando este contributo regular?

Sim, de alguma maneira sim, embora houvesse sempre esse problema que tem a ver com a autonomia, mas pôs-se sempre o problema que tem a ver com o problema financeiro.

Quando chegava à componente financeira encontrava-se as barreiras e as limitações impostas pela necessidade, ou pela dependência sistemática da DRE, para essa matéria, por ex. contratar mais vigilantes, ou .. outros que não sei precisar quais, problemas dessa ordem, a escola estava braços com um problema que ela tinha de resolver mas cuja condição, em termos financeiros , não o tinha na mão.

Dependia de outra instituição que não é a escola e essa instituição teria outros pontos de vista, e linhas de orientação que não iam de encontro às necessidades da nossa escola, e então aí encontrávamo-nos numa situação um bocado complicada; somos representados pela gestão, a ideia de autonomia é muito bonita, mas depois as condições para efectuar essa autonomia onde é que elas estão? Havia de facto essa ausência.

Há conflitos, desacordos no CE? A sua própria composição fomentava uma dinâmica de diálogo ou de debate. Eram frequentes esses desacordos ou era um órgão passivo?

Não era de facto um órgão muito passivo, antes pelo contrário. Com frequência participei e assisti a reuniões em que havia opiniões diversas.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Havia a necessidade em relação a matérias mais complicadas, e que não sei precisar, lembro-me que houve questões que tinham a ver com a avaliação, em que a discussão era grande. Havia, de facto, um debate; à partida tinha opinião contrária ou diferente em que de facto se geravam debates.

Embora numa ou outra reunião sobre a matéria, as coisas fossem mais tranquilas, mas houve várias situações em que de facto havia divisões, ideias diferentes, e que se confrontavam e que se discutiam, às vezes até um pouco acaloradamente, mas tranquilamente sem ofender ninguém, houve momentos em que isso aconteceu.

Pensa que isso é importante para a escola, existir esse debate de ideias, esses conflitos?

Parece-me extremamente importante, à partida, como princípio; é uma prática extremamente salutar e é enriquecedor da nossa intervenção, seja em que comunidade for, e a Com.Escolar é por excelência uma Com. que precisará muito deste tipo de confronto, de interacção, através de ideias e de discussão.

O problema para mim em relação a isto, não é só importante discutir as coisas, ou reflectir sobre as coisas, importante será também discutir e reflectir num quadro ou em contexto em que existam condições para que essa reflexão e discussão possa produzir um determinado tipo de andamento, de acordo com as necessidades.

Em relação a isto, é que sentia também que às vezes as discussões eram um pouco frustrantes, por causa disto, porque as condições permitidas não eram suficientes, para poder implementar as coisas que eram o resultado da produção que se fazia nessas reflexões.

Daí que me pareça, que em relação a este órgão, não sei se lhe cheguei a dizer isto... não sei, tenho dúvidas, que a participação das pessoas exteriores à escola, seja desta forma...

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Não encaro (de maneira nenhuma) que a Com. Escolar seja uma coisa estanque, ou que possa existir fora do contexto da Comunidade ou da cidade onde está inserida.

Entendo e penso que tem de existir interacção entre a escola e a Com, agora a formula de provocar essa interacção, é que me parece neste momento que, a ideia que tenho é que esta não é melhor forma de a conseguir, pelo menos de uma forma concreta e objectiva.

Ou seja, parece-me que, por ex., a estrutura que represento é um Centro Dramático, é uma unidade de produção de espectáculos teatrais, é uma empresa que oferece determinado tipo de serviço a partir dos quais é fácil, visualizar uma relação com a escola, em vários planos: no plano da integração dos currículos, (porque trabalhamos obras que vocês trabalham nas escolas), ou no plano de iniciativas que a escola produza nas áreas culturais, na necessidade de termos de solicitar apoios pontuais, a professores ou até de alunos, para uma crise ou outra.

Existe um vasto leque de questões e matérias que é susceptível de sustentar uma relação desta instituição com a instituição escola.

A forma de garantir isto, é que me parece que não passa pelo CE, e daí que me apeteça pôr em causa, um pouco, esta participação. O que eu tenho sentido no CE, é que aquilo que me é pedido, é uma intervenção no sentido de opinar, e dar os meus pontos de vista, sobre uma realidade que é a realidade escolar, quase exclusivamente, falamos do PAE, das actividades extra-curriculares, que vão realizar com o (...) ou com a Câmara, ou com o (...) ou com outras instituições, mas a forma como isso é abordado, é no contexto do próprio plano de actividades, e a matéria em termos de substância não é essa, são os alunos, as actividades curriculares, enfim um conjunto de coisas que anulam, por completo, ou desvalorizam muito, uma reflexão que poderia acontecer e que era desejável no quadro do CE.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Será que o CE é um órgão que, tendo em conta as suas características e natureza, tem as condições para poder ser um espaço de reflexão, para esse tipo de questões... nunca me foi dada a possibilidade de discutir isto, mas o que me parece, é que ter em conta as ordens de trabalho, e as matéria que há para discutir no CE, e o próprio andamento da escola, do CP ou necessidade de aprovar este ou aquele documento, de repente, existe um calendário ou uma agenda de matéria para discutir no CE que faz com que não sinta tempo e disponibilidade dos membros do CE para uma reflexão aprofundada sobre esta matéria.

Como se podem desenvolver as relações com a escola com os agentes que estão aqui sentados à mesa conosco que tipo de intervenção é que se pode fazer, esse tipo de coisas acaba por ficar um pouco diminuído .

E daí que diga nós (..) com a escola é uma relação que não tem sido sustentada pela nossa presença no CE, mas por uma dinâmica que se criou pelos professores de Português, ou de História, ou de Filosofia depende do que se está a fazer, dos projectos que têm ou vice versa .

Projectos que há na escola, sei lá o “viva a escola”, e depois há uma actividade e pedem-nos ajuda e a gente fornece desde que tenhamos. Quer dizer não senti ao longo desta exp^a que, por ex., esta relação se possa dizer que tivesse passado pelo CE, que fosse matéria de reflexão, de consciencialização do próprio colectivo do CE, que é um colectivo grande, o DEX, o Pres. do CP, os professores, que podia ser um núcleo da escola, que pelas suas responsabilidades que têm, podia ser um motor de reflexão, ou de análise da situação que tem a ver com as relações entre as várias instituições, da forma como nós nos podemos aproximar e criarmos novas dinâmicas no sentido de formar a tal ideia que é bonita e interessante, de Comunidade em que nós vivemos, em coisas mais próximas dos outros, mais intervenientes, mais interactivas, de maneira que questiono, se faz sentido isto, ou é melhor a gente encontrar outra fórmula de relação que possa potenciar mais este

tipo de questões.

No fundo este modelo vem abrir a escola à participação de outros agentes exteriores e o objectivo final do CE é definir as grandes linhas da política educativa daquela escola concreta (a política cultural engloba-se na política educativa), será que na prática não se criou esse espaço?

Se calhar uma justificação que poderíamos encontrar para isso, seria a escola ter problemas tais (ainda), que faz com que a gente tenha que ocupar muito tempo, com questões que têm a ver com a vida diária da própria escola, quer a nível do pessoal auxiliar, da apreciação do relatório, que são objectivos e para os quais tem que haver reuniões de direcção, quase que diria que as reuniões se passam à volta deste calendário.

O que eu falo, era da necessidade de criar, ou encontrar no calendário também, tempo para reflectir outras questões, que não são aquelas que a escola obriga, por via do seu funcionamento diário e quotidiano.

Não tem havido espaço para isso, se calhar porque ainda há muita coisa para ser resolvida que fazem com que não exista tempo e, de repente, ao criar-se um CE e apercebi-me disso no princípio. Tendo que em conjunto de agentes exterior à escola, podemos ter o seu contributo definir (de uma forma estratégica) as linhas orientativas, para a gente ter um projecto formativo, mais abrangente, mais alargado, em todos os âmbitos, isso penso que era um objectivo que não está a ser conseguido, pelo menos em boa parte, não está a ser conseguido.

Mas de uma maneira geral como é que classifica esta exp^a do NMG? Acha que é globalmente positiva a aberta à com. apesar dessas reservas que fez?

Eu penso que houve uma altura em que me fazia esta pergunta eu diria logo que sim.

Neste momento já não. Continuo a pensar que o princípio parece-me interessante, mas como me disse há pouco, o problema é das condições que existem para depois concretizar o princípio; e aí é que me parece que existe muitas dificuldades, que se calhar não consigo definir muito bem, mas sinto que há dificuldades que fazem com que as coisas não consigam andar muito por aí, se calhar eu diria que é um modelo interessante, mas que se calhar não se adequa as condições que a gente temos... as condições efectivas, reais, objectivas ...

Não existe uma tradição cultural enraizada na sociedade portuguesa, portanto é um caminho árduo; modificar uma sociedade para ela ser mais activa, mais participante, exige décadas. Este modelo terá potencialmente uma abertura para a participação ou será um mito?

Eu admito que sim. O caminho é árduo, mas temos de ter capacidade em função do modelo vamos criando, de os ajustar cada vez mais de acordo com a opinião que vamos formando, e os pontos de vista que vamos tendo, de acordo com as necessidades que temos de intervir.

Penso que sim, que este modelo tem virtudes (que são virtudes de facto) que tem aspectos que são positivos, nesse ponto de vista, há a preocupação de envolvimento, de mais participação, e penso que isso é positivo, mas como lhe digo, essas coisas, se calhar dá para ser assim e não dá para ser de outra maneira, mas temos de ser capazes de ir fazendo os processos, e ir ajustando as coisas, de forma a que a nossa intervenção quotidiana, ou no presente, possa ser positiva ou se possa tirar dela a maior utilidade possível, porque nestas coisas o imediato tem alguma importância.

A gente sente-se entusiasmado com as coisas...se a gente não sente que o que está a fazer tem alguma utilidade.. a gente recuamos mesmo de forma inconsciente às vezes, mas há atitudes de passividade que se vão instalando, que vão ganhando terreno, daí que seja necessário, que seja preciso, fazer alguns ajustes, não para por em causa o modelo completo.

Há virtudes no projecto que são para aproveitar, para desenvolver, era interessante era ver formas de ajustar coisas, por ex. nesta questão da participação das pessoas nos órgãos exteriores, eu hoje diria que se calhar não bem isso, ou se calhar penso assim, se é mais interessante o modelo prever esta ligação, como prevê, mas a fórmula de a fazer não ser esta.

O modelo é aquele, tem um núcleo de pessoas que reflectem, que têm a responsabilidade de definir quadros, e entretanto, encontrar uma forma de relacionar este modelo com esta instituição... uma vez que se pensa que é importante a relação entre a escola e esta instituição (quem diz esta diz outras).

Este núcleo da escola de gestão tinha de encontrar espaço para preparar, e para detectar um conjunto de questões que têm de vir reflectir com esta instituição, e se calhar , tornava as coisas mais operacionais, mais eficazes.

Eu hoje ponho isso em questão, não era por em causa a ligação , mas a forma de fazer essa ligação, porque de repente o que eu sinto é que o tempo que tenho para dar a isso é limitado, e sinto que por parte das outras pessoas que estão no CE e que não são da escola.

A escola tem uma realidade própria, e há coisas, há um nível de desenvolvimento no CE, que eu não consigo, que eu não conheço necessariamente e naturalmente, não conheço a matéria em profundidade e em pormenor e a minha intervenção fica um pouco limitada por isso, e quando de repente pedem para intervir, para ajudar, para participar me pedissem num quadro que era estrito às coisa que têm a ver a minha actividade, ou com as características da instituição que eu represento, de repente encontramos-nos num plano

muito mais igual, eu quando vou discutir no modelo de gestão é problemas de parte a parte, como vamos articular e potenciar coisas, e de repente existia uma economia do tempo que gasto a ouvir, sem poder intervir, porque não tenho informação suficiente sobre esa matéria, e a escola apesar da nossa participação ali, é necessariamente esporádica, num órgão com as características do CE, o que faz com que é limitada, não se otimiza isso, e de repente acaba-se por cair no que dizia há bocadinho, há coisas em que eu não consigo intervir, porque posso dizer que sim, em termos do PAE, ou um relatório ... a leitura que eu faço disso, é uma leitura muito precária, até porque não tenho muito tempo, e há muitas matérias que eu não consigo dominar, e a própria análise, ou o contributo que pode ser dada por outro professor da escola, é uma coisa completamente diferente do que é a minha.

Isto para lhe dizer que, se calhar, eu hoje pensaria em ter este tipo de relação ianda que de uma forma formal era importante que existisse através de um protocolo, de um convénio, entre a escola e as instituições, mas em relação às matérias específicas, a nossa participação, a nossa ajuda, a nossa intervenção, vamos aprofundar isto o máximo possível e otimizar isso

Se eu interpretei bem, deixe lançar-lhe um desafio: imagine ue havia um núcleo duro do CE que se manteria e por ex. estes agentes externos, poderia ter mais utilidade que houvesse uma reunião anual alargda, com um carácter mais consultivo, mas mais operacional. Seria o DEx que iria interagir mais com estas várias entidades do meio, embora, enquadrada essa interacção pela direcção?

Isso podia ser uma hipótese, mas não dispense que a escola encontre dentro de si própria, maneira de resolver o problema da sua relação por ex. connosco (...). A escola tem a sua dinâmica, os seus afazeres próprios, ainda assim penso que é importante essa reunião anual, desde que exista espaço e condições para a gente reflectir

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

algumas questões, para podermos operacionalizar as coisas.

Penso que tocou no essencial, isto é, não por em causa relação de abertura da escola, mas tentar optimizá-la para que entidades como a que representa, não esteja acompanhar o regular funcionamento da escola.

Claro, nem temos condições para iso!

Mas precisamos da escola todos os dias ao longo do ano... ou eles vêm aqui, ou há lá um espectáculo, ou porque há uma acção de formação para professores que gente podia fazer...

Nós aqui temos procurado com as autarquias que é um dos nossos interlocutores privilegiado na nossa actividade... Temos procurado desenvolver uma relação que comece por outros contornos, e neste momento já chegámos a uma relação protocolar com algumas autarquias do Alentejo, o que nos obriga a uma série de compromissos (lá e aqui), mas também com as escolas, com os apoios à actividade amadora, outro tipo de apoios, porque ganhando outro tipo de dimensão, porque isso facilita muita coisa, quando precisamos da escola ou daquela autarquia, à partida temos exp^a acumulada, e sabemos comprometer a uma relação de um determinado nível com aquela autarquia ou com a escola, desde que haja mecanismos que enquadrem esses compromissos, as coisas são muito mais fáceis, não precisamos de cada vez que precisamos da escola, ir à procura de um professor, que umas vezes conhecemos, outras não, para eu dinamizar lá a vinda dos miúdos. Toda a gente sai beneficiada disso.. a própria intervenção cultural, no sentido lato, é extremamente valorizada com uma relação deste tipo.

O importante é salvaguardar a abertura da escola ao meio, mas eventualmente, haverá que repensar alguns mecanismos de ligação?

Exactamente, basicamente é isso, há que repensar alguns mecanismos de ligação.

ENTREVISTA nº 8

CSAE - CSAE - Pessoal não docente

João PNDoc./CSAE (NÃO PERTENCENTE AO CE)

ES - 97/02/19 - 8:45 - duração 30 min

No âmbito deste estudo, a 1ª questão que lhe queria colocar era em torno do clima desta escola, o seu ambiente de trabalho como é?

Nesta escola há uma preocupação a nível geral de não se fazer conflitos propositados, é natural que surjam, como em qualquer ambiente seja ele qual for, surgem conflitos que não são bem aquele conflito do gosto de conflitar mas porque existem em todos os ambientes e quase sempre são encarados de uma maneira aberta de forma a serem ultrapassados; é natural que haja pequeninos focos de conflitos seja eles profissional ou político ... de os manter como forma de resolver certos problemas pessoais; os conflitos que normalmente nos surgem são conflitos que há vontade de serem ultrapassados, há vontade de todas as partes resolverem e ultrapassarem esses conflitos.

Como pessoa exterior ao CE sente que este órgão colabora na resolução desses conflitos?

Evidentemente não estou dentro do CE, vejo as coisas do exterior, mas o que se me afigura da parte de pessoas responsáveis que estão nesse conselho vejo um grande vontade de colaborar na ultrapassagem desses conflitos. É o que vejo da parte de fora, aliás apercebo-me mesmo pelo contacto com o DEX que há vontade de ultrapassar esses problemas. Vontade e soluções que têm aparecido nesse campo.

O DEX é responsável perante a administração , mas também depende e representa a Com (DIR) , no seu sentir a escola pensa que o DEX é mais um representante do ME ou da Com.?

A minha opinião difere um bocadinho do que está instituído, porque eu conheço o NMG, por um lado o DEX depende do CE, por outro lado como órgão dependente na escala hierarquica penso que não tem tanto de executivo como deveria ter, é o org. que dependente hierarquicamente do CE, penso que o CE é o órgão maior desta instituição, simplesmente o DEX executa menos do que o deveria executar, deveria ter mais força, ser um pouco mais soberado do que pela Lei é, sobretudo quando se trata de pessoas competentes e falo deste caso concreto em que por vezes não pode estar à espera de uma reun. do CE ou do CP para decidir coisas importantes, rápidas e urgentes, como tal embora dentro do NM acho que o DEX deveria ter muito mais força do que a lei lhe dá , mais força, mais independência, mais soberania, embora evidentemente justificando posteriormente essa atitude porque num regime democrático como é este, se as pessoas concordam em trabalhar assim, terá de se continuar a trabalhar assim.

Por exemplo falámos há pouco em conflitos e existindo neste órgão CE representantes das várias vertentes da Com, por ex. quando os funcionários desejam alguma coisa no seu aspecto funcional, é vulgar recorrerem ao CE ou resolve-se as coisas com o DEX?

Normalmente, não conheço casos que tenham necessidade de irem ao CE, o DEX dentro do que costuma fazer nesta escola, tem resolvido cabalmente sem recorrer ao CE, evidentemente que as reivindicações que os funcionários têm a fazer é a nível geral e já ultrapassa o nível local; por vezes é uma insatisfação noa distribuição

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

de tarefas, porque um pensa que está mais prejudicado que o outro, mas são coisas tão pequenas e tão pontuais que são resolvidas sem sequer existir o propósito de irem ao CE.

Não é necessário chegar ao CE, mas o CE é uma arena de debate de ideias e concertar posições, no entanto qual é a visibilidade desse conselho na escola, sente o órgão, ou sente que se ele não existisse não se daria por isso

Eu como responsável pelos serviços adm. e uma vez que ando dentro e fora a secretariar o DEX e seus adj. , sinto um bocadinho mais, porque sei quando há reunião, mas de facto, de fora não se sente absolutamente nada o CE, não se sente, pode ser o órgão que afina o relógio, mas não se sente nada cá fora. O que se sente á a intervenção do CD.

Não tanspareessem para o exterior informações do que lá se pasa?

No nosso caso não tem acontecido.

Isso poderá significar que o CE é um órgão discreto que não quer dar nas vistas, ou pode significar que é um órgão passivo, que não tem participação na vida da escola; o que lhe parece é mais discrição do órgão, ou realmente há uma certa desilusão e as pessoas estão ali por estar?

Eu penso que não. Penso que pode haver dinamismo o máximo de dinamismo e até acredito que o haja, mas que seja uma forma democrática de intervenção na sociedade(a nível de escola), pode haver muito dinamismo nesse CE e a forma de ele vir cá fora é através da hierarquia, através do DEX, que é o intermediário é o

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

equilíbrio entre a sociedade em termos do mundo que anda ali todos os dias, o pessoal auxiliar, os alunos, o funcionalismo em geral, os professores é o próprio DEX que serve de ligação. Acredito que haja muito trabalho no CE que não se deixa ver directamente mas acho que até se sente através da Direcção Executiva, é esta que transmite essas mesmas directrizes.

Os func. têm um representante de pessoal é vulgar este interagir com os outros funcionários; ele pp. ter alguma coisa do que se passa lá ou até perguntar se querem que coloque algum problema no CE?

Normalmente o que se vê é que o rep. de pessoal tem diversas solicitações vindas das do pp. funcionalismo e ele tem directrizes e muitas delas resolve-as de imediato, mas acredito perfeitamente que às vezes há assuntos que ele coloca depois até porque é uma pessoa muito responsável e idónea e muitas vezes resolve as coisas não recorrendo aos órgãos hierárquicos. Quanto ao rep do pes. o pessoal, não sei, o pessoal habituou-se a ver muito a distinção entre pes. doc., pessoal adm. e pessoal auxiliar, já vi vantagens entre existir um rep. de pessoal adm. e outro de pessoal aux., porque este vê no rep. se ele é da classe técnica ou adm. como um não defensor tão pormenorizado dos direitos do pessoal não doc. e tb. o contrário também acontecerá e para que as pessoas sentissem mais apoio nesse rep. se calhar se fosse um rep. de cada classe seria sempre muito mais bem aceite. Por mais democracia que se apregoe há classe porque há diferenças de carreira, de venc., etc., pelo que acho que as pessoas não veem as suas reivindicações resolvidas e pensam que se calhar porque o rep. não pertence à classe e por isso não é tão bem resolvido o assunto deles. É natural que traga depois outras desvantagens ... não sei.

Uma das potencialidades deste modelo é a do estabelecimento de relações entre a escola e a com., mas

nesse órgão há outras participações, da autarquia, dos pais, talvez para começar como vê o envolvimento dos pais, é notório?

Sou uma pessoa de 48 anos e para além de ser func., sou prof. do ensino primário, sou uma pessoa que viveu várias sociedades de africa e de cá e digo-lhe que todos os sistemas têm os seus convenientes e inconvenientes, este é um sist. aberto de grande valor, mas tem as suas desvantagens; eu acho que muitas vezes os EE empatam, outras vezes é um objectivo democrático e de ajuda, mas eu vejo muitas vezes nos EE um certo traço negativo e não positivo.

Não quero com isto dizer que não tenha as suas vantagens. Digo isto porque os representantes dos EE vêm pavonear os seus problemas, os seus objectivos e não vêm com aquele traço definido e frontal de resolver problemas de índole nacional, de índole extremamente importantes e por vezes a componente pedagógica desse representante não é assim tão profunda.

O EE devia ter uma certa formação pedagógica. Por vezes a maneira deles actuarem em relação aos restantes órgãos, é de certa forma criticando a actuação de certos professores e por vezes está correctíssima e por vezes desmultiplicando muito o assunto, empata a situação e não a resolve. Eu pode ser que seja uma psicose minha, mas não vejo tanta positividade na actuação dos EE como deveria existir. Não sei se isto estará na formação, mas por vezes os pais só vêem o seu filhinho querido que se levantar às 8 da manhã para ele é anti-pedagógico, mas não se preocupa se o filho está a ver a telenovela até às 10 horas ou meia noite, quando devia.. porque eu quando me criei levantava-me às 5 da manhã para ajudar os meus pais e ia para a escola às 9 e quando fossem 9 e meia ou 10 horas ia para a cama porque o meu pai dizia: não filho porque amanhã tens de te levantar cedo ... muitas vezes v...

Já que falou nos estudantes, qual a actuação deles, são dinâmicos participam na vida da escola?

Penso que os estudantes por vezes são dinâmicos de mais, porque a formação dos estudantes, não quer dizer que sejam obrigados à moral religiosa, seja ela de que índole for, penso que a form. dos est. 1º devia ser incontestada, para que pudessem ter uma actuação na sociedade, porque há estudantes que são uns indivíduos anárquicos e querem incutir ideias anárquicas na própria sociedade.. Penso que os est. quando são bem formados, todo o dinamismo que eles têm é positivo porque é através deles, (das ideias dos jovens) que as pessoas mais velhas não adormecem tanto na vida. Mas o dinamismo dos estudantes bem formados e não desses menos formados, mais anarcas que até primam por ideias extremistas e radicais; tudo bem, têm de queimar as suas etapas, mas têm de chegar a uma altura que têm que ver que as suas ideias têm que levar um polimento que serão mais vantajosas para aquela altura, para aquele caso.

E no que concerne à Autarquia, como vê essa participação é notória na escola.

Eu se calhar conheço mais algum bocadinho porque quando há convocatórias para os CE eu apercebo-me, mas ... a autarquia (porque recebo a correspondência e leio-a) sempre que tem possibilidades colabora muito e penso que é importante, já que o sistema assim permite a intervenção de vários órgãos e a aut. tem um mundo muito grande de trabalho e colabora sempre dentro das suas possibilidades e é importante que o faça.

...Dá-me a impressão pelo que me tenho apercebido que o modelo funcionava do mesmo modo onde estive.

Um dos grandes desafios deste modelo que apela à part. da com. é o de atribuir mais autonomia à escola, nomeadamente no campo adm.-fin, como sabe as esc. têm aut. adm. mas não há aut. financeira ora numa esc. deste tipo escandaliza-o muito que fosse atribuída aut. fin. para o caso específico para o orc. de receitas próprias? A esc. prestava conta ao TC do OE, mas no caso do ORP prestava contas à Com.

Para mim é totalmente viável pelo seguinte, nós n. transparência na actuação do receber e do gastar o dinheiro, será feita com tanta responsabilidade apresentando as contas ao TC, como não sendo nec. fazê-lo, mas sim à sociedade directamente. Pelo contrário, se calhar teríamos de ser mais pormenorizados em justificar certas entradas e algumas despesas , porque ao TC é apresentado tudo muito sintetizado e quando este tem dúvidas faz as suas perguntas e têm de ser respondido .

É fruto da minha maneira de trabalhar que de facto eu gosto muito deste modelo em relação ao anterior e gosto e a minha forma transparente de trabalhar é de explicar num papel muito grande as entradas (o que se recebe mensalmente no regime duodecimal) faço-o para o OE, quer na act. 1 e na act. 4 , no caso das receitas recebidos por nós que vêm da venda dos bens que se produzem , seja ele na receita, seja no OE temos a preocupação max. de que seja transparente e sobretudo os gastos... e nunca os gastos fora do habitual são assumidos antes de se conversar no CA. Uma vez que o TC tem a prática de vistoriar as contas e a sociedade não tem e exige mais pormenorizada a explicação, mas o que se está a fazer é como se a todo o momento a sociedade precisasse de ver as nossas contas.

Acho que é desnecessária vistoria do orç. das receitas pp. por parte da entidade do TC uma vez que o pp. CA seria suficiente, uma vez que representa de certa forma (directa ou indirectamente) a sociedade; os membro da soc. que quisessem saber como é que

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

está isto ou aquilo o CA sabe responder e tem todos os dados na sua posse para poder responder e para mais acho desnecessário porque este visualizar das contas, este ver o que é que se passou, que não é muito rígido e depois leva uma percentagem para ver a conta , cerca de 3% do que se recebeu tem de se pagar pelo trabalho que eles tiveram. É mais uma despesa que até não tinha que existir, para que possa aprovar as contas ...

No aspecto global como caracteriza esta exp^a do NMG?

Acho muito mais favorável que o anterior modelo, tem vantagens aliás o AMG era criticado por muito boa gente e com certa razão, este cria um ambiente muito mais aberto, exige a intervenção de certas partes da sociedade e penso que é mais democrático este ambiente.

Mas falar desta exp^a nós ainda não estamos muito experiente porque o modelo é novo e como se se costuma dizer é na busca de o melhor cumprir que sai alguma perfeição, mas acho que se tivesse que escolher escolhia este, quer eu fosse EE e os meus filhos andassem cá , quer fosse est. e fosse um ind. activo dentro da escola., quer fosse direcção de escola , quer fosse direcção pedagógica eu escolheria este modelo dos que eu conheço, porque eu sou do tempo dos antigos reitores , vivi aquele ambiente como estudante.

Um dos pontos fortes deste modelo é o apelo à participação da Com. quer esteja dentro da esc. ou fora dela , mas acha que esta participação é muito activa já ou ainda há um longo caminho a percorrer?

É um modelo em busca da sua perfeição, é um modelo em construção. Ainda não é um modelo que tenha vertentes velhotas e num casos experimentadas, penso que ainda está no caminho da

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
construção.

Alguns já lhe chamam defunto modelo, na
eventualidade da revogação do DL172 .Tem algumas
expectativas, alguém o informou de alguma coisa , conhece
...

Absolutamente nada e acho isso péssimo, pois eu para além
de ser um cidadão activo na escola, sou um cidadão da rua que
tenho conhecidos os ambientes todos seja da educação, da saúde e
outros, ora gostaria que houvesse um certo alerta nos meios de
comunicação social , porque de facto, ouve-se de tudo e não se ouve
coisas importantes . Em vez de se pensar noutras coisas uma pessoa
fa a pensar realmente qual seria o modelo ideal e todos sabiam e
falavam e iam dizendo que não vejo melhor que isto ou isto
misturado com aquilo... haveria sempre a possibilidade da opinião
pública poder ajudar.

ENTREVISTA nº 9

... - Presidente da APEE da ESSF

Paula - PrAPEE - ESSF

ES... - 97/02/19 - 15:15 - duração 31 min

A primeira questão que gostaria de lhe colocar sobre
esta escola era relativa ao seu clima, o seu ambiente, na
perspectiva da APEE?

Não me posso debruçar muito sobre isso .. sabe como é que é,
ouve-se muita coisa ... e as pessoas são um bocado facciosas; não
sei, eu em relação ao clima de trabalho dos professores não me posso
debruçar sobre isso...

E relativamente ao ambiente da escola?

Eu acho que esta escola tem um bom ambiente, tem um bom ambiente ... os miúdos têm condições de trabalho .

E em relação a principais pontos fortes ou fracos que queira apresentar. Quais os principais pontos fortes e outros que a APEE considere fracos?

Eu gosto do ambiente da escola , por isso tenho cá três filhos ... podiam estar noutra escola, mas naquilo que me é dado ver, eu gosto do ambiente da escola; penso que falha um bocado o aspecto lúdico desta escola ... este é muito pouco acentuado, portanto há muita preocupação das aulas, das aulas, das aulas e ... não quando se quer fazer alguma coisa para além disso, a escola não abre muito ... eu não sei se isso é uma desvantagem, ou se é uma vantagem, porque ao mesmo tempo a gente também vê que os alunos têm de saber, têm aqueles curriculos enormes, as cargas horárias são um disparate.

O que está em causa é tudo isso , se calhar isso é que devia ser mudado e a escola proporcionava outro género de coisa aos miúdos, porque eu penso que a escola é para ensinar , mas também é para outras coisas; gostaria que a escola proporcionasse outro género de coisas , mas se calhar isso não é um problema da escola , é um problema de carga horária, os miúdos estão aqui um nº de horas disparatadas, de carga curricular os miúdos têm programas enormes que não dão de maneira nenhuma .. portanto ríamos mais para além da própria escola...

E depois há aqueles problemas que os pais se queixam ... das casas de banho , das cantinas, dos contínuos ... eu sei que o DEX não concorda muito comigo , continuo a insistir porque acho que as pessoas têm pouca formação e isso para mim é muito importante, porque são essas pessoas ... não são os professores e não é por mal é mesmo falta de formação , são pessoas de certa idade , estão cansadas ...os miúdos são difíceis, agressivos, malcriados, nós

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

tínhamos aquele respeito pelas pessoas mais velhas , hoje os miúdos contestam muito, e a autoridade ... isso é uma coisa que me choca um bocado na escola ... eu acho que estas pessoas precisam mesmo de formação ...

Não basta mudar o nome para auxiliares de acção educativa?

Sim o nome não interessa, o que as pessoas precisavam era de formação que lhes fosse dado ver que havia outra maneira ... mas também quem é que ensina as pessoas. Por isso é que eu digo: que não é má formação, é falta de formação ... mas penso que muitas vezes se nota um bocado isso .

Como este modelo cria uma certa ambivalência no papel do DEX porque por um lado representa a administração , mas por outro lado representa a Comunidade Educativa que o elegeu ... na sua opinião o DEX quem é que representa?

A comunidade é relativa ... porque a Com não escolhe o DEX !

É o CE onde está representada a Com.

Mas ...nós votamos para a eleição do DEX? Não é só os professores?

Sim a APEE tem dois representantes no CE, mas a eleição do DEX não é só entre os professores?

O seu voto é igual ao dos professores do CE.

(...)

Se a Com. pode escolher o DEX, a questão central é saber se o DEX representa a Com. que o elegeu ou a administração (ME)?

Pois isso é um papel complicado ... Na escola não há conflitos, mas em caso de conflitos, se calhar o poder central terá muito poder, porque no fundo a pessoa é empregada dele ... em caso de conflito. Nesta escola não há conflito ou então é latente, mas de qualquer maneira acho o CE um coisa muita complicada... mas se calhar agente já vai falar nisso...

Já que fala em conflitos, que poderão não ser frequentes , mas se não há conflitos no CE, a opinião dos Pais é sempre a mesma dos professores?

Não, é evidente que não, mas opiniões diferentes não fazem conflitos, é discussões ... sabe o que é que eu penso , penso que no CE não se discutem coisas verdadeiramente importantes, pelo que nunca pode haver conflitos. Porque quando penso na actuação do CE, penso que há uns anos os miúdos fecharam a escola, no 1º ano das provas globais em que realmente o CE teve uma atitude, deu força ao DEX, esteve em consonância, apesar de haver uma certa discordância, mas os miúdos queriam entrar , mas assim a altura em que eu achei que havia ali uma força de decisão, porque na maior parte das vezes o CE debruça-se sobre o orçamento, que já vem elaborado, que a gente até nem percebe muito e às vezes até pergunto se há rubricas que podem entrar ou não , mas é uma coisa que está feita, o plano de actividade ... o CE limita-se um bocado a aprovar ... nunca vejo assim grande...

Querará isso dizer que os membros da Com. terão um papel um pouco passivo, porque se limitam a aprovar, mas no fundo não há uma participação activa?

Difícilmente poderá haver uma part. activa, penso que a AP até pode ser um nadinha diferente, mas o poder económico, a câmara talvez um pouco, mas isto não tem feed-back, eu própria sinto isso um bocado em relação à Associação, mas penso que é muito difícil, damos as nossas opiniões, mas é muito difícil ser representativo.

Diga-me lá a cultura podia vir fazer o orçamento? A gestão do dia a dia não é uma ou duas reuniões por trimestre; o ano passado no CE (por acaso até fiquei um bocado aborrecida) o seu Pres. resolveu que queria fazer um instrumento de avaliação; organizou-se um grupo de trabalho a que eu pertenci porque havia interesse em que houvesse uma pessoa que não fosse professor; penso que até foi uma coisa muito importante... nunca viu isso? Penso que até devia pedir para ver... trata-se da avaliação do próprio CE e foi interessante, foi um trabalho bem feito, directo, e em que as pessoas teriam de ser um pouco francas.

Aconteceu que uns quantos professores não responderam ao inquérito, porque escrito e tal era um bocado... o DEX e a PrCP não responderam porque não tendo direito a voto, não tinha muita razão de ser... a CM fez uma declaraçãozita de voto que subscreveu o NER e o CENDREV... aquilo foi um frustração e eu achei que as pessoas também não estavam muito interessadas em ser muito críticas... porque ficou claro o que se ía fazer... e na altura ninguém disse que não... e depois... parece-me que aquilo tinha muito interesse para o seu trabalho, sinceramente penso... pronto porque estão lá críticas e penso que aquilo era um instrumento sério e eu fiquei um bocado frustrada... achei que as pessoas não estavam a querer muito assumir (porque o que fica no papel, fica no papel) e as pessoas não estavam a querer assumir muito...

No CE nota que poderão existir grupos de pressão?

Eu sou uma pessoa que exponho realmente aquilo que penso e aquilo que sinto e penso que os pais sentem, e os pais querem...

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

sempre falando por mim. Sinto que a minha posição é um bocado ingrata, porque se há pessoas que conseguem perceber que eu represento os Pais, por outro lado, há pessoas que pensam que eu sou mãe dos meus filhos e muitas vezes questiono-me (e sei que isto é um problema de muita gente que funciona nas AP) até que ponto posso prejudicar os filhos quando tomo determinada atitude. É um problema da natureza humana. Não, aquela pessoa está emitir opiniões, como mãe , não tem nada ver com estas crianças das quais eu sou professora, há outras pessoas que não conseguem dissociar isso e eu às vezes ... não quer dizer que na prática já tenha sentido isso , mas é uma coisa que as AP se queixam ... as pessoas têm medo . Têm medo do facto do professor ter a faca e o queijo na mão , como se costuma dizer, e as pessoas ... Eu por acaso não me posso queixar particularmente de nada disso, porque tenho um bom relacionamento na escola, mas se calhar há pessoas que contestam , não sei ...

Pensa que isso se sente noutras associações de pais?

Sabe eu sou do Conselho Executivo da CONFAP, sabe o que é a Confap? Mas muitas vezes se refere (claro que não é a nossa principal preocupação) que não é facil ...

Fugiu um pouco do tema

(..) falou com paixão da escola de santa clara (...)

Relativamente a actividades..

Aqui nesta escola nunca...é raro . Estamos a ajudar o clube de rádio. Nessa altura eles tiveram pena que deixasse a AP ... pediram-me que eu ficasse encarregado de educação de um miúdo da Casa Pia ... mas eu sou contra, as pessoas têm e viver na pele e só quando se tem cá os filhos é que as pessoas sentem .Teoria tem muita ... toda a gente sabe um bocado de educação e de saúde... mas sou contra ... na CONFAP tem sido uma briga para as pessoas largarem aquilo

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

... gostaria até de pessoas novas à frente disto , mas pessoas com os filhos na escola ... mas é difícil, porque a partir do secundário, as pessoas têm um certo desinteresse.

Esse desinteresse poderá ser posto em causa uma vez que as criança têm um tipo de problema e os adolescentes e jovens do secundário têm outros tipos de problemas.

Não concordo absolutamente com o desinteresse dos pais , mas se for às reuniões de pais, nesta escola (e eu tenho um bocado de pena) não há um dia de princípio de ano, este ano a 1ª vez que os pais vieram à escola foi em Janeiro... saberem as notas. às vezes vinham no 1º per. , mas agora já não. Se for às turmas do 12º ano os DT não têm ninguém, esporadicamente têm 2 ou 3 pais e alguns alunos que já são encarregados de educação deles próprios e os pais não se lhe mete na cabeça que deveriam vir ... e depois têm grandes supresas, claro.

Esta AP e a CONFAP são um pouco críticos em relação a essa quase demissão dos pais?

Nós dizemos sempre que os pais devem estar atentos, ver as às notas, não se podem demitir. Mesmo as faltas os pais ficam muitas vezes surpreendidos com as faltas deles.

Nalgumas escolas elege-se um representante de pais por turma, se quisermos um delegado de pais , vê nisso algum interesse?

Eu faço isso pela seguinte razão!.. Porque con o NMG nas reuniões disciplinares pode estar representante da AP e um pai da turma (os pais têm o direito a isso). Há um conselho disciplinar, telefonam-me e eu que não conheço ninguém naquela turma .. se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

não tenho um representante de pais ... Até porque os pais têm uma ideia do clima da turma que eu não tenho. Nessas reuniões em Janeiro tento arranjar uma pessoa que seja a representante dessa turma , mas acaba por funcionar só para os C. Disciplinares. Gosto até de ter duas pessoas por turma ... um suplente e nessas alturas tento contactar as pessoas...

Mas é uma grande falha deste modelo! Porque como é que a gente escolhe o pai de uma turma? Ao acaso? Eu digo-lhe que é uma coisa, porque é uma coisa que me incomoda, porque quando peço para o pai estar presente, também não sei que género de pai é que é e ... as pessoas estão ali, têm direito a voto e dizem o que quiserem .. mas não me interessa estar a convocar uma pessoa que chega ali e só diga maluqueiras ... É uma falha do modelo, eles tinham de arranjar uma maneira qualquer ... é um problema. Muitas vezes confronto-me com isto e, muitas vezes, acaba por ir um representante da Direcção da AP .

Esse esforço que faz para eleger um pai por turma não tem adesão ?

Sim, praticamente todas as turmas têm ... mas algumas do 12º ano. Não há um grande momento em que os pais se juntam .

Penso que se atravessa um mau momento em relação o associativismo (porque eu pertença a outras associações) ... sinto as pessoas, um bocado desmotivadas, os pais ... É um mal. A vida das pessoas... e não sei quê . Não sei se pensam que é perder um bocado de tempo. Há um certo desânimo.

Parece existir um certo desajustamento entre o que este modelo pretende que é abrir as portas da escola à Com. , mas,por outro lado...

O que ele faz para abrir as portas aos pais?

Talvez possibilite uma abertura que os pais estejam presentes no CE...

...Não sei se conhece o projecto que a FENPROF...é a FENPROF, não é? Em que eles pões um bocado em causa... estiveram 3 representantes ... a Manuelka Teixeira e ... pediram a opinião à CONFAP sobre a participação dos Pais no Conselho Local da Educação e essas coisas ... e eu disse " é impossível, a gente não pode chegar a acordo convosco, porque é no CP que se tomom decisões e é errado pensar que os pais estão lá a mais ... porque os pais estão ali para dar uma visão diferente, como pais. Eu sei que os professores também são pais, mas quando estão no CP são professores , estão a desempenhar um trabalho, e nós estamos ali porque queremos dar uma visão diferente para completar ... a preparação que temos é o sentir ... o Ministro até dizia que eu não era o paradigma dos pais... mas há muitos pais como eu e eu tenho um percurso nisto... e o pedagógico é uma conquista do qual a gente não pode prescindir. Em relação ao CE eu não sinto isso...

Quando a Câmara se demite ... é isso que eu digo, a CM tem o privilégio de estar no CE desta escola e em mais nenhuma na cidade, está no órgão máximo da escola ; a posição da CM é sempre a mesma, estamos no CE, mas não vamos favorecer esta escola ... o NER está no CE, tivémos aqui há algum tempo um aluno que teve problemas e levou uma suspensão enorme e apelei ao NER para lhe arranjam qualquer coisa, pois o miúdo ía ficar fora da escola durante 45 dias ... era eficaz realmente que se resolvessem problemas quando eles aparecem e não é câmara favorecer... mas para a C. é mesmo um privilégio. (...) Isto só interessava se houvesse aqui um contributo mútuo para resolver problemas...mas não há.Nada.

Na sua concepção o CE é uma arena de debate, na sua opinião julga que isso não existe na verdade; não há debate, não há cedências, não há diálogo?

Diálogo até pode haver... eu, por exemplo, sinto-me absolutamente livre de dizer o que penso , mas ...

As pessoas estão lá de certa forma numa atitude de passividade? Votam ?

Penso que ... as pessoas que aqui estão, estão absolutamente desmotivadas ...

Isso será decorrente o próprio momento que o modelo vive, de uma certa incerteza?

Incerteza houve sempre em relação a montes de coisas deste modelo , por exemplo, quem manda na escola? Como é que se pode ser direcção se reunir 2 vezes por período? Eu não acredito nisto ... Quer dizer definem-se umas linha orientadoras e tal ... mas ... a teoria é muito bonita, mas a prática é outra coisa, é estar aqui no dia a dia, a resolver os problemas.

Pensa que há um envolvimento aceitável dos pais em geral?

Há grandes dificuldades. Enormes dificuldades! Os pais o que os preocupa realmente é as notas dos filhos. Se quiser arranjar um tema muito polémico, por ex. que os meninos vão ter todos 2 ... encho o ginásio da escola. Se eu quiser levantar uma questão importante, de futuro ... por ex. organizar uma sessão sobre a orientação dos alunos do 9º ano, quando passam para o 10º, têm de ser ajudados pelos pais , respeitando as vontades deles, mas orientados pelos pais ... orientação vocacional, fizemos aqui todas as opções que os miúdos tinham, cursos profissionas, prosseguimentos de estudos ... apareceram-me aqui 20 ou 30 pais, e esses eram os que estavam informados....todos os miúdos levaram para casa, quando mando

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

qualquer coisa faço mil tal fotocópias ...mas metade os alunos não entregam , outra metade os pais não leem ou deitam fora...os pais ainda não perceberam que têm de se sentar a uma mesa, eles escolhem vão atrás dos amigos, ...e os pais...os miúdos vêm aqui, matriculam-se sózinhos e pois claro por vezes, é claro, no 1º período há por aí grandes tragédias ... os miúdos têm 7 e 6...

...(Psicólogo ...POC)

Uma opinião muito genérica sobre esta experiência, sobre a direcção, a gestão, a participação que se esperava talvez um pouco superior...como é que faz o balanço destes anos de experiência aqui nesta escola?

É uma desilusão... Esta é a minha exp^a; de qualquer maneira a nível do executivo da CONFAP há três escolas que estão no NMG é uma opinião coincidente . Para os pais ... agora vamos assinar um pacto com o ME. Por exemplo os pais poderem justificar as faltas quando vêm à escola ... e isso é fundamental...

ENTREVISTA nº 10

- Chefe do Dep. de Linguas no CP

Sofia - Prof do CP

ES: - 97/02/19 - 16:20 - duração 37 min

Como pensa que é o clima que se vive na escola, é cordato, há muitos conflitos?

Penso que é um clima perfeitamente cordato, embora haja pessoas com opiniões diferentes, que põem as suas opiniões e discutem-nas , embora me pareça que isso é feito de um modo "civilizado" . Não me parece que haja grandes conflitos.

Em relação a pontos fortes e fracos que a escola contenha, acha que é um escola de grande qualidade .. ou muito fraca?

Eu estou cá há muitos anos e se calhar já não tenho a mesma visão que tinha há uns anos atrás ... estou estável, e a visão que tenho parece-me que é uma escola perfeitamente dentro dos parâmetros médios. Se calhar nalgumas coisas estaremos acima, se calhar noutras estaremos a um nível mais inferior , mas de qualquer das formas o que me parece é que às vezes... mesmo alunos que vêm de outras escolas, de meios mais pequenos (escolas mais pequenas) para o nível secundário ... dizem que aqui há muito maior exigência ; eu também estou mais ligada ao In. do que às outras disciplinas , eles dizem que há uma muito maior exigência a ensino secundário e se calhar é assim em todas as disciplinas, e portanto, é por isso que aqui é pior, ou pelo menos que aqui somos mais exigente, mas acho que isso é inerente ao facto de sermos uma escola secundária. Até ao 9º ano, não se exige aos alunos aquilo que se começa a exigir a partir do 10º e eles acabam por ficar em desequilíbrio se não vêm com umas boas bases, ficam mesmo em desiquilíbrio e depois têm problemas, às vezes nem é com a matéria, mas com o modo como estudam, o ritmo de trabalho deles, há coisas que lhe são exigidos no secundário e eles não foram preparados ... eu aí dou a mão à palmatória, em termos de 3º ciclo; esta é a visão dos alunos, agora a minha visão parece-me que a exigência aos alunos é normal, não me parece que seja muito acima da média ou muito abaixo.

O DEX também pertence ao CP, no fundo é um representante do ME, mas com este novo modelo, pretende-se que seja um representante da Com. Edu. que o elegeu, como é que vê esta dualidade?

Penso que aí há um pau de dois bicos; quanto a mim a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

intervenção do DEX dentro do CP é um pouco condicionada pelo Ministério e pela Dir. Regional, e ... por um lado ele tenta coabitar com estas duas vertentes: por um lado a Com., o CE, ou sobretudo a visão que as pessoas têm quando estão aqui a trabalhar, por outro lado, as condicionantes que são impostas pelo Ministério através da DRE, portanto obviamente haverá itens em que se identifica mais com um lado, haverá outros em que se identifica mais com o outro lado , pelo penso que existe de facto uma coabitação.

Mas poderemos falar que o CE influencia o DEX?

Não, não , não... não estou no CE e por iso não faço a mínima ideia ... embora haja actas das reuniões, eu sinceramente não as li (porque não quero) ... e não sei o que se passa nessas reuniões...

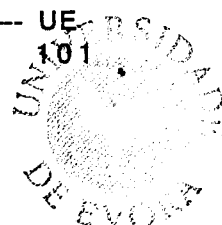
Não há informação para a escola ?

Haver há...há as actas que se podem consultar , eu não as leio , se calhar porque não tive tempo, mas há algumas condicionantes... agora não me parece que o DEX se deixe influenciar pelo CE. Acho que o DEX tem as suas opiniões e são opiniões do DEX. Obviamente que ele às vezes refere que no CE falou-se de isto assim assim ... agora que as opiniões dele sejam precisamente as do CE , não sei se serão...

Embora o clima de escola seja cordato por vezes poderão existir pequenos conflitos com pais , com professores ... terão uma dimensão significativa ? Chegam ao CP?

Penso que por vezes poderão existir alguns conflitos , mas penso que por vezes esses conflitos entre pais e professores ... foi o culminar de várias coisas ... e chegou ao CP... mas penso quando há algum tipo de conflito tenta-se sempre que seja sanado a nível de

Transcrição de entrevistas -- Domingos Bento -- UE



A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

DT, para ver se não chega ao CP... só naquele caso, penso, o problema subiu ao CP ou o CE pelo menos foi informado. De resto tenta-se sempre que esse tipo de conflitos não vá muito além... conversar com as pessoas.

Sente que se reflecte no CP alguma influencia do CE? O CE tem interacção directa convosco (CP) ?

Eu não sinto isso. Não sinto que haja interacção, e muito menos directa com o CP. Repare em termos pessoais damo-nos bem, quer com os elementos do CE , quer com os do CP. Em termos de órgão penso que há um certo distanciamento ... tanto que eu como membro do CP, se não ler actas do CE , se calhar, não sei metade das coisas que lá se passam ... embora eu saiba que se pode ter dito , ou aquilo ... e aí a culpa é minha, que não as vou ler ... mas não há um relacionamento muito directo.

O CE parece não algum impacto a nível da escola?

Eu vejo esse impacto muito fraco... agora não como membro do CP, mas como professora da escola, vejo isso com um impacto muito fraco realmente, não me parece que a escola funcione melhor ou pior por ter um CE.

Não há uma prática de afixar uma síntese do que se pasa no CE?

Penso que sínteses não, as actas sim, creio que sim; eu ... por falta de tempo para muitas outras coisas, acabo por não ficar informada ... mas acho que a culpa é minha ... se não estou informada tem-se posto muitas vezes o problema da informação , da circulação da informação ... que foi um grande cavalo de batalha desde o princípio deste modelo, e nós no CP, já há um tempo tem-se afixado uma breve síntese, uns tópicos do que se passa no CP e

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

algumas decisões que são tomadas. Quanto ao CE, não é feito em termos de sínteses, mas das actas que poderão ser consultadas.

Uma das ambições deste modelo seria incrementar a participação nas vários elementos da Com.; no caso específico das famílias, nota na escola um maior envolvimento dos pais desde que a escola está nesta exp^a?

Tenho a sensação de que os pais de que se interessam antes continuam a interessar-se e que os pais que antes nunca vinham à escola e que nunca participavam continuam sem participar. Não sei até que ponto a APEE tem mais sócios desde que este modelo de gestão está a vigorar. Eu por exemplo, enquanto DT, o nº de EE que recebia antes, é mais ou menos o mesmo que recebo agora.

Os cordenadores de ano que estão no CP não deixam transparecer um incremento de participação? Não há referências a isso?

Incremento não. Retrocesso também me parece que não. Isso é sempre feito no final do ano, a estatística dos Coord. de Ano não me parece que haja uma grande discrepância entre os dados anteriores, feito pelo CDT relativamente aos nº de agora apresentados pelos Coord. de ano.

No fundo a APEE e a AE participam, quer num órgão, quer no outro, da sua exp^a parece-lhe que a AP tem uma participação activa no CP?

No CP relativamente ao Pais penso que que sim que é uma participação activa, em relação aos alunos penso já que é uma participação muito mais passiva e com muito menos... eu lembro que neste ano, devem ter ido ao CP, os alunos em apenas duas sessões

...

Sendo uma docente da escola há vários anos pensa que poderia ser fomentada a participação dos Pais , por ex. através da eleição de um delegado de pais por turma, incrementando a comunicação, pois poderá ser isto que falha para incrementar a part.?

Penso que aqui nesta escola a Pres. da APEE solicita ir sempre às reuniões que os DT fazem com os pais e uma das intenções é precisamente a eleição desse representante de pais, mas o que me parece muitas vezes é que os próprios EE que vão a essas reuniões (e nalgumas turmas são muito poucos), também se retraem assim em aceitar esse cargo, essa responsabilidade, porque na minha opinião as pessoas estão sempre com falta de tempo e isso exige que as pessoas tenham de vir mais vezes à escola que se tenha que vir a reuniões de CT muitas vezes e de algum modo há muitos pais que se calhar não estão à vontade na escola, a escola para eles é um meio diferente do meio lá de fora a que estão habituados , pelo que sentem uma certa dificuldade a entrar na escola e muitas vezes nem quando são chamados vêm.

Não podemos pôr as coisa só por uma vertente, penso que há várias coisa que fazem com que os pais não venham à escola . As pessoas têm uma vida muito ocupada, mas também penso que os pais por vezes não estão educados para virem à escola. Por vezes a participação deles era indispensável ... por aí as coisas devem andar por aí por essas zonas... se calhar haverá mais algumas em que eu não pensei não é!

Pensa que se houvesse algumas campanhas de sensibilização para a participação. Se calhar como não há uma cultura de participação enraizada no povo português teria de haver sensibilização para essa participação?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Eu penso que sim, mas também me parece que para iso acontecer os pais têm de ser informados e educados sobre o seu papel de EE de um determinado educando dentro de uma escola. Porque muitos pensam que a visão deles sobre a escola é a correcta e querem impor essa visão aqui dentro, quando na realidade as coisa não se passsam bem assim.

É necessário que os EE sejam educados a participar num determinado tipo de escola. Às vezes os professores dizem que os EE vêm à escola para chatear e para aborrecerem as pessoas e não sei quê... a visão aí é dos dois lados tanto os pais como os professores veem-se muitas vezes como possíveis inimigos e não ...penso que isso não pode ser. Penso que uns e outros têm que tentar juntar esforços para a educação daquele aluno. Obviamente que acho que a educação é uma coisa que começa muito em casa e os pais pensam que pondo os alunos na escola é tipo estação de caminho de ferro , vou lá deixá-los e depois vou lá buscá-los à tarde e essa não pode ser a visão de um pai ou de uma mãe educados.

Outro enfoque do problema é o dos alunos, pois estes são cada vez mais visto como sujeitos activo do seu processo de educação. Como vê a participação do alunos, que pelos vistos a nível do CP é bastante passiva, mas porquê? Não querem participar?

Penso que passa por uma questão de organização dos alunos, mas passa também por uma outra coisa : é precisamente pelo facto de muitos desse alunos são alunos do secundário e muitas vezes são os alunos que mais empenhados estão em fazer alguma coisa e entrar para a Universidade , portanto aí ...para irem às reuniões precisam de faltar a uma ou duas aulas e aí eles começam a perceber, que ou deixam de faltar às aulas e não estão a faltar às aulas por qualquer outro motivo , mas para irem a uma reunião , o melhor é irem à aula e não irem à reunião, porque por vezes para ir à reunião e se começam a discutir certos assuntos para os quais eles

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

DEX, pois aí também o CE tem a sua influência e isso é um factor positivo.

Para muitos autores a autonomia é um tema particularmente querido. O que é facto é que sem uma direcção na escola poderá ser difícil a escola passar para outros estádios de autonomia mais avançados.

Sim mas o antigo modelo eram os próprio professores da escola que elegiam o CD, havia uma lista que era contituida por x pessoas e eram os professores que faziam essa escolha....se calhar depois teriam mesmo que suportar, se fizessem uma má escolha.

(...)AMG...

Se lhe pedisse uma análise global da experiência caracterizava como globalmente positivo, ou é de todo uma exp^a que não resultou.

Eu caracterizaria o NMG de um modo mais ou menos positivo, porque o funcionamento do CP é capaz de funcionar um pouco melhor com menos elementos, mas por outro lado também me parece que há os departamentos (...) que têm uma grande disparidade e se calhar não há afinidades tão grandes essas disciplinas. Penso que se poderia talvez manter este modelo, mas fazendo algumas alterações. E obviamente, também me parece que as pessoas estavam de tal modo habituadas ao outro que têm uma certa relutância, não se sentem muito aptas a uma mudança e penso que isto também passa muitos pelas nossas cabeças. A gente aqui tem isto há 4 anos, penso que há coisas que deviam ser mantidas e que há outras que deveriam ser analisadas muito bem com as pessoas que estão no terreno e com as experiências que essas pessoas têm. Quando saiu a legislação sobre NMG, realmente as coisas quando estão no papel até sou capaz de concordar com o espírito da legislação ; depois a maneira de

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

implementar e a prática é que acaba por ser um pouco difícil e às vezes temos uma certa dificuldade em encontrarmo-nos ... eu sou maria patroa e maria criada, por um lado sou chefe de departamento e depois tenho de fazer as reuniões com os delegados e tenho as minhas reuniões de grupo. Aí vou ouvir muitas vezes as mesmas coisas que já ouvi, como outra professora qualquer ... o papel do delegado é extremamente importante na escola em termos de coordenação do grupo e eu enquanto chefe de departamento não sou capaz de desempenhar esse papel e acho que os delegados são um aspecto fundamental dentro da escola ... agora como é que tudo se articula é que é difícil...

ENTREVISTA nº 11

... - Professor do CE

Pedro - Prof CE

E3 - 97/02/24 - 8:55 - duração 30 min

**Como vê o clima desta escola de uma maneira geral?
Há conflitos?**

Conflitos, conflitos abertos acho que não... mas por exemplo este ano mais que anteriormente há algum mal estar geral, por questões de funcionamento. Não há coisa que se possa dizer...

Na sua opinião enquanto conselheiro do CE parece-lhe que a inexistência desses desacordos é salutar ou prejudicial para uma actividade normal da escola?

Eu tenho um opinião ... tenho conversado com colegas e a maioria deles está de acordo acho que os desacordos se devem discutir abertamente para que daí venha a resultar alguma coisa eu não tenho nenhum problema em fazer uma afirmação e depois ouvir a contra-argumentação ... e se ele me convencer, poder passar

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

a ter a mesma opinião que ele e penso que isso é muito mais salutar e dinamizador do desenvolvimento do que não discutirmos abertamente as nossas ideias e depois andarmos no corredor a fazer uma crítica velada ... esta acaba por chegar aos ouvidos a quem tem capacidade para decidir (não gosto de dizer poder) para retirar essas conotaçãoquem tem capacidades para tomar decisões e resolver problemas, chegar ao seu conhecimento por essa via, reage negativamente : "anda a dizer mal de mim"; se não houver argumentação para um lado , argumentação para o outro ... penso que nunca irátem quem capacidade para decidir não se sentirá tão afectado, portanto o clima será sempre mais aberto.

Na escola pensa que a participação no CE é em grande parte passiva?

Em grande parte creio que sim. O CE tem nove membros docentes, desses só três ou quatro pessoas que normalmente toma posição regularmente.... as outras mantêm-se em silêncio, podem fazer acenos de cabeça, sorrisos etc., mas tomar posição mesmo é raro haver mais alguém, e quando se trata de problemas mais polémicos, então isso é difícilimo arrancar opiniões.

E em relação aos membros de fora do corpo docente

Os membros de fora também tiveram um início em que também havia muita discussão sobre o próprio modelo, o RIE, esteve mesmo em foco o poder dentro da escola ... puseram-se sempre de lado, não conheciam estavam no princípio, nunca tinham estado numa escola.. Com o tempo houve o elemento ligado à Câmara que mudou, pelo que umas vezes a participação foi mais rica ou menos rica consuante o representante .. por ex. quando esteve cá o vereador R ele tinha, era um indivíduo com uma cultura grande e ... com opiniões bastantes válidas e até o estatuto, por vezes em de facto ? pela formação que tem penso que a formação dele era na

área da psicologia. Penso que a participação dele era realmente bem fundamentada depois esteve cá uma colaboradora dele a Dr^a R cujas opiniões eram mais técnicas , só ligadas a problemas do dia a dia mas com alguma participação e ultimamente... tem vindo uma senhora muito simpática de quem eu gosto muito, já tive filhos dela meus alunos, mas a participação dela está mais limitada... não só porque a sua capacidade de decisão dentro da C. é diferente, e a própria formação dela não é tão elevada.

No caso do representante dos interesses socio culturais normalmente tem opiniões para dar. Naquela fase inicial resguardou-se um bocado mais, mas ultimamente tem participado.. a representante dos interesses culturas é que não...

Da parte da AP flutua muito ao sabor de interesse dos problemas. Há problemas que não dizem nada, mas se houver algum problemas ligado a alunos é capaz de dar opiniões e estas diferem um bocadinho conforme os interesses que estão em jogo. Dos alunos a mesma coisa ...conforme os representantes são mais dinâmicos ou menos , conforme têm mais capacidade de intervenção ou menosassim , mas a participação também é bastante reduzida.

Mas na estrutura teórica do modelo o CE é apresentado como uma arena aberta de debate. Há realmente debate de ideias? Há participação activa?

Nas reuniões do CE tem havido algum debate de ideias, mas com muito esforço dos tais três ou quatro elementos que ao fim de uns tempos também se cansam de estarem sempre sózinhos, na berlinda e a serem apontados. Não tem havido aquela que devia haver 1^a questão; depois a imagem do CE perante a escola é uma imagem que não é muito favorável neste momento... talvez já tenha sido pior, talvez já tenha sido melhor, mas é uma imagem que tem sido um pouco denegrada, quer dizer o CE não é visto na escola como órgão máximo de direcção e àquele aa quem compete em última análise a responsabilidade (e eu tenho chamado muito a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

atenção para isso) dão uma determinada responsabilidade , mas depois não querem que a essa responsabilidade corresponda um determinado poder e ... principalmente em relação ao Pr do CE porque em última análise, perante qualquer instância é ele o responsável máximo da escola.... a última questão interessante foi esta do desp. deste ano sobre a representação da escola.. que eu achei muita piada e ainda não não pedi a minha demissão (eu a o colega ? e uma outra colega); estive para pedir porque primeiro não compreendi porque é que pediram o prolongamento do nosso próprio mandato; uma experiência deve ser totalmente feita e uma das partes da exp^a deve ser a promoção de eleições; nós não sabemos sem isso como é que irão ser eleições neste modelo. Será de facto falar mais, quando se falar com os colegas, quando se tentar angariar outras pessoas para o modelo, por ex. para o CE, será melhor que a próxima lista integre alguns elemento do antigo CE para fazerem a transição? Ou será um lista toda de novo? Será que as pessoas conhecem presentemente o funcionamento do modelo ...pronto há uma série de questões ligadas com a transição desse poder que não é testado porque o Ministério entendeu que ao fim de 4 anos não devíamos fazer eleições e devíamos aguentar mais um ano e essas até uma das razões para que eu me queria afastar... mas agora perdi-me.

O cerne do CE era de facto uma arena de debate...

Nós temos tido ? Por exemplo de responsabilidade que podem por em perigo o funcionamento da escola... mas quando é altura de dar um voto de confiança, um elogio ao CE, isso não acontece... o auto conceito do CE, enquanto órgão, é um autoconceito baixo.. as pessoas não assumem a sua posição no CE como órgão de direcção e como não assumem estão sempre com medo de tomar posições que podem ferir A, B ou C e digamos que a opinião geral das pessoas em relação ao CE é " não sabemos o que é , o que é que faz , como é que funciona afinal é o órgão de

direcção e não faz nada....” Há pouco conhecimento deste modelo sobre o funcionamento deste modelo ... agora começa a haver u bocadinho mais .. há um ou outro professor que chega ao pé do Pr do CE e diz ...”então e nós não temos isto, porque é que o CE vai fazer”....quer dizer a imagem é má neste momento... não sei se é falta de legislação , se é realmente o modelo que não presta ... o que acontece é que se me perguntassem neste momento : “ao fim de 4 anos de exp^a prefere este modelo , ou prefere o modelo anterior, eu digo que preferia o modelo anterior na prática!”

Mas será que ele não tem potencialidades que não foram exploradas?

Eu penso que tem todas as potencialidades, pelas razões já apontadas. Tem umm órgão de direcção, tem órgão colegial. Tem uma pessoa para as coisas do dia a dia que está a tempo inteiro, com colaboradores, tem um gabinete técnico (digamos assim) que pode funcionar na perfeição. O que me parece é que nível das mentalidade, a assunção das responsabilidades, dos poderes, isto é, a divisão dos poderes, o acordo dentro deste quadro (é uma questão de mentalidde) é que as pessoas ainda não se habituaram. Dá-me a sensação e pelo que tenho conversado com colegas de outras escolas onde a exp^a tem sido feita, dá-me a sensação que os DEX, de uma maneira geral, pensam ou veem a imagem do DEX, como a imagem do antigo Director que só prestava vassalagem à tutela do Ministério directamente e veem o CE como um órgão que se intrumete no seu poder e que não o deixa funcionar com plenos poderes como gostariam e isso a mim é que me preocupa, é que isso neste modelo possa ser interpretdo assim e possa funcionar assim. Porque se houvesse uma mentlidade diferente tanto das pessoas que ocupam o cargo de DEX, como das pessoas que ocupam o cargo de conselheiro do CE, como até do próprio CP que tem funções muito específicas e muitíssimo importantes na escola e não se deve desviar delas, sob pena de depois não cumprir bem essas

funções... se andem a distrair-se, digamos assim, com outras questões. Penso que é um modelo que poderia funcionar na perfeição.

Penso que me coloca uma deixa que eu queria pegar uma vez que me interessa esse ponto. No fundo essa dualidade o DEX que é efectivamente o representante do ME na escola, mas por outro lado, em termos teóricos do modelo, também ser um representante da ComEdu que ao fim e ao cado o escolheu por via indirecta. Há aqui um dualidade de responsabilidade. Está-me a dizer que a principal vertente é que o DEX é um representante do ME?

Bem, eu estou a dizer é que, 1º há um grande desconhecimento do modelo e do seu funcionamento por parte dos professores e isso talvez faça com que eles vejam o DEX como um representante do ME mas o que me parece é que os próprios DEX, têm uma visão do seu cargo que eu conotaria muito com a visão dos antigos Directores de Escola, ou seja, eu só tenho e prestar obrigações e informações em relação ao ME. Mas eu não estou nada de acordo com isso, porque a legislação prevê, isto é, agarrarmo-nos um pouco à legislação, mas no fundo esta tem uma base filosófica, está previsto que o órgão de direcção CE eu penso que 1º o DEX deverá cumprir o mais rigorosamente possível as grandes linhas que lhe foram dadas pelo CE, 2º se não estiver de acordo com elas deverá colocar antecipadamente ... se eu quiser cumprir isto que vocês pediram corremos o risco de irmos parar aqui ou ali e fazer cenários e o CE reavaliará a situação e se ele tiver razão deve-lha dar e então vamos alterar aqui isto. Essa é que é o tipo de relação que deve haver. Ou seja o cargo de DEX é um cargo técnico, ou seja as pessoas devem dominar tecnicamente a questão de administração etc. e devem ter uma capacidade de relacionamento com o órgão de direcção que lhes permita não se querer por acima dele em termos de poder porque efectivamente na

legislação e em termos filosóficos não é isso que o modelo prevê.

Outra ideia chave que está associado a este modelo é o incremento da autonomia das escolas e não será que nós queremos uma autonomia real e não uma retórica de autonomia que no fundo é só para o ME que já não consegue controlar tantas escolas permitir que as escolas funcionem, Refiro-me á autonomia real , não lhe parece que para haver esta autonomia tem de haver esta direcção na escola que no fundo vá coordenando a função do gestor técnico dentro do quadro que a própria escola definiu?

Acho que sim e penso que em termos filosóficos é isso mesmo que o modelo prevê, ou seja, está associado à autonomia a transferência de uma parte de poderes para a escola ... por parte do ME e da própria administração regional e passá-la para a escola... mas em termos de funcionamento tem de haver sempre uma certa hierarquia e alguém tem sempre que se prestar contas a alguém ... em termos globais. O SE tem de ter um núcleo que permita que a nível nacional as coisas funcionem de maneira mais ou menos homogénea, mas estou de acordo que autonomia pressupõe direcção na escola.

Um ou dois aspectos... por exemplo em relação ao currículo podia haver um core-curricula nacional, mas numa parcela a escola teria capacidade e adoptar. Em termos orçamentais poderia haver o orçamento de estado que eram prestadas contas à administração (por ex, ao TC), mas em termos do orçamento de receitas próprias a prestação única de contas seria à direcção da escola.

Acho que é perfeitamente possível, é desejável, e até é de fácil aplicação, porque em termos curriculares é indispensável que

haja um núcleo curricular duro para que nível nacional haja uma formação mínima igual para todos, mas a nível das componentes curriculares regionais são uma coisa que é quase natural, as diferenças culturais, as diferenças de meios, assim o determinam e em relação à questão dos dinheiros, nem precisamos de dizer nada porque a escola está sempre de mão e pés atados, porque surge um projecto, queremos implementar um projecto e muitas vezes perdemos o "timing" de aplicação porque temos de pedir autorização, temos de esperar que ela venha, e as coisas acabam por não se realizarem por falta de tempo.

No fundo esta exp^a de que estamos a falar, nomeadamente a questão da participação das várias partes na direcção e de alguma forma esta dualidade entre a direcção e a gestão, constituirão uma potencialidade que se tivesse que classificar globalmente, esta exp^a como é que o faria?

Em termos pessoais foi enriquecedora, agora em termos de escola e de sistema educativo, penso que se a avaliação conseguisse ser uma avaliação bem feita, se conseguirem sacar informação (aos intervenientes) fiel, que não haja pessoas a esconder informação (como aquela questão que falou de início, as pessoas podem fechar-se um bocadinho, se tiverem receio que as suas palavras possam ser utilizadas não como deve ser) se conseguirem fazer uma avaliação bem feita poderão aplicar as "actividades de remediação" (digamos assim) como nós fazemos nas nossas aulas e endireitar o modelo, portanto fazê-lo seguir para o caminho correcto, e nessa altura eu penso que este modelo é o preferível, se isso não for feito, penso que este modelo tem vários riscos, e o principal deles é (embora o sistema que aparentemente seja muito democrático) irmos para um sistema dos directores que decidem tudo sózinhos na escola e tratam directamente com o ME e pronto, perde-se o sentido da comunidade.

Esse efeito preverso do modelo praticado no fundo parece espelhar que a influencia da Comunidade (influência real) sobre modelo praticado no dia a dia pode ser quase nula ou inexistente. No fundo a com. representada no CE tem influência directa na prática de gestão ?

Deveria ter e só terá se os elementos que compõem este órgão tiverem a força suficiente para vincar as suas posições, neste momento não. A única coisa que tem força são os meios de comunicação, os "lobbies" de pressão, os pais que obrigarão a fazer uma gestão mais ocasional e menos planeada.

O que parece não existir é uma participação de aualidade, isto é uma participação activa desses vários elementos.

É isso ... eu não faço ideia como pode ser ultrapassado. Penso que a discussão sobre o modelo tem de continuar se quiser mantê-lo, terá de continuar a discussão; não sei de que forma se aproveitar os CT, se em reuniões de professores alargada, mas tem de ser uma discussão despida de preconceitos.

ENTREVISTA n 12

... - Adjunta do Director Executivo

Lina - Adj DEX

ES - - 97/02/25 - 9:35 - duração 35 min

Como vê, na perspectiva das funções que desempenha, o clima de escola?

Quer dizer, penso que é cordato, apesar de haver sempre pequenos focos de discórdia, não é, mas de uma maneira geral poderei dizer que nesta escola o clima é cordato. De uma maneira geral poderei dizer que a Comunidade Escolar, nomeadamente, a classe docente mais propriamente, de uma maneira geral concorda como se processa a administração e a gestão aqui nesta escola, se bem que sinto que há pequenos focos de discórdia que até ao momento têm sido abafados pela maioria... quer dizer, como a maioria é formada por pessoas que até concorda como as coisas se processam, esses pequenos focos acabam por ser abafados ... e os focos de discórdia vêm sempre, como pode imaginar, das mesmas pessoas ... que contestam, que não concordam, que lançam pistas de alguma desconfiança, que tentam por má fé onde ela não existe ... mas de uma maneira geral penso que globalmente o clima é cordato.

Quer dizer não podemos dizer que há verdadeiros conflitos, mas pode haver desacordos. Acha que isso é salutar, haver opiniões diferentes?

Acho que sim, que é salutar cada um é livre de ter a sua a sua opinião sobre determinada matéria; às vezes os desenrolamentos que isso pode trazer é que podem ser um bocado desagradáveis, não é, mas para quem está neste lugar que procura fazer o seu melhor e procura agir da maneira mais honesta possível e que às vezes tem determinada atitude e procede de determinada forma julgando ser a melhor possível e depois haver alguém que põe má fé naquilo ... e que atribui, sei lá, desconfiança na forma como as coisas acontecem, é triste para quem age ... é triste para nós.

Parece-me que se refere essencialmente a professores..

Sim, sim essencialmente a professores, o que não significa que a funcionários também, mas como o corpo docente é de longe

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

mais significativo, fazem sentir mais esses pequenos focos de discórdia, se bem que eles no seio dos funcionários também se verifiquem por vezes. Mas também lhe digo que no seio do FA domina o clima de concórdia.

O CE como órgão de direcção na sua concepção teórica é uma arena de debate de ideias onde pode haver opiniões divergentes, onde pode haver concertação de posições. Na sua opinião a escola sente o CE?

Eu acho que que a escola não sente o CE, acho que não tenho notado influência do CE na vida escolar, quer dizer, não acho que de facto tenha peso significativo. É de facto um espaço de debate de ideias, mas o que se passa muitas vezes, é que (como sabe) os limites das competências não estão tão definidos quanto isso e acaba muitas vezes por serem tratadas matérias que acabam por penetrar nos outros domínios e por vezes pode ser foco de instabilidade, foco de mau estar, não é? Porque é como se nós entendessemos como que alguém a penetrar na nossa intimidade, pronto, acho que de facto o CE é um órgão com uma vida algo duvidosa na com. escolar.

E isso pode dever-se ao facto de ser um órgão onde há esse carácter dubio nas suas competências ou ser um órgão passivo e portanto que não tem influência na escola pela própria passividade onde caiu?

Se calhar é um pouco de cada uma dessas coisas que acabou por dizer, porque de facto o CE, é um órgão onde as pessoas não estão por dentro da vida da escola, por ex. , a entidade socio-cultural, a entidade ligada à parte económica, etc, são de facto membros do CE que, ao fim e ao cabo, estão presentes porque a lei assim o manda, mas que não estão dentro do pulsar da escola, digamos assim. Portante neste aspecto ... (perdi-me) sim, sim, é um

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

pouco de cada uma dessas vertentes.

Há uma questão que me preocupa. Se o DEX (orgão) se representa essencialmente o ME ou se também representa a Com.Edu.?

Eu acho de facto que é o órgão DEX que representa na escola o ME e o pulsar da escola também. É na pessoa, não, no órgão DEX, que se juntam essas duas vertentes: por um lado o pulsar da escola, por outro lado esse organismo superior que é o ME. Portanto penso que é o DEX que está por dentro de toda a orgânica da escola, ele é que está por dentro da gestão financeira da escola, ele está por dentro da gestão pedagógica, repare que o DEX tem também assento no CP (não sendo o presidente, não é) como tal a parte pedagógica o DEX domina completamente. A parte de administração é de facto o DEX, não tenho qualquer dúvida acerca disso.

Esta pergunta tem outra subjacente outra ideia chave deste modelo que é a progressiva caminhada para uma maior autonomia do EE, isto é, se o DEX não responde apenas perante o ME (central ou regional) e tem uma certa força que decorre da existência (pelo menos em teoria) de uma direcção na escola, se isso não poderá ser uma margem de autonomia que a ser explorada? Em síntese a existência de um CE potencia um aumento de autonomia?

Poderia eventualmente potenciar, se no CE as coisas fossem de outra maneira. Como o DEX tem assento no CE, poderá ser no CE que chega ao DEX o sentir da escola... mas o sentir da escola também pode vir por outra via. Não vejo que tenha de ser necessariamente através do CE ... mas para isso as competências do CE deveriam estar mais ... especificadas e pronto. Mas penso que o pulsar da escola pode chegar por outro caminho que não seja o CE

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

.. mas também pode ser pelo CE.

Não ponho em dúvida que o DEX recebe o tal pulsar da escola por muitos mecanismos informais , mas há um órgão formal, com actas, com deliberações, que apoiam posições até para que o DEX não fique fragilizado, quando não cumpre a letra da lei.

Pode ser, mas para isso terá de surgir mais alguma coisa sobre a regulamentação do funcionamento do CE ... faltará uma delimitação mais expressiva das competências do CE, por ex. ... essencialmente isso.

Passando para um tema correlacionado com isto que é no fundo a questão da participação das várias componentes da Com. , talvez escolhendo à cabeça as famílias e os pais pela importância consensual que têm, como é que vê o envolvimento dos pais na escola, nomeadamente, através da APEE?

No que diz respeito ao assento da AP nos órgãos da escola posso dizer que têm sido bastante assíduos, quer no CP, quer no CE, não tenho ideia de terem um nº significativo de ausências. A Pr. da AP (que é uma senhora) é uma pessoa bastante interessada por estas temáticas. O que também acho é que, por vezes, a AP, nomeadamente só alguns membros talvez, tentam penetrar dentro de domínios muito íntimos da vida docente e isso de facto incomoda os professores. Nesse aspecto acho que a participação dos pais na vida escolar deve ser uma participação muito especial, mais construtiva.

Haverá uma certa falta de cultura de participação ou será que há um intenção deliberada de afrontar o corpo docente?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Não diria que era uma intenção de afrontar o corpo docente, não tenho de facto essa perspectiva. Penso que é mais uma falta de cultura de participação.

Como é que nós podíamos incrementar essa cultura numa escola secundária como esta?

Procura-se sempre fazer sessões de esclarecimento com EE e que muitas vezes essas sessões de informação não são frequentadas por um nº muito significativo de pais e portanto são sempre as mesmas pessoas que vêm. Há muito EE que ainda entende a escola como sendo um depósito de crianças e de facto não ... (como é que hei-de dizer) por razões culturais, por falta de informação talvez, não têm por hábito tentar informar-se acerca da vida da escola. Há de facto muito EE que nunca cá aparece, até mesmo para os contactos formais com o DT.

Essa demissão da sua responsabilidade de educação dos filhos que compete às famílias, poderia ser ultrapassada se existisse formação para Pais? Ou outras iniciativas da escola?

Se existisse uma sensibilização, por parte da escola ou até mesmo pela própria APEE, poderia haver uma certa sensibilização, mas isso é difícil de fazer ... já tem acontecido, de facto, a AP promover reuniões, até mesmo naqueles períodos quando a AP termina o seu mandato e em que se prepara o mandato seguinte e a AP manda informação a todos os pais, via alunos, acerca da existência deste ou daquele encontro, desta ou daquela reunião, o que se passa é que a própria APEE tem dificuldades em reunir os pais. Ou porque os alunos se esquecem de entregar aos EE, ou porque estes acabam por ter sempre outra coisa por fazer e acham que não é necessário a sua presença na escola ... têm sido feitas algumas tentativas nesse sentido, mas que de facto não têm

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

produzido grandes frutos.

Essa falta de participação também é extensiva aos contactos entre os DT e os pais da turma ?

Olhe, há DT que recebem muitas vezes ... que sempre à hora de atendimento estão cheios de EE para receberem, outros pelo contrário, comentam que não lhes aparece ninguém. A minha interpretação tem a ver com o nível cultural dos EE. Há turmas em que pela sua composição, são formadas por alunos de um nível sociocultural diferente, mais escolarizados e que mostram a sua preocupação com a vida escolar. Outros EE pelo contrário de baixo nível cultural muitas vezes não aparecem e o que se verifica é que, normalmente, de uma maneira geral os EE daqueles alunos que até são proplemáticos que apresentam problemas que até trazem problemas de comportamento nas aulas e seria importante a presença dos EE para debater essa problemática são precisamente esse EE que não comparecem, o que nos leva a atribuir uma certa correlação entre esses comportamentos com a falta de atenção (se calhar) dos EE.

A própria com. envolve os próprios professores. Até que ponto os professores que pertencem ao CE representam os professores da escola ou se representam a si próprios?

Não sei ... mas é complicado dizer que eles representam todos os professores, porque por ex., raros são os membros do CE que levam problemas para o CE problemas que são postos pelos seus grupos disciplinares... penso que (porque eu já há muito tempo não vou ao CE)... penso que , de uma maneira geral os professores se representam a si próprios.

Mas isso será um problema da democracia

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

representativa ... não é só desta escola. E isto não poderá haver uma maneira de se caminhar para um estágio mais participativo ... por ex. os professores construtivamente coloquem problemas aos seus representantes ... não é problemas contra a gestão, mas pró-educação, de desenvolvimento da escola ...

Na prática isso não se passa muito. De facto tenho ideia de ter os chefes departamento curricular trazerem questões vindas dos grupos, para o CP ... pedidos de esclarecimentos, algumas sugestões, mas são questões mais de carácter pedagógico, vindas dos grupos disciplinares e são canalizadas pelo Ch. Dep (via Delegado de Grupo) e de uma maneira geral essas questões têm sido tratadas, mas no CP. No CE não tenho ideia de haver muitas ideias canalizadas dos grupos disciplinares ... dá-me ideia que o CE não tem ... não sei se é por reunir poucas vezes, se por que é que é ... sei que há muitos professores nesta escola que mal sabem da existência do CE. Não tem visibilidade prática.

Mudando agora pra os alunos como é que vê a participação dos alunos?

É flutuante. Por ex. agora em Jan. houve aquela informação que dia 28 de jan. seria o dia D, levámos essa problemática ao CP, era um dos pontos da ordem de trabalhos (que fazer no dia 28 de Jan.?) ... porque para nós era um matéria complicada e para a qual nem todas as pessoas estão avaliadas ... levámos essa questão ao CP e os alunos assinaram essa convocatória, mas nesse CP em que era fundamental a presença dos alunos, eles faltaram. Ou porque tinham teste. Ou porque lá tinham as suas razões ... mas pronto, daí um lhe dizer que é um bocadinho flutuante a presença dos alunos nos órgãos próprios.

Em relação aos outros membros?

A participação é muito passiva, limitam-se a aprovar e ... pois ... a colaboração ... a relação escola/comunidade, mais propriamente com a autarquia ela que hoje se pode dizer que tem alguma coisa a ver com a presença da autarquia no CE também lhe posso dizer que antes da autarquia estar no CE já a autarquia colaborava muito connosco. Não posso dizetr que tenha sido o assento da autarquia no CE que tenha dinamizado uma maior interacção escola / autarquia. Portanto essa colaboração já existia.

Uma das inovações deste modelo era aumento da participação da comunidade, das suas palavras sentem que houve algum incremento, ou acha que o modelo ficou aquém das expectativas

Penso que ficou aquém das expectativas . A relação escola comunidade não foi grandemente desenvolvida. Como acabei de dizer com a autarquia essa relação já existia antes, não vejo que de facto tenha havido aquilo que era de esperar.

No que concerne a essa problemática, a sua opinião sobre a dualidade direcção / gestão não parece ser muito favorável?

Não me parece que tenha trazido grandes influências na autonomia.

Se tivesse que caracterizar este modelo de gestão, como é que o faria?

É sempre uma experiência e como qualquer exp^a tem os seus aspectos positivos. Como exp^a acho que foi positiva, foi razoável. De facto a exp^a do NMG não trouxe os resultados que seria de esperar,

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

mas como exp^a teve os lados positivos, enriquece-nos sempre com algo.

Se este modelo ter ficado aquém das expectativas se deve exclusivamente ao modelo decretado ou se se deve também a algumas faltas de condições, porque parece que se deixou de acreditar no modelo, deixou-se em situação de morte lenta.

Não se acompanhou a passo e passo a exp^a e talvez isso também tivesse falhado... esta exp^a ao fim de 5 anos faltou, de facto, esse acompanhamento constante, faltou tentar ir corrigindo ir a pouco a pouco fazendo pequenas correcções. Por ex. estamos no 5 ano de experimentação, desde o início do ano lectivo que o DEX está por nomeação (como sabe), estamos em final de Fevereiro e não temos nada de concreto sobre como é que vai ser a vida do modelo daqui para a frente. Portanto ... a continuar o modelo terá de sofrer alterações, temos de ver qual é o ponto da situação da nossa exp^a e ver o que é que há al alterar , introduzir essas alterações e ver como é que as coisas correm daí para a frente. Pronto neste momento ninguém sabe se vai alterar e o quê. Repare que o modelo a continuar, terá de haver novas eleições para o CE ; esse é o 1º passo e não vamos esperar por Junho, porque senão vamos entrar pelo Verão e já era horas de haver indícios de alguma coisa.

Para medir resultados experimentais não teria sido bom permitir que no ano transacto tivessem decorrido eleições para o CE?

O que aconteceu o ano passado foi vir uma determinação superior que dizia que nos devíamos manter mais um ano, portanto ... será que é no final deste ano lectivo que se vai proceder a novas eleições? Neste momento agente não sabe!

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

No fundo para usar uma metáfora da biologia, não se sentem como cobaias aqui na escola, com as quais foi efectuada uma exp^a e que agora se encontram moribundas à espera do fim ?...

Sim, mais ou menos. Estamos de facto nesta situação vamos aguentando o barco, conduzindo o barco sem saber o destino que ele vai ter . Ao fim e ao cabo estamos numa situação de impasse .

Em relação às expectativas do que aí vem?

Não sei. Eu penso ... dá-me ideia que o modelo há-de continuar, há-de sair qualquer coisa, qualquer legislação que introduza alterações nos vários órgãos previstos ... dá-me ideia que o modelo vai continuar, mas terá de haver alterações ... quais, não sei. Provavelmente essas indicações irão chegar na altura em que estamos extremamente pressionados pelo tempo, no final do ano lectivo, extremamente sobrecarregados com a feitura de provas globais , com ... o mês de Maio é um mês que os professores andam a correr, para preparar as provas globais, para preparar o final do ano lectivo com os alunos do 12º ano a fazer exames nacionis (e repare que é uma responsabilidade imensa), nessa altura chegará legislação sobre isso... e é uma altura má, porque os professores não têm tempo e condições para reflectirem sobre as alterações ...

Será que a história se irá repatir ... as coisas vão chegar em cima da hora

É isso , as coisa vão chegar em cima da hora .

ENTREVISTA nº 13

..... - CM Évora

Abílio - CM

CM - 97/02/25 - 16:15 - duração 38 min

No seu ponto de vista, um pouco de fora do ambiente da escola, como é que vê o ambiente da escola? Tem um clima cordato ou é um sítio onde há muitos conflitos?

Penso que a escola, como qualquer outra instituição, é um local com alguns conflitos, não é? Agora a que tipo de conflitos se refere? Entre quem? Entre docentes? Entre todo o pessoal?

Naquela escola concretamente ... como nós estamos de fora muitas vezes as coisas não nos chegam com tanta facilidade. Que eu senti que, de facto, a prática deste modelo fez com que surgissem mais estes conflitos, sinceramente, porque nós mantemos um relacionamento com as escolas que é muitas vezes via CD, praticamente só. Um ou outro professor vem falar connosco sobre um projecto concreto, mas pronto ... propriamente o dia a dia da escola, como não estamos lá é difícil. A presença no CE, e sobretudo em certa fase, deu para perceber que as coisas não eram muito pacíficas. Quando se começa a questionar e a querer ir um pouco mais ao fundo das coisas dá azo necessariamente à existência de maiores conflitos.

Há pessoas que são pela cultura do consenso, outras pensam que não que os conflitos até podem possibilitar a evolução das organizações... na sua perspectiva ... (cortou)

Eu prefiro essa segunda versão, porque reportando-me a este modelo e a esta escola, até que havia mais empenhamento, mais

entusiasmo na fase em que existiam esses conflitos que hoje ... porque a partir do momento em que os conflitos foram identificados e os seus protagonistas também e houve aquela divisão entre os que estão a favor e os que estão contra, entrou-se assim numa paz "podre" (entre aspas) porque parecia que estava tudo bem, só que não estava . As pessoas não queriam entrar em conflito ... evitavam-no a todo o custo ... e como não queriam entrar no conflito, pronto, ficavam calados. Não discutiam as coisas e essa fase foi uma das fases que contribuiu para esta morte lenta deste processo também .

De qualquer forma o CE onde a autarquia está presente é na sua concepção uma arena de debate e um espaço de polémica, onde necessariamente é preciso haver concertação de posições. Nesta linha e como referiu que os conflitos poderiam ter um efeito dinamizador... concorda que o CE poderia ser esse órgão de debate, ou sente que ele passou a ser um órgão passivo com pouca intervenção na vida da escola?

Sinto que ele deveria ser esse espaço de debate... e ainda voltando à questão que referi atrás, penso que o mal desta coisas é as pessoas pessoalizarem a relação e ... as posições. Podemos ter opiniões diferentes dos outras, sem que estejamos contra os outros... ou que aquilo seja uma guerra entre as pessoas ... o Manuel, o Joaquim, etc. Podemos ter pontos de vistas diferentes.

O que eu achei que foi mau, foi entrar por essa via de pessoalizar, de ver aquilo como uma guerra entre pessoas, com nomes, e não aceitar aquilo como uma fase natural por que tinha de se passar e que até era bom que tivesse continuado por mais tempo. Depois disso, de facto, considero que perdeu-se muito da vivacidade desse órgão e que esse órgão passou a ser menos um papel activo e a ser mais passivo como referiu, não é?

A questionar menos as coisas e a fazer as reuniões por obrigação e os relatórios por obrigação e as coisas que lá iam ... (ou iam ou não iam) não tinham uma intervenção tão forte, como no processo inicial.

Uma das virtualidade seria uma progressivo reforço da autonomia da escola, gostaria de auscultar a sua opinião se na sua perspectiva o DEX continua a ser um mero representante do ME ou se ele é também representa a Com. , nomeadamente através da interacção com o CE que o escolheu?Como vê esta dicotomia?

É de facto uma dicotomia complicada, porque o papel é complicado a meu ver, e o seu desempenho tem muito a ver com a personalidade de cada um.

A questão que está aqui é que enquanto este novo modelo pretende estabelecer alguma horizontalidade na relação, iste de facto é quando seria a autonomia,penso eu. Toda a forma de gestão da escola está feita de uma forma vertical (primeiro havia dito horizontal, mas depois corrigiu) e o DEX é uma peça desta hierarquia, desta verticalidade. E o grande problema a meu ver, aqui, é mesmo isso. É que ele, enquanto órgão que pertence à escola, e se interliga com o CE , e o CP , etc. , ele tinha de ter outra maleabilidade, tinha de ter outra capacidade de autonomia que, de facto, esta estrutura vertical (que existe no nosso País) não lhe permite ... por isso o seu desempenho é sempre extremamente complicado e por isso as que nuances têm a ver com a sua personalidade, se é uma pessoa mais aberta, mais dialogante , que se relaciona bem com os colegas ... e se calhar consegue coisas que outra pessoa com outro carácter não conseguirá porque, de facto, a sua posição nesta engrenagem toda, também não permite grande mudança. Esta é que é a questão de base . Tudo passa por aqui; o que é que se entende por autonomia e até que ponto é que este modelo pretende dar alguma autonomia. A meu ver não deu!

Deixe-me colocar-lhe um cenário:

O orçamento da escola tem duas componentes o da escola e o do estado. Por ex. uma das manifestações concretas da autonomia (que não existe neste momento) poderia ser assim : o DEX presta contas ao TC e ao Estado do orc. de estado e presta contas à Comunidade do orç. de receitas próprias .

Eu penso que sim ... a autonomia tem muito mais a ver com isso do com o que está a ser praticado ... aliás é tão mais grave que o orçamento já vem codificado, já vem feito, portanto as escolas que estão com este modelo têm exactamente (com pequenas nuances) mas regem-se por um protótipo de ficha de orçamento, igual às outras escolas... portanto aí não pode ter grande capacidade de manobra.

Se calhar não foram dadas condições ao modelo para aumentar a sua autonomia.

Exactamente ... instrumentos operacionais praticamente nenhum. Com o que é que eles podem jogar com algumas verbas? Não sei de quê , com as visitas de estudo ... tirar 50 daqui e por 50 ali, mas no fundo, eles não podem fugir daquilo.

Podem querer fazer um orçamento completamente diferente que tinha que ver com a realidade local... só assim é que faz sentido ter lá as estruturas da comunidade que depois, em termos práticos, e dos instrumentos operacionais que a escola tem eles não estão em lado nenhum ... só servem para encher.

São factos como esses que podem conduzir à passividade ...

E acabam por não ir, ou quando vão estão lá porque querem ser simpáticos com a escola e para com as pessoas .

Qual é a sensibilidade que tem em relação à participação dos Pais no CE? Os pais participam muito, nomeadamente através da AP, ou de outras formas que tenha ouvido falar ? Ou acha que esa participação também está muito aquém do que seria desejável?

Sim, acho que a participação dos pais está muito aquém do que seria desejável. Em primeiro lugar porque também não estão criados os mecanismos legais que permitam aos pais uma efectiva participação. Quando digo efectiva quer dizer que estão conscientes que estão ali a fazer um trabalho que é importante e que é reconhecido socialmente e isso passa por legislação laboral que não existe e que permita aos pais pedir dispensa do trabalho para frequentarem reuniões dos filhos (da escola dos filhos) e neste momento (li no jornal) parece que está a ser assinado um pacto com o ME com a Federação das AP (Confap) e portanto até agora ... e agora só prevê mecanismos para a função pública, deixando de fora as empresas e infelizmente muitas famílias não trabalham na função pública (é um nº diminuto) e portanto ainda há um longo caminho a percorrer.

Penso, por outro lado, há uma grande confusão em relação ao papel dos pais e da participação dos pais na escola e há confusão para o lado dos professores e para o lado dos pais. Baralham-se os papéis e às tantas isto cria conflitos também, porque é um processo de aprendizagem que tem que ser feito também. No nosso País em matéria de educação cívica ainda temos muito a aprender, e este fenómeno das associações de pais é um fenómeno recente, pelo que também é ainda muito incipiente, também ele com muitas falhas. Por vezes geram-se conflitos precisamente por esta má informação sobre o que é participação da uma APEE na vida de uma escola ... ou dos pais individualmente.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Aquilo que se assiste é da parte dos professores uma certa repulsa em aceitar a presença dos pais e a sua intervenção activa, outras vezes são os próprios pais que conduzem mal o processo e .. as coisa não correm tão bem como se esperaria.

Num aspecto para elo, como são as coisas em relação aos alunos; trata-se de uma ES onde os alunos já têm uma certa idade. Eles participam?

Olhe eu em relação a esse aspecto tenho assim uma opinião muito minha : parece-me (se calhar falta-me alguns dados) mas a sensação que eu tenho, em relação a esta escola, é que os alunos antes do funcionamento deste modelo de gestão participavam mais e organizavam-se mais de uma forma espontanea, mais à volta de clubes e de outras actividade, do que propriamente enquanto associação de estudantes, com um papel, com espaço para eles falarem. Quando era mais espontaneo dava mais resultados. Pelos dados que chegam aqui à Câmara, a escola era uma escola que tinha o clube das artes, um jornal, um clube da rádio, uma série de grupos de miúdos que eram muito activos na escola e a partir do momento em que se formalizou mais a participação deles, notou-se uma quebras das actividades e nessa organização espontanea. Passaram a ser só aqueles 2 ou 3 e, no outro ano, já são outros 2 ou 3. Afinal quem é a AE? O que estão a fazer? ... e de facto quando organizamos algumas actividade para jovens, há sempre este problema de não se saber bem, da informação não chegar lá e depois eles também têm muita dificuldade em responder. Não tem sido fácil.

E em relação à autarquia. No fundo a autarquia colabora com muitas outras escolas da cidade e o facto de estar presente no CE terá uma relação diferente?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Olhe neste momento temos 4 tipos diferentes . Temos o caso de desta escola secundária, outra de uma área-escolar (junta 21 estabelecimentos de ensino... é uma coisa diabólica ... imagine o que é), temos o modelo antigo com o conselho consultivo e o c. de direcção (vamos tentando ir mas não com muita frequência), e os territórios educativos. São experiências de mais ... não tenho dúvida nenhuma.

Fala-se agora muito que se for revista a legislação o novo quadro apontaria mais para um Conselho Local de Educação... a vossa posição seria mais favorável a uma estrutura mais macro que estas que referiu?

Penso que a questão das escolas também tem de ser revista e que a questão dos modelos de gestão diferentes ... não sei se é um bocadinho do que cada um tem de melhor, se um deles é melhor, não sei... agora penso que o CLE não substitui estes órgãos, são coisas à parte, são coisas diferentes.

Nós aqui em ... temos algo parecido que é o Comissão Municipal de Educação... temos uma comissão municipal de intervenção social e educativa que tem várias subcomissões, uma para a educação, uma para a 3ª idade, e uma para a saúde, uma para o emprego ...

Não é baseado em lei absolutamente nenhuma, agora é que se começa a falar desses CLE . Creio que a expª desta cidade é uma expª piloto em todo o País, foi criada em 1990/91 e esta CM é um órgão consultivo de apoio à autarquia que tem o grande mérito de juntar os vários parceiros do sistema educativo, a autarquia que é a dinamizadora, a DRE, a IGE, o CAE, as APEE, os sindicatos, os CD das escolas , o EE e a Ed.de Adultos, portanto, juntamos toda esta gente e, periodicamente, (não tem uma regularidade certa) e conforma as necessidades (3 em 3 meses); há alturas, por ex. no ano passado para discutir a carta escolar, reunimos com mais frequência, mas normalmente reunimos de 3 em 3 meses e de facto tem sido

uma exp^a feliz que nos tem mostrados efeitos benéficos deste diálogo, nomeadamente, ao nível dos consensos ... cá está, somos todos livres de ter opiniões diferentes e de as manifestarmos, mas há coisas que temos de ser consensuais. Este consenso tem de ser estabelecido à volta de coisas que são de grande importância, sobretudo, para a vida daquela comunidade. São um conjunto de pessoas e independentemente de alguns pensarem de maneira diferente. Foi neste quadro de intervenção desta estrutura, numa altura em que não eram criados jardins de infância da rede pública nós criámos neste município 4, felizmente, hoje já foram integrados na rede pública da Edu. Pré Escolar e já têm educadoras colocadas ... e na altura em que o ME não aprovava a criação de Jardins de Infância, esta comissão municipal, com o aval positivo da DRE, da IGE, e de todas estas estruturas locais, conseguiram fazer vingar a ideia de que era importante abrir aqueles quatro JI em freguesias rurais, para evitar que as pessoas saíssem das freguesias, para dar mais condições àquelas crianças que chegavam à escola primária com grandes dificuldades de aprendizagem e para dar uma resposta socialmente considerada muito útil a pessoas que saem de manhã e chegam à noite... ficando as crianças com os avós.

Do que eu compreendi pensa que o CLE ou esta Comissão Municipal não substitui o nível de participação na comunidade específica da escola?

Sim, sim, eu penso que sim que são planos de intervenção completamente diferentes, pois estes têm um aspecto mais macro, onde são analisados problemas como o do JI (já referi) como o da carta escola, ou onde devem ser feitas escolas ou não, se elas devem fechar ou abrir, a questão dos transportes escolares, que hoje em dia é um processo bastante complexo e levanta problemas de várias ordens. Para residência para alunos universitários ... sei lá de uma série de coisas que depende muito do local e, portanto, penso que as funções deste órgão transcendem muito as escolas.

Se lhe pedisse uma opinião sobre esta exp^a, do que colaborou nela, mas pensa que apesar de tudo valeu a pena esta exp^a?

Eu acho que apesar de tudo valeu a pena, por nos ter provado a todos que se o esforço de quem pensa nestas coisas tivesse ido um bocadinho além, se calhar, os resultados teriam sido outros. Infelizmente ... e não se conseguiu ir mais além, mas tem méritos e, sobretudo, penso que nos coloca numa outra fase desta gestão das escolas: que é pensar que as coisas não podem ser como eram antes e, de facto, a autonomia tem de ser uma coisa mais efectiva, ainda que ela tenha que percorrer algumas fases, mas penso que é isso que é o caminho, essa é que é a meta, e é para aí que se tem que trabalhar.

Todos ganhamos de as coisas começarem a mais decididas a nível local, portanto, numa relação mais horizontal. Estão estes parceiros poderiam estar ainda outros. A questão não está em serem muitos ou serem poucos, está em estar lá com condições para funcionar e o que este modelo (este quadro legislativo) não deu, foi a possibilidade de ter condições para funcionar, porque teoricamente ele é *lindo*. Os pressupostos são todos muito bons, só que a prática não demonstrou isso, porque não foram criados todos os mecanismos que seriam necessários.

O que disse é extremamente interessante leva-me a uma pergunta correlacionada com as condicionantes e com os constrangimentos que pautam pelo menos os últimos anos da exp^a. Falou que para haver uma exp^a é preciso que se crie ambiente. Isso significa que se caiu num impasse e que estamos perante um modelo moribundo?

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Sim, penso que sim. Quando da criação do modelo havia uma expectativa, as pessoas queriam qualquer coisa diferente. Neste momento já toda a gente sabe (já sabem há dois anos) que com este modelo não se vai lá ... ou, pelo menos, com ele como está e, portanto, se crie essa atitude passiva e deixar andar, pelo menos até ele ser definitivamente enterrado. Se calhar ninguém já está com vontade de pensar em coisas novas.

A questão central era que o modelo em teoria este modelo fomenta muito a participação. A questão que lhe gostaria de colocar nesta recta final era se julga que a participação é um mito na nossa sociedade?

Ah, eu penso que não. Não podia jamais pensar isso porque eu sou uma pessoa de acção, e tenho sempre esse cuidado em todas as minhas propostas, mesmo aqui em termos de serviço, quando podia optar por encomendar coisas para oferecer aos outros, tenho sempre essa perspectiva que não se pode dar nada que as pessoas não queiram. As pessoas têm de estar envolvidas e têm que saber o que é que realmente querem. Por isso eu penso que a participação tem de ser construída ... tem de ser ensinada desde pequeninos, logo na escola primária. Esta ideia de educação cívica, de ter opinião, de ter voz.

Por aí que se tem de começar a construir a participação, não posso de maneira nenhuma, pensar que a participação é um mito, acho que não. Acho que está muita coisa por fazer. Houve um tempo em que as pessoas mais espontaneamente participavam nas coisas, nos movimentos associativos, etc. Hoje em dia não, há um grande apelo ao individualismo e há essa tendência para não participar tanto, mas penso que as pessoas que estão em determinadas cargos, com determinadas responsabilidades, têm por todas as vias e mais algumas que fomentam essa participação.

A escola poderia ser, nessa linha de pensameno, uma escola para e de participação.

Acho que sim ... e é isso que os nossos filhos querem. Eu tenho um filho e sei porque é que a escola lhe diz pouco; porque a escola não apela à participação, eles são actores, eles são espectadores, sujeitos passivos dum processo de aprendizagem que eles também têm coisas a dar. E esse é o grande mal da escola neste momento . Os nossos miúdos têm muita coisa para dar, têm muita mensagem, contrariamente áquilo que se pode pensar, e portanto, esse lado da escola é que temde ser muito, muito estimulado, muito desenvolvido nos próximos anos senão corremos o risco de andar aqui a marcar passo e a participação a todos os níveis não ser uma realidade se ela não começar pela escola.

Quando a própria autarquia, e eu tenho consciência disso, muitos dos projectos que fazem apelo à participaçãp e à discussão de certos assuntos é a autarquia que os desencadeia. Felizmente temos tido uma óptima colaboção das escolas.

Ainda neste momento temos aí um projecto em curso que é "a escola adopta um monumento". Somos uma cidade património mundial e temos responsabilidade pela defesa e pela valorização do seu património e não podemos pensar que são só os adultos, que já estão aí que já estão conscientes. Temos de começar pelos miúdos que são os futuros cidadãos e, portanto, o resultado desse trabalho diz-nos que esse são os trabalhos que os miúdos gostam de fazer ... eles aprendem muito mais e com mais gosto, se tiverem de fazer trabalhos sobre a rua, sobre um monumento, sobre os assuntos que o preocupam se aquilo for uma coisa do dia a dia, do que propriamente estar ali a desbobinar um conjunto de conhecimentos científicos, mas que eles não percebem a finalidade das coisas.

Ainda tenho uma dúvida. Como reconheço nas suas palavras uma fervorosa defensora da participação cívica da comunidade em geral, embora reconheçamos que ainda

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

há um processo a percorrer, então sente, enquanto membro do CE que a participação da Com. influencia directamente a gestão quotidiana da escola?(esclareci sobre a noção de comunidade educativa)

Penso que muito pouco, porque aqueles momentos que são dados às pessoas aos conselheiros para participarem muito programados, são coisas muito concretas, ou há um relatório para apresentar, ou um balanço, ou um plano de actividade, ou um estatuto, um regulamento ... as reuniões são muito orientadas já para cumprir a lei e há muito pouco espaço para outras coisas. Onde é que há esse espaço? É na elaboração do PAE, mas à partida também tem já uma componente pedagógica muito forte, logo também aí o espaço é muito reduzido também. De facto a Com. (o sentir dos empresários ou da câmara) ter expressão na vida da escola não tem.

Mas isso também é um processo que levaria muito mais tempo; não é neste tempo em que decorreu o modelo que levaria alterar alguma coisa. Mas penso que toda a orientação das reuniões é feito mais na lógica da escola, do que "no de fora para dentro". As questões que nos colocam é mais o estatuto disciplinar, as cargas horárias, as notas, enfim é toda a componente da escola, todas as preocupações, todos os assuntos que muitas vezes até quem está de fora (sei lá quem está ali representando os interesses económicos ou culturais) devem ainda ter mais dificuldade. Porque se nós câmara já temos e apesar de tudo temos este diálogo tão estreito com as escolas, o que é para aquelas pessoas que estão ali pela 1ª ou 2ª vez e não têm tempo para se exprimirlá dentro.

Talvez o modelo tenha algumas potencialidade , mas não está é a ser bem explorada. Se nesse espaço de debate de ideias se lançasse, para a mesa questões sobre educação abertas, vagas, genéricas, por ex. qual a importância das actividade não lectivas. No ponto dois se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

calhar tinha que lá vir aquela parte burocrática que é essencial. Não será é uma falta de tradição que ainda existe, alicerçada na nossa cultura centralizadora, em 1º lugar está sempre aprovar...

As formalidades... estou perfeitamente de acordo. O modelo pode potenciar e tínhamos tido oportunidade ao longo deste tempo para tentar experimentar coisas dessas, sei lá, provocar encontros parcelares com estes ou com aqueles, com alguns parceiros, sobre determinados temas, por ex. esse das actividades extra-curriculares, mas de facto não se proporcionou ... o tempo esgota-se a discutir regulamentos internos e planos de actividades e relatórios e sobra muito pouco ... até para uma atitude de uma certa descontração que é preciso ter. As pessoas acabam por estar ali 4 h a discutir aqueles formalismos todos e no fim estão cansadas, mesmo que quisessem por outra questão, já não têm tempo, já saíram metade, é tarde e ... pronto termina.

Relativamente à chamada lei quadro que está para sair, já lhe constou alguma coisa?

Não. É uma matéria em relação à qual ainda nada chegou às autarquia... mas ouvi falar...

Mas como actora do processo não se sente um pouco magoada...

Depois deste proceso todo, de repente, esqueceram-se que existe a tal comunidade ... penso que é mais um sintoma que aquilo não era para levar muito a sério. E agora arrumou-sejá ninguém tem que ver. Usaram as pessoas e as instituições e agora de repente esqueceu-se tudo isso e fica tudo muito concentrado nas estruturas do ME.

ENTREVISTA nº 14

- Director Executivo

Abel - DEX

ES - 97/05/16 - 15:38 - duração 87 min

A primeira entrevista realizou-se no dia 28 de Fev., tendo a cassette onde foi gravada sido danificada e o seu conteúdo irrecuperável; pela importância que o entrevistado merece, face ao cargo que ocupa, foi a mesma repetida nesta data.

Agradecimento prévio no início da gravação.

Agradeço ao DEX por esta nova oportunidade, pois como sabe, a outra cassette deteriorou-se, e a entrevista do colega era assencial para este estudo, pelo que agradeço a sua disponibilidade para repetir a mesma.

Sobre o funcionamento da escola que pontos fortes e fracos tem esta escola? Como é o seu clima?

O que considero como fundamental, decorrendo sobretudo disso, é a coesão de escola, decorrente de um corpo de docentes efectivos já muito grande, com uma mobilidade muito pequena, o que tem vindo a permitir que a escola venha enraizando um conjunto de princípios, que vieram a ser consagrado no projecto educativo e que com maior ou menor dificuldade se vai concretizando.

Os pontos... daqui decorrente, desta forte coesão que se tratuz também num clima de escola, que julgamos, com alguma suspeição atendendo que é o DEX que fala, mas que julgamos que corresponde um ambiente propício, de facto, ao trabalho, ao relacionamento fácil, a uma gestão de tipo aberta e que tem em conta, quer os domínios do profissional, quer os domínios do pessoal, com um conjunto de funcionários que souberam absorver um espírito

que se tentou transmitir ao longo dos anos...

Eu sou DEX, mas exerço a gestão há 12 anos... portanto, foi um factor de estabilidade que veio permitir que o projecto ,de facto, se viesse pouco a pouco a concretizar.

Julgamos que não é propriamente traduzível por um forte componente extra-curricular, é sobretudo um trabalho no domínio curricular, no domínio cognitivo em sentido específico, que a escola, de facto, tem como um dos seus pontos de maior incidência, de maior preocupação, de maior consecussão.

Naturalmente que uma avaliação externa, como a que foi feita no ano passado, é ainda pouco para poder expressar, isto que se considera o principal trabalho da escola (desta e de todas, porque a instrução constitui, de facto, o principal objectivo da escola) e não nos temos desviado deste princípio, consagrado no próprio PE.

Não omitindo, não invalidando, todos os projectos que grupos formais ou informais, têm vindo a concretizar de domínios que servem o cognitivo, como extensões que excedem a esfera curricular, co-curriculares, mas é de facto isso que nós consideramos ser o grande objectivo e julgamos que têm vindo a ser criadas as condições para que o *sucesso* se possa vir a traduzir.

Como fragilidades, julgamos sobretudo é que o sistema, e uma escola secundária transmite-o, é a instabilidade que é criada a um nível super-estrutural. Por ex. com um modelo de gestão, em que não se apostou, politicamente apostou-se pouco, com as alterações que têm vindo a sofrer e com a instabilidade e impasse em que nos encontramos, com a prorrogação de mandatos a todos os níveis, com as interrogações que se colocam no dia a dia, não sabemos se haverá alterações curriculares, mas julgo que daí depois há uma prática que se expressa quotidianamente, que é desmotivadora e que corresponde aos objectivos que nós gostaríamos de poder concretizar.

Isto é muito de natureza geral!

Uma outra questão é como é que o DEX gere esta

dicotomia entre, por um lado ser o representante da Com. que o elegeu e o escolheu, e por outro ser também um representante do ME numa estrutura hierárquica dentro da escola?

Gere-a com os equilíbrios possíveis, mas gere-a, sobretudo, com o *magistério de influência* que pode ter, quer ao nível interno (e quando digo interno, digo escola, e quero dizer ao nível escola-comunidade alargada) e também com o magistério de influência que com a administração tem que forçosamente exercer.

Nem sempre é fácil conciliá-lo, os dois papéis, mas o simples facto, que eu sempre considerei, que a direcção não reside na escola, a direcção encontra-se ainda, por muitos esforços de desconcentração que se têm vindo a fazer, de facto não há descentralização, no sentido político do termo mesmo, pelo que a direcção acaba por ter um peso relativamente pequeno, que é meramente homologador de trabalhos de natureza técnica, ou de outros que são feitos por outros órgão, e o seu peso, acaba por ser relativamente pequeno, e ao não lhe ter sido atribuído no âmbito de uma autonomia que está consagrada em lei, mas cuja a consecução é de difícil expressão, o DEX acaba por ser mais um prestador de contas à administração, do que propriamente à escola.

Ele presta as contas à escola, mas sabendo de ante mão que o órgão de direcção tem um peso e uma influência muito reduzida.

Quando se fala de equilíbrio e magistério de influência, é na tentativa de, exactamente, conseguir conciliar aquilo que à primeira vista parece inconciliável.

E a gestão, sobre ponto de vista, e a administração interna sobre este ponto de vista, não se pode exercer da mesma maneira, embora me pareça também que, parte muito da postura pessoal do DEX, do órgão de gestão e administração, a forma como perfila estas duas matérias, estes dois vectores.

Depende muito disso, seria possível, numa ou noutra questão tomar um partido que pudesse vir a exercer uma influência nefasta

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

nas relações que devem ser correctas entre a escola e a administração.

Por isso julgo que é correcto usar a expressão de magistério de influência, na verificação dos principais documentos, do PE, do PAE, do Projecto de Orçamento... que tenha em conta as linhas orientadoras da administração, fazendo ver à própria administração as necessidades, e até aquilo que nos parece incorrecto, mas tentando, sobretudo, uma política de conciliação de interesses, porque partimos do princípio que estamos todos no mesmo barco, com níveis de intervenção diferentes.

É natural que isto também seja um pouco de natureza geral, colega Domingos, a situação em concreto é necessário por vezes resolvê-la caso a caso.

Falou numa palavra chave em todo este processo que é: Autonomia. Para se conquistar essa desejada autonomia, há que haver uma intervenção coordenada do DE e DEX nessa busca de autonomia. Parece-lhe que a autonomia existente, é ainda insuficiente para o CE ser, na verdade, uma direcção na escola.

Ah sim, sem dúvida, sem dúvida!

O CE só se justifica, seja qual for o modelo, um órgão de direcção só se justifica se os níveis de autonomia forem substancialmente diferentes.

Como é que se traduzem? Não se traduzem por meras formalidades, atribuídas na lei que não justificam senão a actuação de mera formalidade; deve ter um nível de intervenção diferente decorrente da autonomia e de novas competências que lhe permitam o exercício dessa autonomia e, sobretudo, dessa potencialidade do órgão de direcção.

Parece-me que era muito importante fazer uma referência, porque há conceitos muito díspares do que é autonomia; porque autonomia não é sinónimo de independência, seja a que nível for.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

O que quero dizer é que eu defendo um currículo nacional que possa ter expressão numa ou noutra disciplina de natureza regional ou local. Que possa haver uma maior flexibilidade nas orientações curriculares, programáticas e metodológicas, não é, mas que defendam níveis e consecução de procedimentos administrativos diferentes dos existentes, mais alargados, mas entendo que isto, não se deve confundir, como às vezes, parece existir um discurso que tende para essa direcção; autonomia, não é de facto, independência.

No que respeita ao órgão da direcção, ou se justifica, pelo exercício efectivo, que as grandes linhas orientadoras, com meios de acompanhamento e actuação que permitam de facto a decisão ... a tomada de decisão a este nível, sem de facto instrumentos concebidos na autonomia, quer de natureza cultural, quer natureza administrativa, quer financeira, não se justificava um órgão de direcção... Isto para dizer que, o CE como órgão de direcção de uma escola, que experimentou o DL172/91, faz-me lembrar um pouco, a mesma expectativa criada pelo DL 43/89, cuja consecução foi muito reduzida.

Isto é um documento legislativo (e se nos situarmos em 89 é um normativo muito avançado), mas que ao longo do tempo não veio a ter a tradução que, ele próprio, apontava os caminhos para... sobretudo porque a partir de determinado momento, se começou a coarctar, através de procedimentos mais ou menos escondidos, mais ou menos subentendidos, o que o DL 43/89 indicava, consagrava e apontava, os caminhos para que essa autonomia... num processo gradual, se justificava.

Dois exemplos, dois cenários se o ME definisse 80/90% do currículo era nacional e 10/20 % era local, e era gerido pelo CE, ou por ex., o Estado permitisse que o CE fosse a única entidade que superintendia e à qual o DEX prestaria contas, no domínio das receitas próprias. Pensa que seriam duas medidas concretas no domínio da

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

autonomia? que pensa delas?

Eram duas formas concretas. Ainda não falei, não explorei, o exemplo que dei relativo ao currículo nacional, mas tinha um pouco a ver com isto, naturalmente agregando a si, fazendo ouvir os órgãos necessários para a tomada de decisão, sobre a matéria, mas julgo de facto que esse era um bom exercício de autonomia: 80/90% nacional e 10% regional e resultante da tomada de decisão do próprio CE, ouvidos os órgãos, que eu costumo dizer, técnicos, o CP em concreto e ouvida a escola, nas formas que se entendessem mais convenientes.

Da mesma forma, na mesma linha, no que respeita ao orçamento da escola, devia ser em articulação com DEX e que tivesse em atenção por ex. o currículo local...

E em termos orçamentais para completar a ideia?

Essa pequena verba de administração própria, ou resultante de uma medida de direcção, eram exclusivamente internas e da competência do CE... já se poderia falar de autonomia já relativamente alargada, pelo menos a uma parte das verbas.

**Os conflitos têm uma dimensão expressiva?
Considera que há grupos de pressão na escola, ou não?**

Bem eles existem sempre, o que nos parece... ou o que me parece (gostaria até mais de falar em termos pessoais), é que têm de facto muita pouca expressão; e o simples facto da sua existência poderá ser contraditório, de intervenção pontual, não têm de facto o peso ou uma expressão que se possa chamar de uma conflitualidade permanente, uma conflitualidade existente, organizada, programada, de facto, tem muita pouca expressão...

São mais divergências de opinião, diria eu que podem revestir numa ou noutra matéria, uma tomada de posição mais ou menos

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

consistente, mas apesar de tudo, não me sinto privilegiado nesse sentido, do de facto não existir uma conflitualidade permanente, como sabemos da existência de outras escolas, não é?

Já referi ao longo desta conversa que há sempre um grau de suspeição da pessoa que é entrevistada, julgo no entanto que corresponde, porque a conheço bem, como a palma das minhas mãos... julgo que tem uma expressão mínima, e é para reconhecer até a existência dessa expressão, porque de facto, não julgo que tenha qualquer significado.

Os conflitos, encarados numa perspectiva moderna são mais diferença de opinião; o CE é essa arena de debate e de concertação onde existem esses debates. Vê o CE realmente como esse órgão dinâmico onde há debate ou é um órgão passivo que se limita a aprovar?

Depende um pouco das matérias. Eu diria, no entanto, que a minha observação/participação no CE aponta para que é um órgão relativamente passivo. Não atinge, penso eu, as expectativas dessa conflitualidade no sentido positivo do termo, não atinge os níveis que seriam expectáveis.

Essa conflitualidade que permite avançar, não parece que dê corpo a isso... uma ou outra questão, às vezes, torna-se um pouco mais acesa, no sentido nobre do termo. Uma ou outra questão levanta desacordos, às vezes relativamente difíceis de superar, mas são tão poucas as situações que o significado de facto é pequeno.

Posso depreender das suas palavras que a participação no CE não é tão notória e expressiva quanto a desejável?

Não é. Há uma participação presencial, não é? No entanto a nível da participação factual é de facto de muito pouca expressão.

Penso que é sobretudo do vazio das competências do órgão,

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

do vazio não tanto das competências (diria eu), mas dos meios para o exercício dessas competências.

O problema até é mais de meios do que falta na lei de competências...

Mas este impasse agora nos últimos anos, não será um contributo institucional, por omissão, para que essa passividade, essa pouca expressividade da participação se instale?

Pois penso exactamente que a todos os níveis, mas particularmente (sublinhado) num órgão como o CE, a passividade é resultante de uma profunda desmotivação, e particularmente, neste últimos anos.

Porque na minha opinião nós tivemos 92/93 e 93/94 foram anos de pujança do modelo, porque estava a ser criado, porque o modelo estava a ser construído. Construído de exp^a feito, e julgo que a partir de 94/95 começámos a acompanhar o seu funeral... os últimos 2 anos com despachos que prorrrogam num ano os mandatos, porque se aguardam os novos normativos, são anos em que perpassa essa desmotivação de algo que vai acabar, ou que se julga que vai acabar, pelo menos nos termos em que foi consagrado no 172/91.

Nunca teve meios para o exercício de um conjunto de competências que consagravam a direcção, muito mais no momento em que dele se não espera absolutamente nada, ou muito pouco.

Isso pode instalar-se também no órgão de gestão e administração, simplesmente, a gestão quotidiana, quanto mais não seja a gestão quotidiana, obriga a um tipo de postura diferente... embora perpasse, em termos pessoais, alguma desmotivação que é inerente.

Nesta linha de participação e da relação escola família, quer a nível do CE ou outro envolvimento que o

DEX tem, como é o envolvimento do pais no CE? Há outras formas de participação para além do CE?

Há a comunicação resultante daquilo que eu chamaria também competências do próprio DEX. Quer porque promove reuniões mais ou menos tradicionais, quer porque se tenta promover essa aproximação através das estruturas de gestão intermédia (DT e coordenadores de DT), quer porque através destas estruturas a participação dos pais não se faça apenas ao nível da recepção dos EE pelos DT, ou dessas reuniões para recolherem informações sobre o aproveitamento ou o comportamento dos alunos, ou dos educandos, mas chamando-os a actividades os próprios EE cuja intervenção é determinante para o seu sucesso, lembro actividades que têm uma extensão que ultrapassa as fronteiras da sala de aula... ainda agora, na semana passada por ex. os pais foram altamente dinamizadores e colaboradores. Foi uma realização que foi um profundo sucesso. Quer pela presença no próprio CP, em que a intervenção se faz a um nível diferente, mesmo considerado como um órgão técnico, em que a presença dos pais... lhes concede um incentivo dos pais para a intervenção em todos os níveis da escola.

Portanto julgamos que, para além do CE considerado de per si, tenta-se incentivar uma colaboração com a APPE, a presença da APEE...(perdi-me)

O que se pretende, sobretudo, é que a APEE seja uma entidade representativa não criando canais paralelos, fazendo convergir a actividade, a presença, a influências dos pais através da estrutura própria.

Como aliás fazemos também com a AE. A AE tem uma estrutura própria, tem um estatuto especial, pragmático, factual na vida da escola; é para lá que nós convergimos, por ex. através dos grupos informais, clubes, etc pedimos a colaboração e a presença constante da AE.

O mesmo desejamos fazer com os pais. Através da sua estrutura própria. Por isso é que numa escola como esta em que o

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

peso do ensino secundário é bem maior do que o do 3º ciclo, temos mesmo em turma do ensino secundários, vários representantes (este ano menos) , mas vários representantes dos EE, em que os níveis são muito diferenciados, para além dos contactos, que como DEX, tenho com a Pres. da APEE.

Tanto a participação dos pais, como dos alunos, poderemos dizer que fica aquém das expectativas deste NMG?

O modelo poderia esperar mais... Há uma observação que eu talvez devesse ter feito inicialmente, que é a seguinte: a escola promove a participação, mas a participação tem de ser agarrada pelos actores!

Eu acho que isto é fundamental dizê-lo e julgo... que a participação tem maior ou menos peso consoante também as dinâmicas das suas próprias direcções... estatuto de interlocutor privilegiado, a APEE, e também a AE, entendo que é também das próprias dinâmicas das direcções que as participações têm maior ou menor peso.

(O DEX teve que interromper a entrevista para repreender oralmente uma aluna que desrespeitou uma professora e foi chamada à sua presença). Continuação.

Outro aspecto da participação no NMG é a dos actores mais exteriores à escola, nomeadamente a autarquia e os outros representantes dos interesses económicos e culturais. Como é essa participação ?

Do que vimos, do que lemos, a escola (...) tem uma situação privilegiada.

Se é um facto que a participação do representante dos assuntos económicos se traduz com uma certa passividade, a não

intervenção na maior parte dos domínios, há no entanto, pelo menos um manifesto interesse em acompanhar.

É de muito bom nível a participação, quer da autarquia, quer dos interesses culturais.

Mas não só a participação a nível da escola... porque tem de facto a participação escola-comunidade, isto é, traduz-se de facto em projectos, no acompanhamento da escola, no interesse manifestado quando das actividades que se levam a efeito, da cidade ser conhecedora dos problemas da educação, e de facto, a esse nível, a escola é (sem grande exagero) da realidade que eu conheço no CE... que esse foi talvez o aspecto mais positivo a colaboração quer da escola com a autarquia, quer da autarquia com a escola, quer com a entidade que representa os interesses culturais.

Agora foi possível reunir numa só sede as convergências e as colaborações que há muito tempo havia começado. Hoje tem aspectos que se traduzem, por exemplo, o ter recebido há pouco, como recebo todas as semanas, o plano mensal, ou semanal de qualquer destas entidades sobre as actividades que levam a efeito... com o pedido da sua divulgação, com a oferta de bilhetes para os alunos, com a pesquisa e o levantamento das dos interessados, por ex., do teatro GR, de por ex. durante as férias, puderem frequentar cursos de animação relativos à arte cénica. Como por ex. a CM ser uma das principais receptoras de alunos que estão a fazer estágios dos cursos tecnológicos... portanto, traduz-se num conjunto de realizações e não... naquela tradicional colaboração das autarquias que é feita através da cedência do autocarro... que é algo que me parece relativamente pobre.

Creio que tem sido possível avançar... bastante, neste 4 anos; do mesmo modo, a postura da escola relativamente a essas entidades também é totalmente diferente.

Nós precisamos da autarquia a vários níveis, não é apenas nos recursos logísticos, ou física, também estamos aberto a que qualquer iniciativa da autarquia também se possa fazer neste espaço, independentemente de se tratar de um estabelecimento de ensino.

Julgo que é francamente positivo... mas ao longo destes 4 / 5 anos, também há duas fases. Há um a fase primeira a que eu chamaria de pujaça do modelo (não de pujaça concretizada, mas de pujaça que se explorava a todo o momento), essa fase corresponde também a uma presença de um vereador que teve uma importância determinante no que se refere aos problemas da educação.

Sobre esta experiência que ainda decorre. A repartição de competências entre a direcção e a gestão trouxe alguns problemas? Pensa que apesar de tudo valeu a pena?

Independentemente de ela poder ter sido negativa (eu não partilho dessa opinião), ela é sempre enriquecedora. Portanto inegavelmente ela é sempre enriquecedora.

Naturais os problemas, são sempre naturais, e até mesmo se podem enquadrar em caminhos que autonomamente a escola seguirá, mesmo experimentadoras do modelo, caminhos diversos, de facto não foi fácil exactamente porque havia a tentativa natural (diária hoje com a distanciação própria) que veio trazer de invasão de competências e territórios de outros órgãos.

Foi um problema evidente que não restringiu a esta escola, que pode ter tido períodos de alguma conflitualidade no sentido negativo do termo, mas que fazer um balanço do NMG, nunca seria um balanço isento e rigoroso e volto a uma permissa do início desta nossa conversa, eu julgo que o modelo não foi suficientemente explorado. O modelo não foi suficientemente potenciado.

Falou-se uma das suas principais dificuldades residia na circulação de informação, é um facto, mas quando se coarctam os caminhos tendente à superação dessa dificuldade, é quando é mais ou menos anunciado que o modelo vai cair.

Portanto, não é nunca possível fazer um balanço que diga que este ou aquele aspecto do modelo deveriam ter sido potenciado, e

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

não o tendo sido, também por culpa da escola, por culpa por causa da desmotivação que se instalou, ele não foi suficientemente aproveitado, otimizado.

Penso que este é um dado evidente. Nunca hei-de falar deste modelo, como sendo algo que caiu, porque não resultava.

Julgo que ele cai, porque nele não se apostou, introduzindo os reajustamentos que seriam necessário e que as exp^a das várias escolas, das várias realidades poderia apontar. Não foi tido isso em consideração e parece que é uma expressão feliz, passo o pretensiosismo, acompanhámos o funeral de uma vida muito curta.

(...)Foram experimentadas na escola algumas medidas que ajudassem a superar esta diminuta participação dos actores, dos pais por ex.?

Gostaria de lhe dizer o seguinte, a escola no sentido geral (sem particularizar este ou aquele órgão específico), julgo que a escola não fez o melhor que podia fazer.

Julgo que o próprio CE não potenciou as poucas competências que tinha, não soube encontrar o caminhos que instalassem uma dinâmica... não se soube explorar a si próprio.

Digo-o com o mesmo à vontade que digo que , eventualmente, o órgão de administração e gestão, também não potenciou... apagou-se, propositadamente se apagou, e só não se apaga por completo, porque há esta vivêncvia quotidiana que faz o barco navegar.

Julgo também que ao nível do CP, também não foram explorados caminhos que superassem essas dificuldade.

Julgo que não foi suficientemente aproveitado um conjunto de intervenções da comunidade que mereceriam outro tipo de intervenção... sugestões, propostas, sempre de colaboração, de um conjunto de ideias que a meu ver não foram sucientemente a aproveitadas...

Se a razão reside nessa desmotivação que eu penso que é fundamental, se o problema se coloca a nível super-estrutural... é

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

certo também que a escola não procurou também otimizar as suas próprias potencialidades, abandonou muito cedo.

Não está provado, e não se pode provar pela exp^a do 172/91 que se o órgão de administração e gestão deva ou não ser unipessoal e não penso que se possa... privilegiar a colegialidade do órgão, se não foi feita um balanço (corrigido posteriormente para avaliação) rigoroso sobre a unipessoalidade do DEX.

A “crise” que aconteceu na escola com o pedido de demissão do DEX por causa da publicação daquele despacho, foi ultrapassada sobretudo pelo bom-senso da escola? A questão da representatividade da escola era uma questão ultrapassada?

Era uma questão pacífica, a lei era omissa sobre essa matéria, embora eu tenha sobre isso uma opinião muito concreta: que o Pres. do CE não é o Pres. de escola, representa o CE e é o coordenador do órgão de direcção. Com um mandato de um ano, e que julgo que é no DEX, enquanto expressão da escola e consagrada na unipessoalidade do órgão é o representante de escola.

Não há outra maneira... o único quadro paradigmático a ter em atenção é por ex. o dos órgãos autárquicos. Eu partilho das opiniões expressas por num artigo publicado postumamente na revista Inovação da autoria do professor Pedro d'Orey da Cunha, (e eu não precisava de ler esse artigo para que fosse para mim clara essa situação).

Agora, não estando em lei, a escola encontrou os caminhos paara tranquilamente (sublinhado) a representação estar sempre assegurada, isto é, através do DEX, através do CE, através do Pres. do CE, outras vezes através do Pres. do CP, através dos 3, dos 2, de 1, consoante a natureza, consoante a disponibilidade e sempre sem qualquer tipo de conflito.

Consagrar isso em lei e, sobretudo, da forma como o consagrou, é que me pareceu absolutamente insuperável. E

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

extemporaneo... completamente!

Este foi um ano diferente para o DEX? Como DEX nomeado?

Não não foi nada diferente. Foi exactamente a mesma oisa .

E sobre a expectativa que se fala de um prolongamento de novo mandato, isso não trará conflituabilidade à escola? Ou alguma instabilidade, não se prevê?

Tenho dúvida que não abane neste ou naquele órgão, na própria escola considerada no sentido geral...

Julgo que este vai ser um ano algo diferente; agora julgo também que esta escola dentro desta coesão que referi no início, saberá encontrar os caminhos, mas tenho algumas dúvidas que se passe tranquilamente sobre esta matéria. Sobre aquilo que se espera que aí venha....tenho muita dúvidas até mesmo pela minha própria posição pessoal sobre isso.

A derradeira pergunta que se impõe é sobre o futuro que é necessariamente incerto. Em termos de definição de política educativa fala-se de uma lei quadro sobre a gestão e outra sobre a autonomia das escolas. As escolas não receberam qualquer tipo de informação? Não foram convidadas a dar pareceres?

Não foram convidadas a dar pareceres. Julgo que esta escola é vítima da ausência de algum interesse... é que a exp^a do NMG é enriquecedora por isso, criou pela experimentação factores que seriam importantes ter em consideração, e portanto estas escolas em particular deveriam ter uma palavra a dizer, sobre a elaboração do novo quadro normativo..

Não fomos ouvidos para nada.

Nunca nos foi pedida qualquer opinião... julgamos que ainda é possível que o venham a concretizar-se, (so ó um parentesis o que é que as escolas experimentadora do 172, pensam sobre a impessoalidade, sobre o que deve ser o órgão de direcção, sobre se o Pres. do CE deve ou não ter competências? São questões que...Quer dizer, não se deve partir para um novo quadro sem que tenhamos o balanço destas experiências?

Sobre vários pontos de vista...

Desde que o CAA publicou o seu relatório final nunca mais houve qualquer avaliação (nem regionalmente)?

Não . Com esta escola Não... e penso que o panorama foi geral... e parece-me importante dizer isto, julgo que com um novo quadro normativo sobre a gestão e, eventualmente direcção, (não sei) uma nova lei quadro de autonomia é absolutamente indispensável.

Falou-se (são notícias de jornal diria eu)... falou-se de contratos de autonomia, que eu acho que era muito importante, saber através de indicadores, como é que os contratos poderiam ser estabelecidos, que confiança era possível estabelecer com as escolas tendo em vista graus de autonomia, que se consubstanciam através daquilo que vier a ser definido sobre isto... agora o que não me parece possível é publicar, eventualmente um novo quadro de gestão, sem um novo quadro de autonomia!

Que se articulem. Se houver órgão de direcção que não é possível tê-lo, sem um quadro de autonomia, que confira as competências que como direcção tem de ter, num processo, eventualmente, gradual ... e não muito avançado. FIM

DOMINGOS ALBERTO BENTO

A ERA DA
COMUNIDADE EDUCATIVA
TER VOZ
NA ESCOLA PARTICIPADA

VOLUME II

OBSERVAÇÃO
DIRECTA

ÉVORA -1998

RELATÓRIO
OBSERVAÇÃO DIRECTA
10 DE ABRIL DE 1997

A escola situa-se na periferia da cidade; embora seja um edifício relativamente antigo, apresenta um razoável estado de conservação e encontra-se envolvido por um espaço arborizado de grande beleza, distinguindo-se claramente das outras escolas da cidade, que por serem de construção mais recente, são de uma tipologia completamente diversa e os espaços verdes envolventes são menos frondosos, porque mais jovens.

CO-Pessoalmente, apreciei imenso a envolvência verdejante da escola. Embora pudesse ser mais cuidada, cedo me apercebi que os recursos humanos para fazer tal manutenção, não são detidos pela mesma.

Hoje ao entrar, a funcionária da portaria cumprimentou-me, um gesto agradável que é significativo.... É um sinal claro de que sou bem recebido naquela escola e já relativamente aceite como observador externo.

Dirigi-me directamente ao gabinete da gestão. O DEX encontrava-se embrenhado nos seus deveres de gestão dos problemas do quotidiano. Eram 10:30 aproximadamente e após os cumprimentos tradicionais, sentei-me num espaço reservado num recanto do amplo gabinete (ver croqui tosco na pág. 16-OD).

CO- Já havia combinado com o DEX que queria passar o mais discreto possível nesta tarefa de observação, pelo que era num recanto do gabinete, quase atrás de um armário que me sentava, sobretudo quando havia pessoas em atendimento no gabinete. Quando só estavam os elementos do órgão de gestão, por vezes deambulava um pouco pelo gabinete.

O Professor que entrara, entretanto, colocava um problema complexo, ligado aos exames do 12º ano: tratava-se de um assunto situado aparentemente numa zona de indefinição normativa, uma eventual lacuna da lei, pelo que poderiam ser aceites várias interpretações. O DEX, fumador inveterado, estava vestido de forma impecável, que cumulativamente com uma barba cuidada, lhe conferia um ar respeitável de gestor profissional, que não é usual encontrar nas escolas portuguesas. Depois de atentamente ouvir o docente, consultou a legislação e prometeu analisar (estudar) a situação exposta, pois admitiu que não era linear, revelando muita prudência e maturidade no enfrentar destas situações complexas.

Uma das adjuntas estava numa secretária lateral envolvida (concentrada) com a concepção do processo das provas globais do 3º ciclo e do ensino secundário.

CO -A disposição do gabinete pode ser observada no croqui esboçado na pág. 16-OD.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Poucos instantes após o anterior professor se ter ausentado, novo professor entrou e colocou um problema relacionado com a gestão dos recursos materiais, para a consecussão de determinada actividade do plano de actividades. O Dex prontamente desbloqueou a situação com vista à urgente aquisição dos materiais solicitados, dando indicações a um funcionário dos serviços administrativos, que entretanto mandara chamar. Revelando uma grande eficácia, são bem patentes os múltiplos anos de experiências no domínio das relações humanas.

CO -Por vezes fiquei um pouco com a sensação (que não posso comprovar) que a minha presença, nomeadamente a minha função inspectiva na IGE, teve uma certa influência na postura do Dex durante os dias que o observei. Embora tenha pedido ao Dex e ao PrCE que, se possível, se omitisse a minha condição de Inspector, penso que no caso vertente poderia ter tido algum peso.

O Dex é ininterruptamente solicitado para resolver múltiplos e diversificados problemas, quer das pessoas que sucessivamente se apresentam no gabinete, quer os colocados via telefone do interior e do exterior da escola.

O telefone toca regularmente. Alguns problemas relacionam-se com o processo de exames que está na ordem do dia. Outros com as provas globais internas da escola. Ficou para mim claro que estas são as prioridades da escola nesta fase do desenvolvimento do ano lectivo.

Num momento de pausa de atendimento, o Dex começou a preparar a documentação a apresentar num CP alargado a todos os

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

delegados de grupo, a realizar na próxima 3ª feira. Muitos dos assuntos pareceram-me relacionados com as provas globais do 3º ciclo e do ensino secundário (preparação do processo de elaboração das provas e circuitos de reprodução e sigilo).

Tratava-se, para além de preparar a documentação essencial para tal processo fundamental ligado à avaliação, de criar um sistema de comunicação (circulação de informação) funcional, com os delegados e destes com os professores.

Entretanto 2 professores entraram no gabinete interpelando o Dex porque tinham aula ao mesmo tempo da reunião do CP alargado; o Dex prontamente tentou solucionar o problema dos docentes: primeiro perguntou se poderiam prescindir das aulas porque justificaria as respectivas faltas. No entanto, os professores não se mostraram muito disponíveis para faltar, porque faziam questão em cumprir os programas. O Dex procurou então uma solução de compromisso: destacou a importância estratégica de todos os delegados estarem presentes nessa reunião do CP, embora reconhecesse que as aulas eram essenciais (sobretudo as do 12º ano) nesta recta final do ano lectivo.

Noutro (escasso) momento de pausa entre atendimentos, deambulei um pouco pelo gabinete e preendi a minha atenção nos placards de informação. Nesses espaços encontrava-se afixada a planificação para o encerramento do ano lectivo: a complexa articulação entre as provas globais, o 3º momento de avaliação e as inerentes reuniões dos CT, bem como os calendários das várias fases e chamadas dos exames nacionais.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Estes placards deixavam transparecer com clareza que este gabinete tinha uma visão estratégica para a escola, naquele momento: a avaliação e os exames.

Era evidente a imagem de liderança que o Dex deixava transparecer, quase freneticamente a receber pessoas, docentes e não docentes, atender o telefone, interpelar as adjuntas. Tal imagem, não pareceu forçada, ou encenada... tratava-se realmente da gestão do quotidiano.

Vestiu o casaco, e impecavelmente vestido, como aliás é seu estilo, pede desculpa e retirou-se para o gabinete anexo ao do DEX, porque lhe tinham acabado de anunciar da portaria que vinha a dirigir-se para o gabinete da gestão uma jornalista de uma rádio local que pretendia uma entrevista.

CO - Não me chegou a contar o objectivo da entrevista, pelo que não posso fazer qualquer referência ao seu conteúdo, por o desconhecer completamente.

Entretanto, a minha atenção concentrou-se nas Adj do Dex que, em equipa, procediam à distribuição de serviço docente no domínio das provas globais; tentavam conciliar as aulas, as reuniões de avaliação do 12º ano, com as datas e os grupos disciplinares dos professores.

Este trabalho moroso e complexo que acontece nesta fase de encerramento do ano, nas escolas secundárias, poderia ser desempenhado por grupos ou comissões de professores que apoiariam o Dex; porém, nesta matéria a centralização na gestão é notória.

Um funcionário administrativo veio enviar um fax ao gabinete do Dex, pois o único aparelho de telefax existente na escola, está aqui, perto da secretária do Dex... sendo um pouco absurdo em termos práticos, poderemos interpretar este facto de modo a equiparar tal aparelho, como uma fonte de informação urgente, e portanto de poder; no entanto, numa organização complexa, não é funcional, nem prática esta opção da gestão.

Alguns professores procuram o Dex... é evidente o papel de charneira e a dinâmica de liderança desenvolvida pelo Dex nesta organização educativa. Toda a vida organizativa da escola gravita em torno do seu carisma, sendo as Adj satélites em torno da sua figura. Esta imagem heliocêntrica, incontida no discurso do Dex é constatável e aceite pelas práticas de gestão do quotidiano.

A porta do gabinete de gestão está normalmente fechada, mas o acesso é bastante livre: basta tocar uma campainha e, normalmente, o trinco eléctrico dispara com o som característico e surgem, poucos instantes depois, as pessoas que desejam contactar com o Dex (normalmente são professores).

CO - Na verdade o acesso é livre para os professores, mas sê-lo-á igualmente para outros elementos da ComEdu? Não é linear a extrapulação, pois do observado registei que são quase sempre professores e funcionários administrativos que interagem com regularidade com o DEX... é aqui, claramente, que reside parte do seu poder e aceitação na escola, sendo certo que o cordial clima de relações humanas na escola propicia um bom clima de escola.

O DEX não sai do gabinete, raramente o vi mesmo deslocar-se ao bufete.

Não parece existir hora marcada de despacho com os funcionários da secretaria, nem sequer que seja só o CSAE a interagir com o gabinete do DEX, porque com frequência, sucedem-se entradas de diferentes funcionários, através de uma porta de ligação entre estes serviços e o gabinete da gestão (ver pág. 16). O Dex assina, analisa, decide, corrige e dá sucintos despachos.

CO - Este frenesim de interrupções, a que o DEX está habituado, pois não o perturba minimamente, cria uma imagem de desorganização administrativa que me surpreendeu completamente, pois do perfil deste Dex, apostaria numa prática de organização muito bem articulada, mais de acordo com o seu discurso.

Um professor veio colocar um problema relacionado com o CP, relativamente à disciplina de Língua Portuguesa, a qual deveria ser objecto de permanente testagem e com real impacto na avaliação dos alunos. O docente referiu que parece existir alguma dificuldade de comunicação entre o CP e os docentes, e interrogou-se se a maior parte dos docentes da escola está preparada para tal empenhamento... recorda-se de, ainda recentemente, ter apagado, na escola, quadros cheios de erros ortográficos...

O Dex referiu laconicamente que, o que o CP decidiu, devia ser cumprido por todos os professores da escola.

CO - É cómodo para a gestão, quando se pretende impor uma prática com a qual se concorda, referir que se deve cumprir o que o CP decidiu, mesmo que não seja exequível, mas por outro lado se não se concorda, desvaloriza-se o poder do CP, e diz-se que este nada decide, apenas propõe.

Aparentemente, a gestão desta escola pugna pela organização... nada parece ser deixado ao acaso!

A jornalista pretendeu tirar uma fotografia ao Dex na sua secretária... numa pose de executivo, de caneta de tinta permanente na mão direita e com a esquerda sobre alguns documentos. O Dex apresentou um sorriso expressivo e distinto que nem alguns gracejos dos presentes fizeram desvanecer. Realmente o Dex tem algumas preocupações com a sua imagem.

A entrevista seguinte era ao Presidente da AE, que como estava em aulas, foi chamado para o efeito... embora desconhecendo o conteúdo das entrevista, registei que a comunicação social também pretendeu ouvir a voz dos alunos.

Assumidamente, o Dex é o cerne da gestão, o seu papel de órgão unipessoal é claramente assumido. Quando um ou outro docente veio ao gabinete, enquanto o Dex estava a conceder a entrevista, ouviram sempre uma resposta uniforme das adjuntas que trabalhavam em equipa: "o (nome do Dex) está em reunião"... frequentemente os docentes não apresentavam o seu problema e retorquiam que regressariam mais tarde.

CO - Curiosamente as Adjuntas, já habituadas a tal comportamento, nem procuravam indagar se seria algo que poderiam resolver, pelo que aceitavam, com naturalidade, o papel técnico de apoio ao Dex.

O frenesim mantinha-se naquele gabinete: um docente havia-se esquecido de estar presente num conselho disciplinar, um outro queria um determinado impresso com a máxima urgência, o telefone tocava regularmente...

Apesar de aberto a interagir com a Comunidade (a entrevista foi uma prova real dessa interacção) era com os docentes que tal interacção acontecia com regularidade que poderíamos classificar de permanente.

Entretanto, entrou o Pr do CE para fazer um telefonema particular... depois de me cumprimentar referiu que os livros de acta do CE continuavam à disposição para esta investigação; porém, a presença nas reuniões do CE é que estava fora de causa porque já haviam recusado a um mestrando tal observação directa. Despediu-se dizendo: "tenho de ir dar uma aula. Dar não... vender!"

CO - Observando esta dinâmica quase frenética que o Dex e suas Adj. vivem, questionei-me a determinado momento: Será esta a dinâmica usual, ou existe algum efeito indutivo decorrente da minha presença?

Foi notório que o Dex não dá apenas atenção aos docentes. Observei que quando o Pr da AE veio da entrevista, o Dex aproveitou a sua

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

presença no gabinete para para lhe perguntar sobre um cheque a que alegadamente faltaria o selo branco; como o aluno não sabia se o Tesoureiro da AE já havia levantado o cheque, ou se teve problemas com o seu levantamento, ficou de, posteriormente, dizer alguma coisa.

Também um funcionário (pareceu-me um Guarda Nocturno) que preparava as salas para as reuniões entre os EE de cada turma e o respectivo DT, a fim de serem entregues as classificações atribuídas no 2º período, foi prontamente recebido para ser esclarecido sobre um pormenor ligado aos horários de tais reuniões.

Num momento de pausa entre estes sucessivos atendimentos o Dex começou a trabalhar sobre alguns documentos que tinha sobre a sua secretária a aguardar despacho, começando literalmente a “pensar em voz alta” sobre um problema disciplinar pendente, relativo a alunos. Estabeleceu-se, de seguida, uma esporádica interacção com a Adj do Dex que o apoia na matéria de alunos. A referida Adj, através do recurso a um dossier de horários docentes que retirou de uma gaveta, ajudou-o a definir uma boa opção (dia e hora) para a convocatória de um Conselho de Turma Disciplinar.

A planificação detalhada das reuniões (3º momento de avaliação) estava também a ser gizada por outra das Adj, em conformidade com o calendário aprovado no CP. Uma das grandes dificuldades referidas pelas Adj que por vezes trocavam impressões, foi a extrema dificuldade de articular o final das actividades lectivas, as provas globais, as reuniões do 12º ano e a preparação dos exames nacionais.

Vários professores sucederam-se a colocar diversos problemas e a perguntarem opiniões. O Dex tem dificuldade em corresponder ao ritmo verdadeiramente alucinante com que é "bombardeado", à diversidade de problemas, à natureza delicada e complexa de alguns. Só para um observador atento e persistente é perceptível a celeridade e a complexidade de toda a problemática que envolve a vivência quotidiana de um Dex com perfil de líder.

Com a chegada de um novo professor, um problema relativo a transferência de equipamento é colocado ao Dex. Este solicita de imediato uma ligação telefónica para a escola secundária envolvida na transferência. Quando se identifica, o colega que o atende não está a "ver" exactamente a pessoa, pelo que o Dex para ajudar a sua identificação diz: "Sou o mesmo" (sorrindo--isto, para mim, quis significar que há longos anos ocupa o cargo). Entretanto passa o telefone ao professor que apresentou o problema.

Este professor, é de Física e Química e é orientador de estágio. Pretende transferir equipamento encaixotado existente na outra escola e sem uso. Foi de imediato marcada uma deslocação deste colega à outra escola (situada a 100Km de distância). O professor de Física mostrou total disponibilidade, mas não se preocupou com a questão das inerentes despesas de deslocação.

CO - Um velho dilema brotou no meu espírito reflexivo. Por um lado deixar os outros resolver os problemas é correcto, mas não se pode atribuir liberdade total, nomeadamente, este professor esqueceu-se que aquela deslocação poderá custar 15 contos à escola. A arte de

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

bem gerir aqui talvez merecesse que o Dex aceitasse, mas mostrasse a consequência do que havia sido acordado sem a sua autorização. Porém o Dex não se preocupou com isto... talvez a escola não tenha problemas financeiros...

Chega entretanto outra colega de ITI para reflectir com o Dex sobre a ligação da escola à Internet a fim de "navegar e surfar" neste novo ambiente de aldeia global. Um grupo informal, de imediato se colocou a analisar o problema da linha telefónica (orientador de estágio, profª de ITI, Dex e o CSAE, entretanto chamado a esclarecer o "mistério" da linha telefónica desactivada do antigo Projecto Minerva.

CO - É gratificante quando se vê uma escola em que todas as partes envolvidas estão para ajudar a resolver problemas e não para os complexar e quase os transformar em insolúveis... tirei o chapéu a este Dex que tem recursos humanos que permitem esta interacção.

Um fax da DRE sobre a rede escolar (97/98), cativa de imediato a atenção do Dex , consciente da importância estratégica de tal reunião da Rede.

Eram 12:30 e, de forma mais ou menos pontual, todos os 3 elementos do gabinete do Dex iniciaram os preparativos para irem almoçar.

O Dex perguntou-me onde é que eu ía almoçar, oferecendo-se para me acompanhar... o ambiente foi informal e falou-se de coisas colaterais à investigação que não cabe aqui desenvolver...

CO - Não tenho a menor dúvida que a atitude colaboradora e de apoio deste gestor foi determinante para o sucesso de muitos momentos de recolha de dados.

TARDE

Iniciei a observação na mesma posição discreta que tenho ocupado durante o dia. Notei quase de imediato que a tarde é significativamente mais calma. Foi possível ver os 3 elementos da gestão a trabalharem realmente em equipa, coisa que durante a manhã, com o fluxo de interrupções foi praticamente impossível.

O Dex chamou o Encarregado de Pessoal AAE para ser informado do horário das reuniões entre os DT e os EE (reuniões de Pais, em horas pós-laborais). Como a escola não está aberta à noite, estas reuniões carecem de escalas de pessoal para assegurarem apoios diversos. Notei a preocupação do Dex de ter tudo planeado, a fim dos (eventualmente escassos) pais que compareçam tenham uma recepção adequada.

CO - Será que vêm muitos Pais? Previsivelmente não, uma vez que a participação é diminuta... e apesar do Dex ter essa expectativa não deixa de procurar receber bem os Pais.

Entretanto uma professora de Química resolvia com uma das Adj, algumas questões práticas (a nível laboratorial e no domínio da preparação de soluções e precipitados).

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Quando a colega saiu, os três elementos da gestão continuaram a trabalhar em conjunto procedendo à análise e revisão do trabalho desenvolvido de manhã pelas Adj, no domínio das provas globais (3º ciclo e ens. secundário), avaliação (3º momento de avaliação), exames nacionais e matrículas.

O ritmo de trabalho de tarde é significativamente diferente do matinal. Existem muito menos interrupções e efectivamente há condições de trabalho para o exercício da gestão.

Ficou patente ao fim do dia de trabalho, que não há hora de despacho, o Dex vai produzindo os ofícios e lendo a correspondência quando tem oportunidade, possibilitando assim uma disponibilidade quase total para atender tudo e todos.

CO - Interroguei-me, pessoalmente, se este estilo de gestão é o mais eficaz, porém parece que as pessoas gostam, do estilo "porta aberta"; pedagogicamente pode ser uma forma agradável de trabalhar, no ponto de vista funcional de serviço público, a gestão pareceu-me mais amadora do que estaria à espera, face à longa experiência de gestão e ao discurso do Dex, sobre a eficácia e a qualidade.

De vez em quando entra o CSAE e sai e volta a entrar. Depois aparece um funcionário da secretaria com um ofício para o Dex assinar. Mais tarde vem um outro com uma ordem de serviço para assinar... parece-me que o Dex "pega e larga", saltitando de assunto. Para o fim da tarde o Dex chamou um funcionário dos Serviços Administrativos para lhe entregar o material preparado pelas Adj, a fim de este elaborar o mapa com a distribuição de serviço para as

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
provas globais e as vigilâncias.

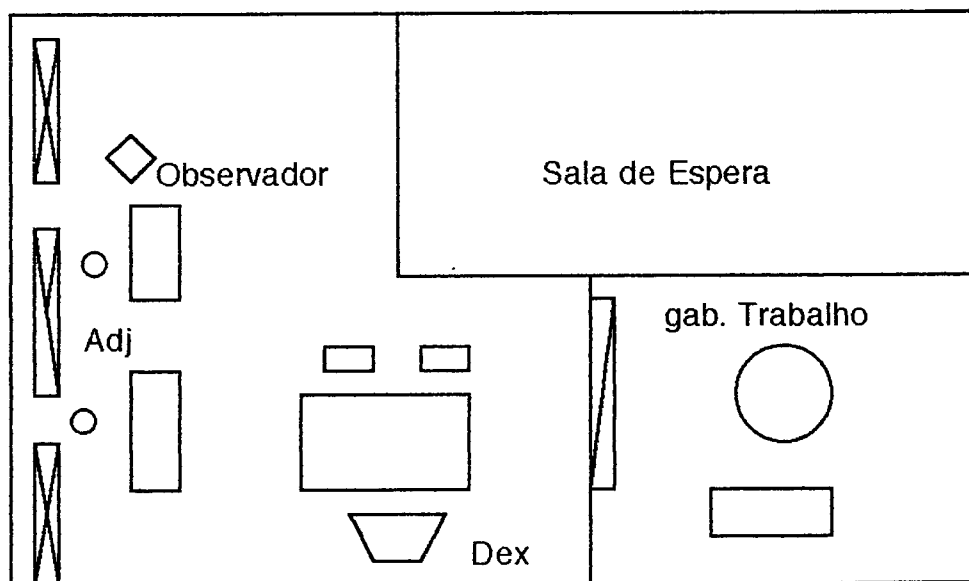
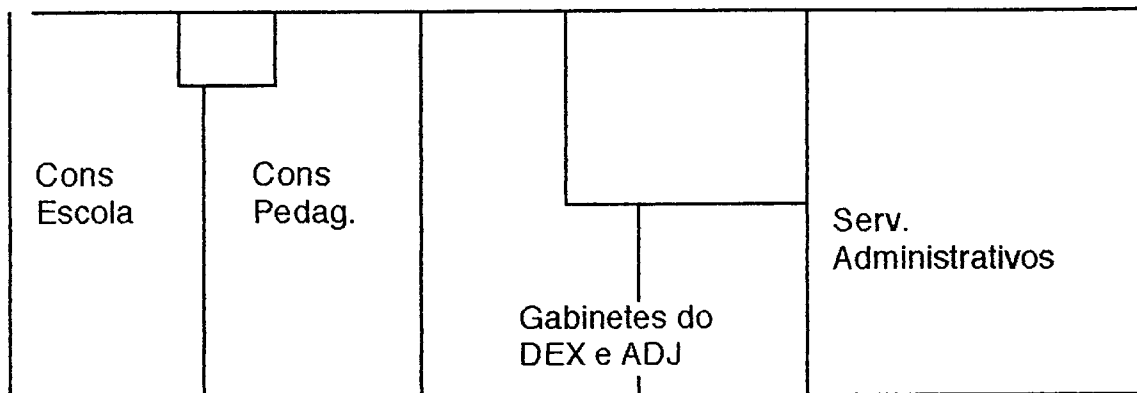
CO - Saí às 16h50 surpreendido com alguns pormenores da gestão, pois à priori julgá-la-ia mais profissional, mas com a convicção que também esta pode ser uma gestão com um estilo adaptado ao que as pessoas (leia-se professores) querem...- isto é, não está provado que o que o corpo dominante da escola (os professores) querem, seja uma gestão eficaz, pois isso poderá a curto prazo ser mais exigente relativamente aos seus desempenhos.

Termino com uma nota de rodapé: Às 16h05 uma aluna pediu para entrar (devia ser aluna de uma das Adj) e dirigindo-se a esta perguntou em voz alta: "alguém perdeu um olho?"... momentaneamente todos ficámos com uma cara de incompreensão sobre a frase, talvez porque se vivia um momento de rara concentração em actos de gestão pedagógica . De repente, levantando um frasco que trazia, mostrou um olho de carneiro que estava a ser dissecado na aula de TLB.

Registei este momento curioso, porque creio que espelha uma relação descontraída que esta gestão tem com a escola.

Na página seguinte esbocei as zonas onde procedi à observação

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
ZONA DA GESTÃO - CORREDOR ONDE SE ENCONTRAM OS PRINCIPAIS ÓRGÃOS DA ESCOLA



EM BAIXO ENCONTRA-SE A ZONA DA GESTÃO - DEX
 GABINETE PRINCIPAL E GAB. DE APOIO
 (assinala-se o local em que preferencialmente o observador
 se posicionou ao longo da observação)

RELATÓRIO
OBSERVAÇÃO DIRECTA
DIA 11 DE ABRIL

Iniciei a observação pelas 10h 10min.

Hoje o Dex não se encontra na escola... por motivos pessoais teve que se deslocar a uma escola de uma outra cidade, previsivelmente só durante a manhã.

Pelo que me apercebi era suposto ser substituído por uma das Adj.

Na realidade, na maioria dos casos os assuntos não eram decididos; os problemas e os seus portadores são remetidos para a tarde quando se esperava que o Dex já estivesse. O gabinete de gestão fica claramente mais calmo e sem grande movimento.

A única Adj presente (a outra está em aula toda amanhã) continua a trabalhar no processo de realização das provas globais, especificamente, na distribuição de serviço, tentando conciliar as aulas que ainda se desenvolvem, o interesse dos professores, as necessidades da escola...

Notei que foram criados grupos de trabalho para coordenarem os exames e as provas globais, no entanto não colaboram no processo organizativo da distribuição de serviço.

CO - Tendo em consideração que para a escola é cada vez mais reivindicada uma maior autonomia, não se compreende (aparentemente) porque é que todas estas tarefas burocráticas, sem

qualquer interesse estratégico para a gestão são desempenhadas pela gestão... as quais poderiam ser apenas controladas e delegadas noutros, a competência e a responsabilidade de decisão. Parece que o Dex, apesar do discurso aberto, concentra o poder em si e nas Adj em quem confia inteiramente.

Decidi dar uma volta pela escola, uma vez que o clima no gabinete da gestão estava monótono. Todo o processo ensino aprendizagem decorria com serenidade. Obviamente, as escolas têm estruturas montadas que funcionam quase automaticamente... isto é, fora do gabinete da gestão não se notava a ausência do Dex.

CO - Afinal as escolas não funcionam só sem CE... funcionam até sem Dex (sem gestão!)

Para quem calmamente percorre os corredores desta escola antiga, transparece um clima de organização e ordem. A azáfama que presenciei ontem na gestão, não se reflecte no ambiente da escola. Os jovens alegres e em grupo seguem o normal ritmo das actividades lectivas (aos intervalos barulhentos, sucendem-se as aulas e o silêncio volta aos corredores).

Passei pelo bufete... tomei um café e troquei umas palavras de ocasião com funcionários... já me conhecem e gostam de ser correctos e agradáveis. Alguns alunos estão pelo bar, possivelmente estão em "feriado".

CO - Uma questão aflorou o meu espírito: será que quando a engrenagem das escola está montada, o papel da gestão se atenua ao ponto de quase ser dispensável? E a inovação? E as opções estratégicas quem as toma? Quem lidera estes processos?

Voltei ao gabinete da gestão, mantive umas breves palavras com a Adj que estava sózinha e perguntei se tinha acontecido alguma novidade. Parece que tudo estava calmíssimo.

Deixei-a concentrada no seu trabalho e aguardei o “movimento”.

A questão que mais se sucedia era quase unânime: “Estás sózinha? O (nome do Dex) não está?”

Na esmagadora maioria dos casos, ao saberem que o Dex não está (pelo menos de manhã) as respostas são “Então deixa, eu volto depois” ou então “Diz-lhe que eu ligo-lhe à tarde”.

Foi muito interessante observar o gabinete sem a presença do Dex. O contraste foi evidente, a afluência manteve-se igual à anterior manhã, mas os casos não eram expostos, a resolução dos problemas na maioria das vezes era adiada...

A Adj chamou um delegado de turma (aluno) para enviar uma informação importante à turma... curiosa forma de proceder, pois normalmente é a via DT a privilegiada.

Apenas um tipo de questões são objecto de resposta imediata pela Adj, parecendo confirmar-se que esta Adj tem informalmente delegadas competências nesse domínio: as provas globais. Neste domínio, a Adj presente dá respostas esclarecedoras, pois tem trabalhado nos últimos dias sobre esta matéria.

Num momento de acalmia procurei o CSAE (cerca da 11h30); após me terem dito que tinha ido ao bar, e no bar dizerem-me que tinha lá estado, mas tinha saído há muito, concluí, após algumas pesquisas que ninguém sabia dele.

CO - Lembrei-me da máxima popular : "patrão fora, dia santo na loja".

O dia, aparentemente menos rico em acontecimentos, permitiu-me, com clareza, desocultar esta faceta da postura do DEX na escola. Nota-se um nítido contraste entre a presença do Dex em que se manifesta a força da sua liderança e a sua ausência, pois parece que a maioria das questões (quentes) são adiadas.

Não parece abusivo concluir que o Dex é o cerne da gestão deste estabelecimento de ensino, assumindo-se como órgão unipessoal de gestão e líder desta organização.

Num destes momentos "mortos", em que ninguém interrompia a Adj, que trabalhava sobre documentos pendentes, anotei o seguinte: Ela está concentrada no seu trabalho ... talvez não saiba como interagir comigo na ausência do Dex. Este docente sempre foi o meu elo de ligação privilegiado dentro da escola. Este facto não foi por acaso... cedo me apercebi que este era o polo estratégico a analisar pelo seu perfil de líder aceite na escola... a observação de hoje é bastante demonstrativa de como ele é o verdadeiro motor da dinâmica desta escola.

Propositadamente não quebrei alguns dos longos silêncios que assolavam hoje o gabinete da gestão... até o próprio telefone não

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

tocava... eventualmente porque a funcionária (bastante eficiente) da central telefónica deveria informar, quem telefonava, que o Dex não está na escola... optando as pessoas, tal como as que aqui vão chegando, por adiar a colocação dos problemas.

Surgiu o Pr do CE aproveitando esse acontecimento para recentrar a minha atenção. Troquei algumas impressões com este responsável pelo órgão de direcção da escola, sobre a evolução do "NMG" e este docente não me pareceu muito preocupado com o teor do ofício circular 10/97 da DRE, sobre a evolução do impasse que se vive nestas escolas experimentadoras do DL 172/91.

A sua postura resume-se ao seguinte: "Aguardo instruções".

Não revelou preocupação em convocar o CE. A escola, nomeadamente o CE, parece não ter ainda definida uma ideia correcta, mas é com alguma apatia que o ouvi expressar-se sobre o desenvolvimento dos acontecimentos... como se o essencial fosse apenas a gestão corrente da escola e essa está assegurada pelo Dex. Referiu que se aguardava serenamente o "enterro" do modelo, uma vez que o "modelo morreu"!

A ausência do Dex provoca realmente pouca afluência ao gabinete da gestão; durante as primeiras horas muita gente chegou ao gabinete, embora frequentemente não partilhasse o problema que trazia com a Adj presente. Com o passar das horas, possivelmente, a notícia circulou por entre os professores, donde a "procura" de soluções junto do gabinete baixou significativamente.

O contraste com o dia anterior era evidente.

O Dex. é essencial para o normal funcionamento da escola, nota-se (talvez em demasia) a sua ausência.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Os funcionários e os professores, progressivamente conformados com a ausência do Dex, deixaram quase completamente de o procurar no gabinete.

Olhei para a cadeira do Dex, estofada de negro, elegante, confortável, enfim uma cadeira de executivo, contrastando com as duas cadeiras de madeira à frente da sua secretária... onde se senta quem vem falar com o Dex.

Pensei: "O poder não está na escola. Só a sua sombra"

A organização dos placards à esquerda quando se entra no gabinete, demonstrava que esta equipa costuma pensar as opções que toma. Passei os olhos cuidadosamente sobre os inúmeros dossiers que repousavam nos armários e que espelham uma tentativa de organização interna (bastante conseguida, aliás).

"O Dex não está? Ah, de manhã, não!... Bom dia, obrigado."

Às 12h 30 a Adj sai, despede-se de mim e diz que não voltará de tarde (era 6ª feira), mas que a outra Adj estaria ... desejou-me um bom fim de semana...

Fiquei mais um pouco. No silêncio do gabinete percebi perfeitamente que tinha chegado a minha hora de almoço. Caso o Dex não viesse de tarde não seria produtivo permanecer mais tempo na escola.

Voltei cerca ds 14h e 15 e ainda não se encontrava ninguém no gabinete da gestão.... eu tinha ordem de entrar (excepcional, porque me apercebi que ninguém entra no gabinete da gestão sem o Dex ou sem as suas Adj presentes).

O Dex não voltaria à tarde, previsivelmente porque já se ultrapassara a hora a que ele normalmente chegava. Certamente os afazeres que o levaram a sair o retiveram para a tarde.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Sentei-me pacientemente aguardando no silêncio do (agora) calmo gabinete a chegada, eventual, da outra Adj que estivera a dar aulas de manhã. Às 14h30 chegou a colega que depois dos naturais cumprimentos detectou a presença de um fax que certamente chegara durante a hora de almoço.

O fax era um convite da CM que convidava o Dex e o PrCE para estarem presente numa sessão protocolar, amanhã (sábado).

Era urgente comunicar este facto ao PrCE, pelo que de imediato procurei entrar em contacto com este e transmitir-lhe o teor do fax. O PrCE não podia comparecer na cerimónia, pois já tinha um compromisso. Referiu que iria delegar em alguém (outro elemento do CE que não consegui captar o nome).

A preocupação da escola se fazer representar ficou para mim bem patente, por indisponibilidade do PrCE outro docente da direcção substitui-lo-á.

Pouco mais tarde o professor indicado pelo PrCE transmitia telefonicamente que iria em representação do CE.

Como o Dex não voltaria despedi-me da Adj, tendo-lhe perguntado apenas se naquela representação da escola era ela que substitua o Dex, ao que esta respondeu prontamente que não, pois hoje à noite entraria em contacto com o Dex e transmitiria a este o teor do Fax.

Curiosamente enquanto me despedia, dois professores chegaram com diferença de escassos segundos e por mero acaso fizeram a mesma pergunta:

“O nosso chefe não está hoje à tarde?”

Não colocaram problemas e referiram ao despedir-se que voltavam na 2ª feira.

CO - O dia de observação havia terminado mais cedo para mim, pois sem o Dex, o interesse havia-se esgotado rapidamente. No entanto uma conclusão tirei, de extrema importância. O discurso retórico da descentralização e da autonomia... não parece aplicar-se internamente, pois ficou patente que as Adj não possuíam competências delegadas, nem foram incentivadas a decidir na ausência do Dex. Permito-me pensar o que seria desta escola se subitamente o Dex se demitisse. Aliás já o fez, porém reconsiderou e aceitou a nomeação.

Nota: Durante todo o fim de semana tentei reconstituir os diálogos e os dados que observei, incluindo alguns comentários de observador a propósito do observado.

RELATÓRIO
OBSERVAÇÃO DIRECTA
DIA 14 DE ABRIL

Ao chegar à escola, entrei directamente pela ala que conduzia ao gabinete do Dex. Eram cerca das 9h35. Fui encontrar o Dex a despachar com o CSAE, uma vez não havia estado na 6ª feira passada, pelo que possivelmente havia-se acumulado um certo volume de documentação para despacho. Durante aproximadamente 1 hora, na sua secretária habitual, com o CSAE diante de si, com poucas interrupções, o Dex assinou documentos, tomou decisões correntes, rascunhou minutas de ofícios para seguir no próximo dia,

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada como resposta a outros recebidos.

Poucas interacções estabeleceu com a Adj presente, decidia normalmente sózinho, por vezes auscultando a opinião do CSAE.

Pelas 10h30, aproximadamente, após este momento de despacho, convidou-me para tomar uma "bica". Fomos até ao bufete da escola, com conversas de circunstância.

No átrio encontrámos um colega (CL) que se encontra a fazer um mestrado na UM (dissertação) que teve a atenção de perguntar como ía a minha investigação... chegou mesmo a aconselhar-me determinados livros (bibliografia aplicada à minha temática que já conhecia por anteriores contactos), um deles em especial que existia na biblioteca desta escola.

Mesmo pelo caminho que nunca é descrito regularmente o Dex vai parando, contactando pessoas (sobretudo professores); usualmente são elas que o abordam e logo ali, em determinado corredor, lhe colocam pequenos problemas que pretendem resolver com celeridade, pois normalmente se articulam com o processo de realização das provas globais.

Depois do café fomos à biblioteca, pois como eu não sabia onde era, o Dex teve a amabilidade de me acompanhar... curiosamente o Dex pensava que eu conhecia a escola, mas na verdade nunca ninguém me havia conduzido numa visita guiada à escola.

Nunca tinha estado na biblioteca. É um espaço acolhedor e agradável.

Só lá se encontrava um aluno que o Dex foi cumprimentar na mesa e inteirar-se o que estudava.

CO - Atitude curiosa a do Dex, pois revela uma "costela" pedagógica (de docente), de que nunca se abdica mesmo desligado há 5 anos das actividades lectivas.

Dirigimo-nos à funcionária e procurámos o livro que me foi recomendado. Foi-me concedida a possibilidade de o requisitar... só o entreguei a 22 de Abril.

O Dex aproveitou a ocasião para informar a funcionária da biblioteca que iriam ali (na biblioteca) acontecer algumas obras para modificar o visual e a funcionalidade da biblioteca.

Era claro, para mim, que o Dex gostava de dialogar com os diversos actores da escola (professores, alunos e funcionários).

De regresso ao gabinete, pelas 11h05... recebeu um telefonema que, curiosamente, o Dex remeteu para um determinado colega, uma vez que só ele sabia, porque havia delegado nele capacidade para o resolver, e não tinha de momento feed-back sobre o assunto.

CO - Teria mesmo delegado? Ou seria um adiar de um problema? Na verdade não é muito do estilo de liderança deste Dex delegar competências em alguém para resolver problemas... basta ver a relativa falta de autonomia que limita as próprias Adj.

Pelas 11h15 surge uma funcionária dos SA que coloca algumas dúvidas sobre o software informático para os exames (Enes); entretanto surgiu ainda o CSAE com um ofício já pronto para seguir, era só... assinar. Nesta afluência invulgar de funcionários surge outra

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

que não percebia umas palavras de um ofício esboçado em manuscrito, que estava a "bater à máquina". A não existência de hora de despacho parece provocar, por vezes, alguma confusão no gabinete do Dex...

O gabinete retomou a dinâmica da passada 5ª feira (que nada tinha a ver com a de 6ª quando o Dex não veio ao serviço).

Um professor (pelas 11h30) colocava ao Dex um problema de um aluno que vivia uma situação delicada, tratava-se de uma criança carenciada, com graves problemas familiares, que não era subsidiada... pede a intervenção do CE.

Um professor do 1º grupo (matemática) entra no gabinete para pedir o livro de actas do grupo... o que significa que os grupos continuam a reunir regularmente apesar da existência de departamento; a cultura dos grupos disciplinares suplanta significativamente a dos departamentos.

CO - Notei que as Adj estavam presentes resolvendo em conjunto assuntos conectados com as provas globais e com as respectivas vigilâncias ... parece que não criaram qualquer equipa para resolver (ou apoiar) o órgão de gestão em tal matéria.

Nessa tarefa de distribuição de serviço de vigilância de provas globais, vão encontrando choques entre a distribuição que esboçam e as aulas que ainda decorrerão nessa altura...

O Dex continua a atender o professor que coloca o problema do aluno carenciado... procurando resolver o problema.

Uma nova professora chega e senta-se na cadeira livre diante do Dex

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada (não lhe vejo o rosto) parece aguardar a sua vez.

O Dex começa a atender ambos simultaneamente: ao 1º pede para lhe apresentar a situação, resumidamente, por escrito através de uma pequena exposição dirigida ao Dex. Esta exposição teria, então, o devido tratamento formal, sendo talvez possível a escola ajudar.

Enquanto este professor escrevia a exposição-síntese, o Dex começou a falar com outra colega (reconheci entretanto que era a Pr do CP--do meu local de observação, via a professora de costas e não a reconheci de imediato--); esta vinha aferir alguns pormenores com o Dex para a reunião do CP (alargado), isto é, com a usual composição mais todos os delegados de grupo/disciplina existentes na escola, que se realizava hoje pelas 16h00. Tratava-se de decidir entre ambos, quem falava sobre o quê... parecia que a reunião havia sido preparada em conjunto e a Pr CP queria definir as intervenções de cada um, tal preparação final ficou agendada para as 15h00 e a Pr do CP saiu.

Por vezes as Adj interpelavam o Dex (por ex. sobre as reuniões do 12º ano que seriam a 11 de Junho segundo o calendário geral... estas trabalham, sem privacidade, nas secretárias contíguas (poderiam ir para a sala anexa ao gabinete), pelo que estavam permanentemente a ser interrompidas/perturbadas com os assuntos que persistentemente iam sendo colocados ao Dex.

Parece que estão habituadas a trabalhar neste ambiente de entradas e saídas de colegas; noto que ora estão sentadas em cada secretária, ora se levantam e trabalham uma com a outra, ora atendem o telefone, encaminhando os assuntos para o Dex se fosse caso disso (normalmente era), ora chamam delegados de grupo para

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

esclarecimentos sobre as provas globais dos respectivos grupos, ora abrem a porta no interruptor por detrás das suas secretárias... actuam com autonomia neste domínio das provas globais não aguardando normalmente por ordens do Dex.

Raramente acontecem interacções entre o Dex e as suas Adj quando o gabinete "ferve" em actividade quotidiana, por vezes, porém, o Dex pede uma opinião como foi o caso da marcação de uma reunião com a APEE para o dia 16 de Abril para falar sobre as provas globais... As Adj aproveitam e recomendam alguns assuntos para abordar em tal reunião, que embora no seu domínio, será presidida pelo Dex.

CO - No fundo não se trata de uma verdadeira autonomia, mas de uma delegação (informal) de competências, pois continuará a ser o Dex a representar a gestão nessa interacção com os pais, avocando tal competência e remetendo, assim, as Adj para a função de meras ajudantes, sem competências específicas.

Dois dos assuntos que retive foram os seguintes: Transferência de alunos do agrupamento 2 para realização de provas globais em algumas disciplinas para outra escola da cidade (GP) e falar sobre determinados apoios em matemática que estavam atrasados. O Dex registou e agradeceu os contributos, referindo que ainda bem que o tinham lembrado, porque não se recordava desses pormenores.

Posteriormente, trocando um olhar com o professor que estava diante de si que já terminara de elaborar a exposição, interrompe o diálogo com as suas Adj e retoma o assunto sobre o aluno carenciado, lendo o que o docente escrevera sobre o referido aluno... concordou com a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

forma, trocou umas impressões com o professor e este saiu, despedindo-se dos colegas.

A azáfama não parava e... como se tivesse alguém que lhe ía marcando sucessivas audiências, surgiu quase de imediato um aluno, acompanhado por um funcionário da secretaria (pelas 11h45). Mais uma situação específica e nada linear... o aluno acabara de regressar à escola vindo do cumprimento do serviço militar obrigatório, e estava "desorientado" se iria ou não ter avaliação no final do 3º período... O Dex, recorrendo à legislação aplicável, explicou detalhadamente ao aluno as diversas opções que poderia tomar, com o respectivo enquadramento legal, no entanto, só o aluno (de maioridade) poderia verdadeiramente optar qual a condição em que se candidata a exame (aluno interno /externo).

CO - 1 - Não desenvolvo aqui a intervenção completa pela especificidade do tema e pela complexidade da sua fundamentação jurídica, pareceu-me que ao observador interessava essencialmente a forma de intervir na escola e não os casos específicos que podem variar muito de situação para situação.

CO - 2 - O Dex revelou que havia estudado o assunto, certamente com o funcionário, presumivelmente da área de alunos, pois sabia em pormenor e citava legislação, o que revelara esse estudo antecipado.

CO - 3 - O Dex revela disponibilidade permanente para receber o professor A, o delegado B, o funcionário C, cada um com os seus

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
problemas específicos. Não sendo uma gestão de porta aberta é uma
gestão de "bate-se e a porta abre-se quase sempre". Não há (neste
gabinete) privacidade, nem tempo para reflexão (sobretudo de
manhã). O contraste entre estar ou não o Dex é flagrante... o papel de
gestor é assumido e vivido em plenitude. O Dex é, efectivamente, um
orgão unipessoal.

Às 12:05 as Adj que continuam em trabalho independente do Dex
sobre as vigilâncias das provas globais, pedem apoio a este por
causa das reuniões dos CT do 12º ano. Propoem que se comecem
essas reuniões a 9/6... mas o Dex habilmente vai conduzindo o
diálogo de forma a concluir que se devia fazer um esforço para
realizar os CT a 11 e 12 de Junho (por causa da "ponte")...
Analisando os prós e os contras, bem como a viabilidade legal e
organizacional optaram, curiosamente numa decisão a três, por não
realizar reuniões a 9, mas apenas a 11/12...

CO- O peso dos interesses dos docentes continua a sobrepor-se a
todos os outros actores, mesmo da burocracia ministerial. O Orgão
de gestão, ainda que não completamente dependente dos
professores, continua, nos momentos decisivos a tomar opções que
não belisquem os interesses do corpo dominante (corpo docente); a
retórica do interesse da organização, sucumbe perante o peso dos
professores na escola. Não é o único exemplo; veja-se que o CE
reune nas horas de expediente porque os professores preferem, ou
quando é necessário discutir qualquer coisa importante...
interrompem-se as aulas!

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Mais uma vez, entra o CSAE, para o Dex assinar mais um ofício para seguir (12:15) ... as Adj aproveitam a oportunidade para esclarecer junto dele alguns pormenores sobre as pautas das provas globais (parece que são incompatíveis com as dos exames, pelo que se têm que fazer uma para as provas globais e outras para os exames, como os alunos são quase os mesmo...)

Pelas 12:30 o ambiente acalma de novo no gabinete ... nota-se que há essa rotina. Chegou a hora que o Dex costuma sair!

CO - A escola sabe e respeita que o Dex tenha um horário administrativo (quase similar ao da Secretaria da escola). Curiosamente esta visão "administrativa" das funções de gestão sobrevive a par da cumplicidade praticada pelo Dex de privilegiar os interesses dos professores dentro da organização como condição básica para deter o poder na escola em harmonia com a clientela dominante.

O Dex e as Adj saíram e eu permaneci mais um pouco para arrumar algumas ideias, transcrever umas notas e anotar alguns comentários de observador que queria não esquecer.

Ao sair para almoçar, já fora da pele de observador, sucedeu encontrar o PrCE , convidei-o para almoçar, mas não podia, pois tinha um compromisso. Curiosamente disse-me: "tenho de ir à cidade"

CO - Curiosa frase esta que considera a escola fora da cidade. Na verdade a escola embora fora das muralhas está perfeitamente inserida na cidade. No entanto, a sua inserção numa zona verde envolvente, confere-lhe um ambiente bucólico, embora os carros estacionados dentro do perímetro da escola, bem como os inúmeros motociclos dos alunos, perturbem tal ambiente campestre. Apesar de bonita, a zona envolvente não tem um planeamento adequado e o seu uso não lhe confere a dignidade que este espaço mereceria.

Voltei cerca das 14h00, não estava ninguém da gestão. Aguardei um pouco até chegar uma das Adj. Conversámos sobre a reunião de logo à tarde (CP alargado), cujo objectivo não tinha compreendido muito bem. Esclareceu-me que tal reunião visava reunir os principais responsáveis pela coordenação dos grupos (CP+Delegados), a fim de transmitir informações sobre o processo de realização de provas globais e exames. O Dex preparou, em conjunto com a PrCP, um "dossier" de instruções/informações para cada Delegado de Grupo/Disciplina e um outro um pouco mais alargado para os Chefes de Departamento.

CO - Os órgãos de gestão intermédios não são potenciados. O Dex e a PrCP não aceitam, ao que parece, delegar nos Chefes de Departamento competências para fazer reuniões sectoriais para esclarecimento dos professores sobre o tema dos exames. A centralização na personagem principal (Dex), com um ar de desconcentração na PrCP, realça que o Dex, tal como quando era

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

PrCD, continua a ser o líder (mais ou menos incontestado) dos professores, os cargos intermédios parecem, assim, ser peças de uma engrenagem que o Dex controla (ou presume que controla) em absoluto, na esperança que a racionalidade absoluta impulse a escola para uma crescente qualidade.

Começaram a chegar entretanto professores para contactarem o Dex, este que acabara de chegar, começou de imediato a receber dois docentes em sequência, resolvendo de imediato (prontamente) pequenas questões que lhe foram apresentadas. Por vezes hesita, por ex. em relação a uma visita de estudo, não sabe se uma das Adj fez os contactos indispensáveis... em geral "sabe tudo", sobre tudo.

CO - Mais uma vez fica espelhada uma certa concentração de poderes dentro da escola, a minha perplexidade decorrente do Dex não saber este pormenor sobre esta visita de estudo, lembra a velha frase feita, "a excepção, confirma a regra".

Pelas 14:45 o Dex e a PrCP começaram a planear a reunião do CP alargado... referindo-se sempre aos delegados de grupo, preparando a sua intervenção nas provas globais. Nunca se referiam aos Chefes de Departamento, nem destacando o seu papel de gestão intermédia... era como se os delegados tivessem funções muito clarificadas no modelo de gestão regido pelo DL 172/91.

Os trabalhos prosseguiam entre os dois elementos (Dex e PrCP), à secretária do Dex (poderia ser numa mesa de trabalho no gabinete anexo), como se este, mesmo na presença da PrCP quisesse marcar

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

a sua condição de gestor, não prescindindo do seu lugar (e da sua cadeira). Aparentemente trabalhava-se em condição de igualdade, porém, o que o Dex diz é “Lei”, limitando-se a Pr CP a anotar.

Um funcionário administrativo interrompe os trabalhos (a secretaria tem uma porta de acesso directa ao gabinete do Dex), colocando um problema (menor) de um aluno; o Dex interrompe a preparação da importante reunião, para atender o funcionário.

A PrCP aguarda a sua vez de reiniciar a preparação, tranquilamente (ou de forma submissa). É notório que toda a dinâmica da escola gira em torno dos horários e dos “timings” de disponibilidade do Dex.

CO - Neste exemplos factuais concretos concluo que continua a existir uma disfunção entre o discurso absolutamente democrático do Dex, e as práticas concretas de actuação. Desde a centralização já aludida, à rigidez da gestão em função dos seus interesses e da sua forma de conceber as coisas. Eventualmente poderia estar a trabalhar com a PrCP, sem estar no seu “altar” (secretária), não permitindo ser interrompido quando acertava com uma das mais altas representantes da escola, no domínio pedagógico.

O funcionário apresentou o problema e uma proposta de solução... O Dex concordou e o funcionário regressa aos serviços administrativos para proceder em conformidade.

A preparação dos trabalhos da reunião prossegue sem muitas interrupções (recorde-se que parece ser uma regularidade que à tarde o movimento de atendimento é significativamente menor). O conteúdo dos dossiers para entregar aos delegados é passado a

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada "pente fino", devidamente conferido e completado.

Pode-se constatar que nada fica ao acaso no processo encadeado que está a ser concebido, integrando a planificação das provas globais (concepção e realização), avaliação final e exames (equivalência à frequência e nacionais).

Às 15:15 entra uma Chefe de Departamento perguntando um detalhe sobre a reunião, percebendo-se, enfim, que afinal estes gestores intermédios e os Coordenadores de ano também vão estar na reunião.

CO - Note-se, que embora o suspeitasse, nunca estes cargos eram referidos na preparação em causa. Parece que o seu papel é minimizado (ou subalternizado) e o primado estratégico organizacional continua a ser o Grupo (disciplinar). Efectivamente, parece que pelo menos os Chefes de Departamento poderiam ter um papel de charneira no controlo (e apoio) do processo e de coordenação das diversas fases do mesmo. A tendência centralizadora da gestão e de escassa autonomia interna parece confirmar-se nas práticas de gestão que observei.

O processo de realização de provas globais é percorrido ao pormenor: a preparação, a matriz, a realização, a correcção, a recolha, as datas, etc, etc,

Não existe qualquer equipa de coordenação (secretariado), é o Dex, a PrCP e uma das Adj que têm a seu cargo a coordenação de todo o processo.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Uma das Adj, como tem um filho no 11º ano, tem incompatibilidades que justificam a sua não envolvimento no processo.

Terminei a observação, uma vez que havia necessidade de se deslocarem para a reunião, bem como, a título pessoal ser conveniente retirar-me e proceder de imediato (ou tão rapidamente quanto possível) à transcrição desta notas e de alguns comentários colaterais.

Nota final:

A 1ª fase de recolha de informação situou-se nos dias 10, 11 e 14 de Abril.

Serão oportunamente complementados com mais 2 dias após o esclarecimento da evolução do modelo.

RELATÓRIO
OBSERVAÇÃO DIRECTA
DIA 9 DE JUNHO

Introdução

Aguardei estes quase dois meses pela publicação de uma tomada de decisão formal da tutela sobre a problemática da gestão das escolas (e em particular sobre as escolas que testam o modelo consignado no DL 172/91).

Só no passado dia 2 foi publicado o Desp. Norm. 27/97 que consagra que no próximo ano lectivo será o ano de preparação da aplicação de um novo regime de autonomia e gestão das escolas. No nº 6 deste normativo vem implícito que existirá mais um ano de prorrogação dos mandatos nas escolas que testam o modelo previsto no supra-citado Decreto Lei.

CO - Na prática o ano lectivo 96/97 foi um ano de impasse, tal como o ano lectivo anterior. Este por causa da mudança de governo e das conclusões do relatório do CAA. Acresce a isto que presente ano nenhuma atitude clara foi tomada, sendo agora no final do ano lectivo que se vem estabelecer mais uma declaração de intenções para o próximo ano (certamente depois das eleições autárquicas). A importância estratégica da gestão das escolas não se compadece com hesitações e com impasses tão demorados como os que têm acontecido com os sucessivos governos/ministros que se vão sucedendo, sem uma corajosa intervenção nesta área.

Esta escola tem aguardado serenamente as medidas governamentais, porém, nota-se uma certa insatisfação relativamente à tutela e uma certa ansiedade para que se decida urgentemente sobre a direcção/gestão desta escola... estou curioso relativamente à forma como a escola vai reagir, optei por reservar um ou dois dias de observação final, neste contexto de "tempo eleitoral" que por tradição é o mês de Maio (este ano atrasado pelas hesitações da tutela).

As observações, depois de acordadas com o Dex e com o PrCE, situar-se-ão em 9 e 14 de Junho (só de manhã). Se existir alguma causa que o justifique poderemos proceder a um complemento da informação.

Observação

Ao chegar à escola cumprimentei a simpática telefonista da escola (l.) que durante oito meses, vezes sem conta, me atendeu o telefone, transferindo a ligação para o Dex, suas Adj, ou para o PrCE.

Fui encontrar o Dex às 9:30 a trabalhar à sua secretária, num ambiente descontraído. Em mangas de camisa, com uma gravata a condizer (meio desapertada), estava sózinho no gabinete, olhando para documentos relativos aos exames nacionais que se avizinham.

Depois dos naturais cumprimentos de circunstância, perguntei-lhe directamente como estava a ser encarada pela escola publicação do Des. Norm. 27/97, tendo-me surpreendido com a resposta de que os docentes do CE se haviam demitido em bloco (ou mais

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

correctamente, pedido a demissão), pois decidiram não aceitar a prorrogação do mandato, uma vez que já no ano transacto haviam tido um ano de prolongamento de mandato (em todos os cargos de direcção, gestão e intermédios).

Referiu que metade dos professores do CE não se importava de continuar se fosse o mesmo CE, mas os restantes foram peremptórios, pretendiam sair, pelo que o PrCE procedeu à convocação de eleições para os membros docentes. desencadeou o processo eleitoral no dia 4/6, convocando uma RGP.

Nessa reunião explicou a posição do CE ao corpo docente, bem como o processo de aparecimento de listas que terminará em 16/6 realizando-se as eleições a 19.

A gestão (Dex) continuará em funções, pois a DREA já informou o Dex que voltará a nomeá-lo por mais um ano lectivo.

As Adj, porém, não pretendem continuar e informaram dessa decisão o Dex que se debate assim uma dupla incógnita sobre o seu próprio futuro (apesar de já informalmente nomeado):

1-Quem serão os seus novos Adj? Nem todos interessam;

2-Qual será a composição do novo CE?

Se não vai ser fácil substituir duas colegas que durante tantos anos (cerca de 7) trabalham com o Dex em órgãos de gestão, não é menos verdade que aí, pelo menos, o Dex terá uma palavra a dizer; porém, as incógnitas relativas ao órgão de direcção, colocam ainda mais nervoso o Dex... pelo que pude constatar.

O Dex afirmou-me que "necessita de estar na posse de todos os dados" para poder reorganizar a gestão da escola. Por outro lado afirmou categoricamente que "não trabalha com qualquer pessoa"

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

(referindo-se essencialmente ao CE, segundo me explicou, pois os Adj pelo menos são escolhidos por ele, apesar de não ser fácil, certamente, porque a maioria das pessoas não vai aceitar só por um ano). Por fim referiu a título quase de desabafo que "há pessoas aqui dentro desta escola com que não me sento sequer à mesma mesa".

CO - Curiosas estas reticências, quando na retórica oficial desta escola, só se fala em consenso, raramente em conflitos... porém, o Dex recusa-se a sentar (sequer) à mesma mesa com certas pessoas... a tolerância, pelos vistos, é limitada.

Este momento muito complexo, com um trabalho intenso de grande responsabilidade, em que se cruza o final do ano lectivo, com a realização dos exames, bem com as actividades de preparação e arranque do próximo ano lectivo, não é o momento mais oportuno para esta instabilidade na escola.

Fomos interrompidos por um professor (desta escola) que vinha solicitar informações sobre um aluno, seu familiar, que queria vir para o 7º ano nesta escola. O Dex cuidadosamente explicou como se deveria proceder e, uma vez que o aluno era desta zona, não deveria haver qualquer problema. Terminou, tendo o cuidado de referir que que não lhe fazia favor nenhum, pois este era o procedimento de rotina nesta situação, uma vez que a sua zona de residência estava dentro da área de influência desta escola.

Fomos tomar um café ao bufete da escola. Nada transparecia de diferente na escola, o ambiente era perfeitamente normal nesta época de realização de provas globais na escola (era notório já

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
menos alunos nos corredores e no bufete... eventualmente estarão a
estudar para as provas ou a realizá-las).

CO - O Dex está apreensivo apesar de procurar não o demonstrar,
mas a sua longa tarimba dá-lhe perfeita consciência das dificuldades
que o esperam, mesmo com um CE favorável na sua perspectiva
(subjectiva), uma vez que de uma assentada perde as suas duas
colaboradoras de longa data. Parece-me que na mente do Dex,
embora não o queira demonstrar, a interrogação se ele mesmo deve
continuar é uma reflexão permanente que deve estar a equacionar.

No "bar" falei com o orientador de estágio de Física e Química que
havia conhecido... perguntei-lhe sobre a avaliação dos formandos
(estagiários). Respondeu-me que tudo já tinha terminado e tudo havia
corrido bem.

Encontrei depois um professor de Matemática que fora PrCP , com o
qual por vezes troco umas impressões, pois é amigo do Dex... estava
apressado porque "ía dar uma aula extra aos seus alunos do 12º
ano". (curiosamente pareceu-me que é uma prática vulgar na escola,
um esforço voluntário do professor e dos alunos para umas
derradeiras aulas nesta recta final a fim de estarem melhor
preparados para os exames nacionais... os professores não querem
ficar "mal vistos", pelo que anseiam, tal como os alunos, que estes
obtenham bons resultados nos exames).

Voltei a reencontrar o professor de EF desta escola que está a fazer o
mestrado na UM, tem sempre uma recomendação para fazer, uma
bibliografia adicional para me propor... não sei se para me ajudar se

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada para dar nas vista sobre o seu patamar científico. Começo a inclinar-me para esta última hipótese.

CO - Tive de me libertar habilmente deste docente porque é extremamente absorvente, não desliga de uma conversa com facilidade, expremindo-se com detalhes que embora sendo por vezes interessantes, escapam ao fulcro da minha observação. Parece-me que realmente mais do querer ajudar-me, como inicialmente ingenuamente pensei, visa alimentar o seu ego, uma vez que parece encarar o mestrado como uma obsessão quase doentia.

Ao voltar ao gabinete do Dex este já se encontrava sentado à secretária trabalhando na serenidade do seu gabinete por ora calmo. Pediu-me cordialmente que aguardasse um pouco, só enquanto redigia um ofício e enviava um fax urgente. Não podia deixar de notar que é o próprio Dex que tem por vezes de enviar um simples fax, eventualmente para poupar tempo... ainda por cima foi-se queixando que é muito lento... o que lhe traz acréscimo de tempo na operação de envio.

CO - Se o fax estivesse na secretaria não poderia tal tarefa ser desenvolvida por um funcionário administrativo. São estes pormenores que por vezes me desconcertam neste Dex, efectivamente é eficiente, trabalhador, domina a sua função quase na perfeição, porém, gere a escola de forma que na prática se afasta um pouco do seu discurso de qualidade e eficácia.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Chegaram as Adj. Uma acabara de dar uma aula extra ao 12º ano... outra trazia um encantador ramo de flores, onde a cor dominante era o amarelo. O ramo de flores, de tão exuberante, despertou a atenção de todos nós, em especial um elogio galante do Dex. Foi então que confessou que fazia anos pelo que os presentes lhe deram os parabéns, um beijinho meigo que entre amigos se trocam... então reparei melhor e não pude deixar de notar que ela hoje se encontrava impecavelmente vestidas, como a maioria das senhoras tão bem sabe fazer.

Pouco tempo depois ambas as Adj. estavam a trabalhar sobre o processo de avaliação em curso (provas globais e conselhos de turma relativos ao 3º momento de avaliação).

O ambiente continuava a ser de trabalho, refugiei-me no meu recanto de observação para poder ver detalhadamente a dinâmica de funcionamento do órgão de Gestão, embora esperasse um bom pretexto para estabelecer diálogo com uma das Adj, uma vez que gostaria de saber um pouco mais sobre a sua decisão de não aceitar continuar a exercer as funções de Adj.

Entrou uma professora que me foi apresentada especificamente como a Coordenadora do Serviço de Exames; observei que era bastante obesa, embora muito simpática. Sentou-se na pontinha da cadeira em frente do Dex; eu estava sempre à espera da cadeira cair... mas lá foi trabalhando com o Dex na organização do serviço de exames (e não caiu da cadeira).

Uma funcionária administrativa que já conhecia e que apresenta um quadro clínico com alguns sinais de perturbações psíquicas ou emocionais, interrompeu os trabalhos sobre os exames e veio

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

informar o Dex que o computador “dela” se havia avariado, perguntando ao Dex se “o Sr. Dr não poderia comprar-lhe um novo?”. O Dex com tolerância e compreensão respondeu-lhe brincando um pouco com as palavras, mas sem ofender a pessoa: “que também ele gostava de ter um novo computador mas que não havia dinheiro”. Por fim pediu-lhe para falar com o CSAE, e que por agora o deixasse trabalhar, porque tinha coisas muito urgentes para tratar. A Sr^a lá saiu falando sózinha!

Aproveitando um momento em que a Coordenadora do Secretariado de Exames se retirou um pouco do gabinete, peguntei ao Dex o que se passaria se não existissem listas para o CE? Respondeu-me que em rigor ninguém sabia o que se passaria então... mas o que interessa ao “ME é que esteja assegurada a gestão da escola” (Dex), isto foi o que lhe disse um Secretário de Estado muito recentemente.

CO - Se é a própria tutela que desvaloriza a direcção da escola para quê dar a cara e apresentar listas, enfim participar no processo eleitoral? Note-se que talvez não seja uma extrapolação muito abusiva referir que o País também não precisaria muito de Assembleia da República, nem se calhar de Secretários de Estado, bastaria um governo pequeno (e barato).

O Dex acrescentou ainda que se previam dificuldades, nomeadamente, a designação dos representantes dos interesses económicos e culturais.

Declarou ainda que continua esperançado que o actual PrCE apresentará uma lista, pelo menos em último caso, se não existir

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
outra alternativa.

Pedi directamente ao Dex para caso não fosse possível hoje encontrar o PrCE, se me ajudava a marcar uma conversa semelhante com ele a fim de registar igualmente alguns depoimentos contendo a sua versão dos acontecimentos, as suas expectativas, etc
Como sempre acedeu prestável e disponível.

CO - Confrontar as versões será interessante, não por recear qualquer falta de verdade nas palavras do Dex, mas porque são duas visões distintas da problemática que se complementam mutuamente, sem necessariamente se contradizerem, mas possivelmente sem serem unânimes.

Como o Dex retomou as suas funções de preparação do serviço de exames com a coordenadora do secretariado de tal serviço, retomei a minha posição de observador e fui ouvindo a preparação da distribuição de serviço pelos professores coadjuvantes, vigilantes, elementos do secretariado, etc. Tudo é encarado com detalhe e grande rigor, especialmente nesta matéria de exames, porém mantém-se a tendência da posição centralizadora do Dex.

Nada parece ser deixado ao acaso, até o detalhe das salas, as suas plantas, a sua localização, onde ficam os professores coadjuvantes, onde estão os suplentes, onde é o secretariado, quais as medidas de segurança a tomar e de garantia do sigilo... tudo é demoradamente discutido com um detalhe profissional.

CO - Talvez a minha condição de membro da IGE, que é do conhecimento reservado do Dex, que ademais é suposto que irá a curto prazo desencadear uma intervenção nacional, contendo todo o universo das escolas que realizam exames, com uma finalidade sobretudo fiscalizadora, tenha contribuído para o Dex se envolver neste detalhe, aparentemente quase exagerado. Porém não é essa a minha interpretação, parece-me que efectivamente está dentro do espírito e da prática deste Dex, evidencia uma certa incoerência entre o discurso apresentado (bem elaborado e sempre politicamente correcto) e as práticas poucos (ou nada) descentralizadoras onde a autonomia que tanto exige para a escola e que representa uma fatia de poder, é concentrada nele, ou no triunvirato (Dex, PrCE e PrCP), que é por si inteiramente dominado.

Durante este trabalho de reflexão, surgiu a PrCP que trocou algumas impressões com o Dex, tendo este procurado envolvê-la no processo que diante de mim decorria; solicitou-lhe a sua disponibilidade para vir de tarde participar no delineamento fino de todas as tarefas pelos múltiplos professores envolvidos no processo de exames. Registei que esta aceitou de imediato, sem a mínima hesitação pelas tarefas acrescidas que isso representava.

CO - Efectivamente, são detalhes deste tipo que revelam que a PrCP é uma apoiante incondicional do Dex, pelo que um pedido seu é quase uma "ordem"... porém a tal descentralização que referi e que poderia tão simplesmente traduzir-se em que uma equipa do

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada secretariado propunha a distribuição de serviço, que seria analisada pelo Dex e, eventualmente, pela PrCP... nunca é praticada (nem dela se fala).

Uma das Adj terminara de acertar uns pormenores no calendário das reuniões dos CT (3º momento de avaliação) e preparava-se para ir pessoalmente afixar na sala de professores. O trabalho do Dex estava envolvido em pormenores que não registo, porque despropositados, para o âmbito desta investigação, pelo que solicitei à Adj se não via inconveniente em que a acompanhasse.

CO - Efectivamente era importante ouvi-la em particular sobre a razão do "abandono" do Dex. Foi com esta Adj que sempre mantive uma relação de diálogo mais estreito (foi a que entrevistei) e parece que de certa forma é uma espécie de "vice". Queria registar ainda, que estes pormenores com a afixação por mão própria, por vezes me surpreendiam desfavoravelmente em relação a esta equipa, que tanto dava provas de elevada eficácia, como por vezes de alguma desorganização interna.

Pelos corredores mais ou menos desertos fui procurando introduzir o tema indirectamente, enquanto nos encaminhávamos para a sala de professores... parámos um pouco a meio de um longo corredor e ela enfim falou-me da sua eminente saída de Adj... "tinha muita pena de deixar o Dex, mas estavam muito cansada.... há mais de 7 anos que está ininterruptamente na gestão" desta escola (mesmo antes da vigência deste modelo) ... referiu ainda, que o mesmo argumento

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

havia sido utilizado pela outra Adj, estavam muito cansadas de anos sucessivos de gestão desta escola... e depois havia as aulas, as responsabilidades de terem ambas 12º ano, referiu que no caso da sua disciplina (Física e Química) eram matérias de grande exigência que requeriam muito esforço... pelo que concluiu que está na hora de se retirar da gestão.

Já este ano não queria ficar, mas foi um ano de prorrogação de mandato, ainda suportou por solidariedade com o Dex com quem durante tantos anos havia trabalhado... mas mais um ano era demais! Não se sentia com forças (físicas e anímicas) para continuar... não tem incentivos, o modelo extingue-se, a nomeação não lhe agrada... para além disso está saciada de tantos anos de gestão.

Depois retomámos o caminho para o nosso destino. Ajudei-a a retirar o calendário afixado e a substituí-lo pelo novo calendário com pequenas alterações. A Adj falou com alguns (poucos) professores que estavam na sala (que era demasiado pequena para a dimensão da escola).

Voltámos à sala da gestão. O Dex estava a terminar os trabalhos preparatórios sobre os exames, pois estávamos quase na hora de almoço. Aproveitei a ocasião para me despedir, lembrando que voltaria noutra manhã para falar com o PrCE, mas que gostaria de voltar a passar por aqui, para falar com o Dex.

Obviamente a resposta era a que eu esperava: "o gabinete está sempre às ordens para mim, quando quiser aparecer".

Depois do ritual da despedida, que hoje trouxe o Dex até à porta da escola, fui caminhando em direcção ao carro pensativo... havia qualquer coisa no ar que me levava a suspeitar que a escola estava

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada prestes a entrar em ebulição.

Mas o verde que sempre me fascinou nesta escola, permanece indiferente!

RELATÓRIO
OBSERVAÇÃO DIRECTA
12 JUNHO 97

Ao chegar à escola aguardei alguns momentos pelo PrCE. Quando chegou e depois dos normais cumprimentos convidou-me para o acompanhar até ao gabinete do CE. Colocámos as pastas e fomos tomar um café antes de começarmos a conversar.

O PrCE ainda não havia tomado o seu pequeno almoço, pelo que aproveitou a ocasião para o fazer. Eu tomei o meu habitual café da manhã. A conversa informal ocorreu dentro do tema saúde, pois o PrCE andava com alguns problemas com as suas cordas vocais, alergia ao pó do giz... enquanto falávamos, fomos encaminhando, de novo, para o gabinete da direcção, o qual além de uma secretária e alguns armários, tinha um conjunto de mesas formando uma ampla mesa rectangular, toda ela envolvida por cadeiras, onde reunia habitualmente o CE. Foi aliás nesta sala onde entrevistei a maioria dos elementos (internos) do CE (ver pág. 16 - OD).

Pouco a pouco, e com alguma informalidade, fomos entrando no tema que aqui me trazia: recolher depoimentos dos principais responsáveis da escola, sobre a publicação do Desp Norm. 27/97.

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

Começou-me por referir que o processo eleitoral para eleger os elementos docentes do CE decorria até 16 de Junho.

Explicou-me que este ano não tinha sido possível (nem ele quis) repetir as pressões que teve de exercer no ano transacto, uma vez que a situação na altura era muito delicada com a demissão do Dex e, por solidariedade, do CP.

CO - Recordo que se tratou da questão da representatividade da escola. Donde decorre que actualmente o Dex está nomeado pelo DRE respectivo.

Este ano foi o CE que tomou a iniciativa de se demitir, pois os elementos docentes do CE estavam saciados de tanta hesitação. Já em Março, quando da publicação da circular da DRE, o CE deixou antever a possibilidade de não suportar mais um ano de prorrogação de mandato. As pessoas não gostaram deste impasse. Um ano inteiro sem se avançar nada, sem uma consulta, uma explicação às escolas e agora... novo adiamento!

Aliás consideram que o próprio desp. normativo é uma confusão... remetendo para o seu último parágrafo, a alusão indirecta a esta experiência.

CO - Pessoalmente estou perfeitamente em sintonia com a sensibilidade dos professores do CE. Efectivamente estas escolas mereciam um tratamento especial, porque ousaram participar numa experiência, que com lados positivos e outros negativos, decorreu, foi avaliada e sem qualquer consideração pelos intervenientes

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada

(HUMANOS) que nela participara, prepara-se a tutela para alterar (eventualmente radicalmente) o modelo proposto, sem uma palavra de debate e concertação, com os actores directos que nela intervieram.

Não admira que alguns dos docentes deste CE se considerem "cobaias" a abater, porque se terminou a exp^a.

Não admira que outros falem de "funeral" (aliás muito prolongado, com a inevitável dor a ser desnecessariamente arrastada); parece que os nossos governantes não sabem o que fazer, ou não existe a coragem de tomar decisões que alterem radicalmente a gestão das escolas.

No CE havia 3 pessoas (segundo me explicou) que aceitavam continuar, mas 4 ou 5 dos professores estavam irredutíveis. O Pr queria uma posição inequívoca e todos os elementos acabaram por se demitir. Já não há suplentes para entrar em substituição dos eventuais demissionários... pelo que decidi enquanto presidente, demitir-se igualmente, com os seus colegas docentes, embora continue a assegurar o processo eleitoral.

Pedi-lhe se me permitia ver as actas, mas estas estão muito atrasadas na sua redacção (Última acta nº 42-Nov96), pelo que não possível confrontar este debate com o que havia sido transcrito pela secretária (permanente).

Explicou-me que o funcionário do CE continuava e que os outros elementos, tem esperança que se mantenham em funções; senão a entropia ainda é crescente.

Explicou-me então com detalhe as 4 alternativas que se colocaram

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada no CE como possíveis soluções para a ultrapassagem desta nova crise:

- 1-O CE aceitar o despacho;
- 2-O CE sujeitar-se a um referendo da escola para continuar em funções;
- 3-Demissão pura e simples;
- 4-Formar nova lista e submetê-la a sufrágio;

Foi a opção 3 que o CE tomou: Os seus membros docentes demitiram-se.

O processo de constituição de listas decorrerá até dia 16/6.

As eleições serão dia 19 do corrente.

CO - Tinha planeado terminar a recolha de dados aquando da publicação da nova legislação sobre a gestão das escolas, ou na sua ausência (como se verificou) do normativo que a tutela emitisse sobre as eleições para 97/98 (Disp. Norm. 27/97). Ouvir o Dex e o PrCE seria as últimas diligências de pesquisa de dados, porém, parece-me agora essencial, voltar mais uma vez para saber, se haverá listas, se o Dex aceita o novo CE sem se demitir, uma vez que não foi ele que o escolheu, ou outros factos relevantes para o culminar desta investigação.

O PrCE afirmou perante mim que "não tenciona apresentar lista de sua iniciativa, em qualquer situação". No dia 4 do corrente houve uma RGP para informar os professores do que se passava. Interromperam (PrCE e Dex) as aulas para fazer a reunião. Ainda houve alguma contestação isolada a este facto, pois alguns escassos professores

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada não acreditaram que "fosse só po isso" que se interrompiam as aulas, um momento como este.

O PrCE, porém, continua a alegar que havia necessidade de informar a escola (leia-se os professores). Referiu que a acalmia na RGP foi muito grande (talvez "demasiado grande", segundo a sua opinião). Interrogou-se perante mim qual seria o significado desta passividade: "abstenção do problema ou aproveitar para uma nova oportunidade"... queria dizer, a meu ver, que encara a possibilidade de uma alternativa, digamos um "take over".

Perguntei-lhe ainda o que tinha em mente se não aparecesse lista. Disse muito reservadamente e claramente preocupado com essa possibilidade que poderia ser forçado a apresentar uma lista, pois teme que sem CE o DEX se demita e ele como é dos mais antigos... nem quer ouvir falar em ser nomeado para a gestão. Aposentar-se-ia quase de imediato! (tem quase 60 anos de idade e 36 de serviço... e não hesitaria numa situação dessas em sair!)

Reconheceu ainda que pode haver outro problema.

Mesmo que houvesse uma lista... o Dex não trabalhará com qualquer CE.

De igual modo, se ele por absurdo avançasse com uma lista, não lhe interessaria qualquer Dex...

Se o Dex não aceitar ficar nomeado, tal impasse é muito nefasto para a escola, sobretudo nesta fase do ano...

CO - Só o facto do PrCE colocar esta hipótese leva-me a suspeitar que o Dex não tem neste momento a certeza se fica... está apenas atento ao desenrolar dos acontecimentos e aguardando a melhor

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada
oportunidade para decidir.

Perguntei-lhe pelo processo eleitoral, as Ordens de Serviço, as
convocatórias, a acta da RGP...

Nada existe. Não há acta e não há convocatória para “não pressionar
ninguém”.

Explicou-me de novo o processo: a RGP para informar os docente e
marcar a data das eleições (tudo verbal), o anúncio da demissão,
afixou-se na sala de professores, após a RGP, como será o processo
eleitoral... “não quis fazer uma ordem de serviço, pois parecia que
estava a forçar”.

Adiantou ainda que a PrAPEE o havia pressionado para apresentar
nova lista para o CE... mas não, custa-lhe muito, pois não se chegou
ao fim do projecto (experiência NMG), mas ambos os governos o
deixaram cair em sucessivos impasses .

Apresentou por fim 3 horizontes (cenários possíveis):

1-Surge uma lista para o CE com a qual o Dex não se importa de
continuar e novos desafios se colocam: reformulação do PE,
aprovação do RIE, novo PAE, etc.

2-Não aparece lista ou não é eleita, o actual CE mantém-se em
funções até se resolver o impasse; o DRE nomeará uma “Comissão”
ou como lhe queiram chamar, para servir de direcção.

3-Surge uma lista e ganha e o Dex não quer continuar, porque há
elementos na escola com os quais o Dex não trabalha, nem se senta
sequer à mesma mesa.

Concluiu que a culpa disto tudo é dos governos, quer deste quer do
anterior que deixaram as escolas experimentadoras cair neste

A era da Comunidade Educativa ter voz na Escola Participada impasse. Poderiam por exemplo ter acontecido eleições no ano lectivo transacto.

Despedi-me do PrCE. Antes de partir ainda me despedi também do Dex que me informou que constava na escola que iria aparecer pelo menos uma lista.

Era essencial regressar.

Nota: Só regressei pra escrever o epílogo deste estudo, não tendo registado protocolos/transcrições do observado.

DOMINGOS ALBERTO BENTO

A ERA DA
COMUNIDADE EDUCATIVA
TER VOZ
NA ESCOLA PARTICIPADA

VOLUME III

ANÁLISE
DOCUMENTAL
(Índice dos documentos)

ÉVORA -1998

ÍNDICE DE DOCUMENTOS DO CORPUS VOL III - ANÁLISE DOCUMENTAL

*Relatórios do Director Executivo (sínteses e extractos de 10 relatórios)	1 - 51
*Actas do Conselho de Escola (até Setembro de 96)	52 - 254
*Auto avaliação do Conselho de Escola	255 - 261
*Avaliação do Novo Modelo de Direcção, Administração e Gestão	262 - 278
*Programa do painel/debate	279
*Avaliação do Novo Modelo de Gestão - Questionário	280-292
*Resultados dos questionários	293-303
*Circular 10/97 DRE	305-306
*Ofício da escola com importância na investigação	307-337
*Classificador de documentos orientador da pesquisa documental	338-350
*Projecto Educativo	351-368
*Regulamento Interno (pré-projecto)	369-402
*Plano de Actividades - ano lectivo 96/97	403-434
*Plano de Actividades - ano lectivo 97/98	435-469
*Projecto de Orçamento - 97	470-471
*Orçamento da escola - 97	473-482
*Projecto de Orçamento (mapas)	483-496
*Estatísticas regionais	497-510

